

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ANGLÍSTICOS



O AUTOR ANÓNIMO.

A INVISIBILIDADE DO TRADUTOR NO CONTEXTO PORTUGUÊS.

DISSERTAÇÃO CO-ORIENTADA POR

PROFESSOR JOÃO DUARTE

PROFESSORA ALEXANDRA ASSIS ROSA

SUSANA VALDEZ

MESTRADO EM ESTUDOS ANGLÍSTICOS

LINGUÍSTICA APLICADA

2009

ÍNDICE

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES	4
LISTA DE SIGLAS MAIS UTILIZADAS.....	8
AGRADECIMENTOS	9
RESUMO	10
RESUMEN	11
ABSTRACT.....	12
1. INTRODUÇÃO.....	13
1.1. MOTIVAÇÃO TEÓRICA.....	15
1.2. O PROJECTO.....	16
1.3. A ESTRUTURA DA TESE.....	16
2. A IMAGEM DO TRADUTOR ESPELHADA NA COMUNICAÇÃO SOCIAL	18
2.1. INTRODUÇÃO	19
2.2. DEFINIÇÃO E DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	19
2.2.1. DELIMITAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	21
2.2.2. DEFINIÇÃO DE TEXTO TRADUZIDO	23
2.3. TIPOLOGIA DE <i>CORPORA</i>	25
2.4. CLASSIFICAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	28
2.5. CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	28
2.6. APRESENTAÇÃO DE DADOS.....	32
2.7. ANÁLISE DE DADOS.....	34
2.8. CONCLUSÕES.....	49
3. A INVISIBILIDADE DO TRADUTOR	51
3.1. INTRODUÇÃO.....	52

3.2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	52
3.3. LAWRENCE VENUTI E A INVISIBILIDADE DO TRADUTOR.....	56
3.4. INFLUÊNCIAS.....	58
3.4.1 FRIEDRICH SCHLEIERMACHER.....	58
3.4.2. ANTOINE BERMAN.....	59
3.5. A ESTRATÉGIA DE DOMESTICAÇÃO E DE ESTRANGEIRIZAÇÃO	61
3.6. AS ESTRATÉGIAS E AS NORMAS DE TRADUÇÃO.....	63
3.7. PERSPECTIVAS CRÍTICAS	65
3.8. O CASO PORTUGUÊS.....	68
3.9. CONCLUSÕES.....	72
4. AUTORIA E AUTORIDADE	74
4.1. INTRODUÇÃO	74
4.2. O PODER AUTORAL.....	75
4.3. DIFFÉRENCE	80
4.4. O TRADUTOR – UMA SEGUNDA VOZ	84
4.5. O TRADUTOR – UM AGENTE DE PODER.....	85
4.6. CONCLUSÕES.....	87
5. CRÍTICA DE TRADUÇÃO	90
5.1. INTRODUÇÃO	91
5.2. AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE TRADUÇÃO	91
5.2.1 O MODELO DE ANÁLISE DE HOUSE (1997)	97
5.3. CRÍTICA INFORMADA.....	100
5.3.1. PROPOSTA	102
5.4. CONCLUSÕES.....	105
6. CONCLUSÕES.....	107
BIBLIOGRAFIA.....	113

ANEXO A	122
ANEXO B	140
ANEXO C.....	144
ANEXO D	149
ANEXO E.....	151

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 - Evolução Trimestral da Audiência Média de Publicações Especializadas (Markttest).....	21
Tabela 2 - Análise das obras traduzidas vs. as obras não traduzidas em recensões críticas do <i>Expresso</i> de 1998 a 2007.....	32
Tabela 3 - Análise das recensões críticas de obras traduzidas com referência bibliográfica completa e com referência no corpo do texto ao papel do tradutor do <i>Expresso</i> de 1998 a 2007	32
Tabela 4 - Análise das recensões críticas de obras não traduzidas em língua portuguesa vs. as obras não traduzidas noutra língua do <i>Expresso</i> de 1998 a 2007	33
Tabela 5 - Análise das capas reproduzidas em recensões críticas de obras traduzidas do <i>Expresso</i> de 1998 a 2007	33
Tabela 6 - Percentagem das recensões críticas a obras traduzidas que reproduzem a capa	34
Figura 1 – Análise das obras traduzidas vs. as obras não traduzidas em recensões críticas do <i>Expresso</i> de 1998 a 2007.....	34
Figura 2 – Esquema ilustrativo dos níveis de crítica existentes no campo de produção, segundo Van Rees (1983)	37
Figura 3 - Análise das recensões críticas de obras traduzidas com referência bibliográfica completa e com referência no corpo do texto ao papel do tradutor do <i>Expresso</i> de 1998 a 2007	38
Figura 4 – Imagem da capa de <i>Os Sonetos de Shakespeare</i> de Vasco Graça Moura.....	45
Figura 5 – Análise das recensões críticas de obras não traduzidas em língua portuguesa vs. as obras não traduzidas noutra língua do <i>Expresso</i> de 1998 a 2007	46
Figura 6 – Análise das capas reproduzidas em recensões críticas de obras traduzidas do <i>Expresso</i> de 1998 a 2007	48
Figura 7 – Imagem da capa de <i>Furor e Mistério</i> de René Char (edição de 03-02-2001)	49
Tabela 7 – Esquema de análise e comparação do TP e do TC (House 1997:108)	98
Tabela 8 – Análise das obras traduzidas vs. as obras não traduzidas em recensões críticas em 1998.....	122
Tabela 9 – Análise das recensões críticas de obras traduzidas com referência bibliográfica completa e com referência no corpo do texto ao papel do tradutor em 1998	122
Tabela 10 – Análise das recensões críticas de obras não traduzidas em língua portuguesa vs. as obras não traduzidas noutra língua em 1998	123

Tabela 11 - Análise das capas reproduzidas em resenhas críticas de obras traduzidas em 1998	123
Tabela 12 - Análise das obras traduzidas vs. as obras não traduzidas em resenhas críticas em 1999	124
Tabela 13 - Análise das resenhas críticas de obras traduzidas com referência bibliográfica completa e com referência no corpo do texto ao papel do tradutor em 1999	124
Tabela 14 - Análise das resenhas críticas de obras não traduzidas em língua portuguesa vs. as obras não traduzidas noutra língua em 1999	125
Tabela 15 - Análise das capas reproduzidas em resenhas críticas de obras traduzidas em 1999	125
Tabela 16 - Análise das obras traduzidas vs. as obras não traduzidas em resenhas críticas em 2000	126
Tabela 17 - Análise das resenhas críticas de obras traduzidas com referência bibliográfica completa e com referência no corpo do texto ao papel do tradutor em 2000	126
Tabela 18 - Análise das resenhas críticas de obras não traduzidas em língua portuguesa vs. as obras não traduzidas noutra língua em 2000	127
Tabela 19 - Análise das capas reproduzidas em resenhas críticas de obras traduzidas em 2000	127
Tabela 20 - Análise das obras traduzidas vs. as obras não traduzidas em resenhas críticas em 2001	128
Tabela 21 - Análise das resenhas críticas de obras traduzidas com referência bibliográfica completa e com referência no corpo do texto ao papel do tradutor em 2001	128
Tabela 22 - Análise das resenhas críticas de obras não traduzidas em língua portuguesa vs. as obras não traduzidas noutra língua em 2001	129
Tabela 23 - Análise das capas reproduzidas em resenhas críticas de obras traduzidas em 2001	129
Tabela 24 - Análise das obras traduzidas vs. as obras não traduzidas em resenhas críticas em 2002	129
Tabela 25 - Análise das resenhas críticas de obras traduzidas com referência bibliográfica completa e com referência no corpo do texto ao papel do tradutor em 2002	130
Tabela 26 - Análise das resenhas críticas de obras não traduzidas em língua portuguesa vs. as obras não traduzidas noutra língua em 2002	130

Tabela 27 - Análise das capas reproduzidas em resenhas críticas de obras traduzidas em 2002	131
Tabela 28 - Análise das obras traduzidas vs. as obras não traduzidas em resenhas críticas em 2003	131
Tabela 29 - Análise das resenhas críticas de obras traduzidas com referência bibliográfica completa e com referência no corpo do texto ao papel do tradutor em 2003	132
Tabela 30 - Análise das resenhas críticas de obras não traduzidas em língua portuguesa vs. as obras não traduzidas noutra língua em 2003	132
Tabela 31 - Análise das capas reproduzidas em resenhas críticas de obras traduzidas em 2003	133
Tabela 32 - Análise das obras traduzidas vs. as obras não traduzidas em resenhas críticas em 2004	133
Tabela 33 - Análise das resenhas críticas de obras traduzidas com referência bibliográfica completa e com referência no corpo do texto ao papel do tradutor em 2004	134
Tabela 34 - Análise das resenhas críticas de obras não traduzidas em língua portuguesa vs. as obras não traduzidas noutra língua em 2004	134
Tabela 35 - Análise das capas reproduzidas em resenhas críticas de obras traduzidas em 2004	134
Tabela 36 - Análise das obras traduzidas vs. as obras não traduzidas em resenhas críticas em 2005	135
Tabela 37 - Análise das resenhas críticas de obras traduzidas com referência bibliográfica completa e com referência no corpo do texto ao papel do tradutor em 2005	135
Tabela 38 - Análise das resenhas críticas de obras não traduzidas em língua portuguesa vs. as obras não traduzidas noutra língua em 2005	136
Tabela 39 - Análise das capas reproduzidas em resenhas críticas de obras traduzidas em 2005	136
Tabela 40 - Análise das obras traduzidas vs. as obras não traduzidas em resenhas críticas em 2006	137
Tabela 41 - Análise das resenhas críticas de obras traduzidas com referência bibliográfica completa e com referência no corpo do texto ao papel do tradutor em 2006	137
Tabela 42 - Análise das resenhas críticas de obras não traduzidas em língua portuguesa vs. as obras não traduzidas noutra língua em 2006	137

Tabela 43 - Análise das capas reproduzidas em resenhas críticas de obras traduzidas em 2006	138
Tabela 44 - Análise das obras traduzidas vs. as obras não traduzidas em resenhas críticas em 2007	138
Tabela 45 - Análise das resenhas críticas de obras traduzidas com referência bibliográfica completa e com referência no corpo do texto ao papel do tradutor em 2007	139
Tabela 46 - Análise das resenhas críticas de obras não traduzidas em língua portuguesa vs. as obras não traduzidas noutra língua em 2007	139
Tabela 47 - Análise das capas reproduzidas em resenhas críticas de obras traduzidas em 2007	139

LISTA DE SIGLAS MAIS UTILIZADAS

EDT – Estudos Descritivos de Tradução

TC – Texto de chegada

TP – Texto de partida

AGRADECIMENTOS

O meu primeiro agradecimento não pode deixar de ir para a Professora Alexandra Assis Rosa que ao longo destes longos anos em que sou sua aluna – desde a licenciatura, passando pela pós-graduação e, por fim, mestrado – abriu o caminho para ser a tradutora e investigadora que sou. Ao Professor João Duarte devo a curiosidade, o conhecimento e a visão.

Agradeço ainda aos meus pais – pelo apoio e incentivo incondicionais -, ao meu marido - pela paciência e compreensão -, e a todos os meus colegas de mestrado e amigos que, quer tenham consciência ou não, tornaram possível a minha progressão e criaram um ambiente de estabilidade para poder avançar com este trabalho.

RESUMO

A literatura traduzida ocupa indiscutivelmente uma posição importante no polissistema literário das culturas nacionais, em geral, e na cultura portuguesa, em particular. A investigação levada a cabo no âmbito dos Estudos Descritivos de Tradução, influenciada pela teoria dos polissistemas (Even-Zohar 1990), conseguiu ultrapassar a necessidade de provar a importância e o impacto da tradução na cultura de chegada (Zurbach 2001:93). Apesar desta consciência por parte da comunidade científica dos Estudos de Tradução, a imagem do tradutor em Portugal, tal como vista pela comunidade portuguesa, aponta para a existência de uma clara dicotomia entre o papel do tradutor e a percepção do mesmo. Tal como sugerido por Rosa (2006:90), é provável que o reportório português contemporâneo dependa fortemente de literatura traduzida, não só em termos da oferta, mas também no que toca às preferências dos consumidores. Por outro lado, Dias (2006) indica que o perfil do tradutor actual, tal como presente em anúncios de emprego publicados pelo *Expresso* entre 2000 e 2004, é desfasado da realidade e espelha a imagem negativa do tradutor vigente na sociedade portuguesa contemporânea.

Tendo em conta o conceito de invisibilidade e o trabalho desenvolvido por Lawrence Venuti (1995), o presente estudo, que procura ser descritivo, tem como objectivo principal verificar qual é a imagem do tradutor através da análise de recensões críticas de obras literárias e técnicas publicadas no jornal *Expresso* entre 1998 e 2007.

RESUMEN

La literatura traducida ocupa, indiscutiblemente, una posición importante en el polissistema literario de las culturas nacionales, en general, y en la cultura portuguesa, en particular. La investigación llevada a cabo en el ámbito de los Estudios Descriptivos de Traducción, influenciada por la teoría de los polissistema (Even-Zohar 1990), ha logrado superar la necesidad de comprobar la importancia y el impacto de la traducción en la cultura de llegada (Zurbach 2001:93). No obstante esta conciencia por parte de la comunidad científica de los Estudios de Traducción, la imagen del traductor en Portugal, tal y como la ve la comunidad portuguesa, apunta a la existencia de una clara dicotomía entre el rol del traductor y la percepción del mismo. Como lo propone Rosa (2006:90), es probable que el repertorio portugués contemporáneo dependa fuertemente de literatura traducida, no sólo en lo que respecta a la oferta, sino también con relación a las preferencias de los consumidores. Por otra parte, Dias (2006) indica que el perfil del traductor actual, además de presente en anuncios de empleo publicados por *Expresso* entre 2000 y 2004, no está conforme a la realidad y refleja la imagen negativa del traductor vigente en la sociedad portuguesa contemporánea.

Teniendo en cuenta el concepto de invisibilidad y el trabajo desarrollado por Lawrence Venuti (1995), el presente estudio, que busca ser descriptivo, tiene como objetivo principal verificar cual es la imagen del traductor mediante el análisis de recensiones críticas de obras literarias y técnicas publicadas en el periódico *Expresso* entre 1998 y 2007.

ABSTRACT

Undeniably, translated literature occupies an important position in the literary polysystem of national cultures, in general, and in the Portuguese culture, in particular. Research carried out within Descriptive Translation Studies, influenced by the polysystem theory (Even-Zohar 1990), has apparently taken us beyond the point of having to prove the translator's impact and importance in the target culture (Zurbach 2001:93). Despite this conscience shared by the Translation Studies scientific community, the translator's image in Portugal, as it is viewed by the Portuguese community, suggests a distinct dichotomy between the role and the image of the translator. As Rosa suggests (2006:90), the Portuguese contemporary repertoire probably strongly depends of translated items, not only concerning the market's offer, but also regarding consumer preferences. On the other hand, Dias (2006) points out that the contemporary translator's profile, as presented in the employment advertisements published by the newspaper *Expresso* between 2000 and 2004, is not in line with reality and mirrors the current translator's negative image in the Portuguese contemporary society. Bearing in mind the invisibility concept and the work developed by Lawrence Venuti (1995), the main goal of this descriptive work is to confirm what is the translator's image through the analysis of reviews published in the newspaper *Expresso* between 1998 and 2007.

1. INTRODUÇÃO

A actividade da tradução, apesar do seu papel importante enquanto processo comunicativo intercultural, nem sempre mereceu por parte da comunidade científica especial reconhecimento. De facto, a tradução era normalmente estudada caso a caso, como se de um fenómeno pontual e marginal se tratasse.

Foi sobretudo a partir da década de 70 do século XX que se verificou uma afirmação progressiva da tradução enquanto disciplina de pleno direito, de tal maneira que J. S. Holmes sentiu a necessidade de procurar estabelecer a denominação da própria disciplina num artigo que hoje é considerado o fundador dos Estudos de Tradução (1988: 67-80).

Rejeitando a visão normativa e assumindo uma abordagem descritiva, o trabalho de Itamar Even-Zohar, em geral, e a sua teoria dos polissistemas, em particular, marcaram o início de uma nova abordagem do estudo da tradução. A literatura traduzida é um sistema autónomo e activo, presente em qualquer polissistema literário e pode actuar como fonte de inovação.

Toury Gideon, inspirando-se no trabalho de Even-Zohar, concebe a actividade da tradução e dos seus produtos como factores de mudança na cultura de chegada. Segundo Toury, em *Descriptive Translation Studies and Beyond*, as traduções são: "facts of target cultures; on occasion facts of a special status, sometimes even constituting identifiable (sub)systems of their own, but of the target culture in any event." (1995a: 29)

Ou seja, a tradução "não é uma actividade neutra, nem inocente, nem transparente", tal como Susan Bassnett afirma (2001: 310). Como tal, tem implicações culturais. Nesta perspectiva, o tradutor é um agente que desempenha um papel social e, desta forma, executa uma função que é determinada pela comunidade. Não se trata apenas de transferir texto de um idioma para outro, sendo, portanto, necessário adquirir um conjunto de normas, de modo a determinar qual é o comportamento tradutório apropriado numa determinada comunidade.

Foi este movimento que, segundo Laviosa (2006), desviou a análise tradicional de textos de partida individuais *versus* as suas traduções para o estudo de textos traduzidos. A presente análise propõe que as atenções sejam mais uma vez desviadas,

mas, desta vez, para o estudo do estatuto do tradutor.

1.1. MOTIVAÇÃO TEÓRICA

A investigação levada a cabo no âmbito dos Estudos Descritivos de Tradução (EDT), influenciada pela teoria dos polissistemas (Even-Zohar 1990), conseguiu ultrapassar a necessidade de provar a importância e o impacto da tradução na cultura de chegada (Zurbach 2001: 93). Contrariamente à perspectiva da comunidade científica dos Estudos de Tradução, a imagem do tradutor, tal como vista pela comunidade portuguesa, reflecte uma clara dicotomia entre o papel do tradutor e a percepção do mesmo. Tal como sugerido por Rosa (2006:90), é provável que o reportório português contemporâneo dependa fortemente de literatura traduzida, não só em termos da oferta, mas também no que toca às preferências dos consumidores. Por outro lado, Dias (2006) indica que o perfil do tradutor actual, tal como é apresentado em anúncios de emprego publicados pelo *Expresso* entre 2000 e 2004, é desfasado da realidade e espelha a imagem negativa do tradutor vigente na sociedade portuguesa contemporânea. Por sua vez, Lawrence Venuti (1995:1) adoptou o termo *invisibilidade* para descrever o posicionamento e a actividade do tradutor na cultura contemporânea anglo-americana. Segundo este autor, a invisibilidade é normalmente causada a) pela opção, por parte dos tradutores, de traduzir “fluentemente”, produzindo um texto de chegada (TC) “sem ruído”¹, criando, desta forma, a “ilusão da transparência”, b) pela prática de leitura e avaliação das traduções:

A translated text, whether prose or poetry, fiction or non-fiction, is judged acceptable by most publishers, reviewers and readers when it reads fluently, when the absence of any linguistic or stylistic peculiarities makes it seem transparent, giving the appearance that it reflects the foreign writer’s personality or intention or the essential meaning of the foreign

¹ Theo Hermans refere-se a “ruído” no seguinte contexto: “We regard – or better: we are prepared, we have been conditioned to regard – the Interpreter’s voice as a carrier without substance of its own, a virtually transparent vehicle. Anything that takes away from this transparency is unwelcome “noise” in the information-theoretical sense of the term.” (Hermans 1996:23-24)

text – the appearance, in other words, that the translation is not in fact a translation, but the “original”. (Venuti 1995: 1)

Tendo em conta o conceito de invisibilidade e o trabalho desenvolvido por Lawrence Venuti (1995), o presente estudo, que procura ser descritivo, tem como objectivo principal verificar qual é a imagem do tradutor em recensões críticas de obras traduzidas publicadas no jornal *Expresso* entre 1998 e 2007 (para a justificação da selecção do jornal *Expresso*, ver 2.2. DEFINIÇÃO E DESCRIÇÃO DO *CORPUS*).

1.2. O PROJECTO

É com base nesta motivação teórica que a presente análise visa, em primeiro lugar, perceber qual a imagem do tradutor espelhada na comunicação social, especificamente em recensões críticas contemporâneas de obras traduzidas. O principal objectivo será o de, portanto, testar a hipótese de que, actualmente, o tradutor é um agente invisível na recepção da *literatura* traduzida. Por outro lado, o estudo será norteado pela hipótese de que a tradução ocupa um lugar significativo no universo das recensões críticas contemporâneas a nível nacional.

1.3. A ESTRUTURA DA TESE

O texto da dissertação organiza-se em quatro capítulos.

Capítulo 1 – A imagem do tradutor espelhada na comunicação social

No primeiro capítulo procuraremos definir e descrever o *corpus*, apresentar os parâmetros de análise do mesmo e apresentar a análise dos resultados do *corpus*.

Capítulo 2 – A invisibilidade do tradutor

No segundo capítulo, o nosso objectivo será o de analisar os possíveis fundamentos teóricos justificativos da invisibilidade do tradutor. Neste capítulo visitaremos o trabalho de Lawrence Venuti dedicado à invisibilidade do tradutor de modo a procurarmos perceber as razões condicionantes do estatuto do tradutor.

Capítulo 3 – Autoria e Autoridade

O objectivo do terceiro capítulo será o de explicar a importância do conceito de autor

e originalidade para a definição do papel do tradutor.

Capítulo 4 – Crítica de Tradução

O quarto e último capítulo terá como objectivo apresentar um padrão organizacional da recensão crítica a obras traduzidas alternativo ao aplicado no *corpus* CRCE-Port.

A estrutura da dissertação, além de seguir um fio condutor cimentado na motivação teórica, é inspirada por questões baseadas na experiência profissional da autora. O trabalho diário como tradutora fomentou o levantar de perguntas quanto ao papel do tradutor na sociedade portuguesa contemporânea. O estudo presente advém de um “desejo de compreender” a realidade diária do tradutor.

To be sure, there is no real point in conducting research into translation to begin with, whether observational or experimental, unless it stems from a genuine ‘wish to understand’, whereby all previously-‘known’ facts are reformulated as questions to be answered during research and on the basis of the available data. (Toury 2006: 55)

2. A IMAGEM DO TRADUTOR ESPELHADA NA COMUNICAÇÃO SOCIAL

2.1. INTRODUÇÃO

The *corpus* constitutes the raw linguistic data which is the driving force of research. (Laviosa 2006:8)

O presente capítulo é dedicado à descrição do modo como a hipótese de estudo proposta inicialmente – a dicotomia entre o papel e a imagem do tradutor contemporâneo em Portugal – tomou forma com a constituição do *corpus* e com a selecção de parâmetros de análise do mesmo, culminando como a apresentação e análise dos dados.

2.2. DEFINIÇÃO E DESCRIÇÃO DO *CORPUS*

Corpora differs from other large collections of machine-readable text (for example, archives or electronic text libraries), in that they are built according to explicit design criteria for a specific purpose. (Atkins *et al.* 1992: 1)

Perhaps the most fundamental issue in the use of any collection of data is representativeness, or, in technical terms, the extent to which the data may be said to include “the full range of variability in a population”. (Halverson 1998: 3, citando Biber 1993: 243)

Tal como o primeiro excerto citado em epígrafe indica, a constituição de um *corpus* depende em larga medida do objectivo para o qual é constituído. Dado que o objectivo de um *corpus* é o de testar determinadas hipóteses, parte do trabalho de fundo passa pela selecção de textos reveladores de informações pertinentes para o estudo que neles se pretende basear.

De acordo com Sinclair (1991) e Atkins *et al.* (1992), os critérios de recolha e criação de *corpora* envolvem a tomada de decisões ao nível do tipo de textos a incluir, o período de produção de texto abrangido e se os textos recolhidos são integrais ou apenas amostras.

Neste caso, optou-se pela delimitação do *corpus* a recensões críticas publicadas num periódico com uma distribuição elevada a nível nacional e com um público-alvo abrangente, de modo a melhor testar as hipóteses. Halverson (1998: 3), tal como o excerto em epígrafe indica, alerta-nos para o facto de a representatividade ser um dos pontos fulcrais, se não o mais importante, na recolha de dados. Segundo esta autora, o objectivo do estudo motiva a definição de uma população-alvo, que, por sua vez, justifica a selecção de um intervalo de amostras. O *corpus* é constituído pelas amostras pertencentes a esse intervalo, que, desta forma, representam um universo maior de fenómenos. Consequentemente, o periódico seleccionado para a recolha do conjunto de textos contemporâneos é considerado um jornal de referência a nível nacional quanto ao seu papel cultural. O mercado dos semanários é, de facto, liderado pelo *Expresso* que vende, em média, 130 mil exemplares por edição.

O estudo de mercado *Barene Imprensa* desenvolvido pela *Markttest* indica que o *Expresso* lidera a tabela de “jornais e revistas semanais de informação geral” no período compreendido entre Janeiro de 1998 a Junho de 2006, em estudo efectuado desde Janeiro de 1996 a Junho de 2006, tal como a seguinte tabela indica:

livro recentemente publicado a partir da avaliação da obra. Baseando-se no modelo de análise de género de Swales (1990), Motha-Roth propõe uma descrição do padrão organizacional das resenhas críticas apontando para a seguinte divisão, em termos de unidades maiores²: 1) contextualizar o livro na área, 2) sumarizar o livro, 3) destacar partes do livro e 4) apresentar a avaliação final do livro.

Por sua vez, Bezerra (2001) ao analisar 30 resenhas críticas de alunos de Teologia brasileiros e comparando-as com 30 resenhas de especialistas publicados numa revista consagrada da área, conclui que os textos pertencentes a este género dividem-se nas seguintes unidades maiores: 1) apresentar a obra, 2) sumarizar a obra, 3) criticar a obra, 4) concluir a análise da obra. O autor ainda acrescenta que a presença de estratégias avaliativas na resenha crítica é o factor principal para as distinguir de outros géneros como o resumo³.

Tendo como base os estudos anteriormente referidos, o *corpus* inclui todos os artigos que apresentam uma estrutura esquemática, semelhante à descrita por Motha-Roth e Bezerra enquadrando-os assim no género de *resenha crítica*.

Em terceiro lugar, incluímos no *corpus* apenas as resenhas críticas a publicações em volume, excluindo as publicações periódicas.

Consequentemente, os artigos presentes na secção *Livros* que não satisfazem os critérios acima indicados são automaticamente excluídos do *corpus*, como é o caso das entrevistas a autores e tradutores, resenhas críticas a revistas e artigos de fundo sobre livrarias, autores, géneros literários e selecção de livros que partilham o mesmo tema.

² “O género de um texto é, portanto, identificável como a sequência de etapas ou passos funcionais distintos por meio dos quais esse texto se desenvolve, sendo que as possíveis variações no domínio do género são o reflexo de diferentes encenações na sequencialização e estruturação dessas etapas.” (Gouveia 2006:4)

³ “Entende-se que a avaliação, mais que a descrição, é o traço característico, definidor de identidade das resenhas como um género académico específico.” (Bezerra 2001:80)

2.2.2. DEFINIÇÃO DE TEXTO TRADUZIDO

Thus, any a priori definition, especially if couched in essentialistic terms, allegedly specifying what is 'inherently' translational, would involve an untenable pretense of fixing once and for all the boundaries of an object which is characterized by its very variability: difference across cultures, variation within a culture and change over time. Not only would the field of study be considerably shrunk that way, in relation to what cultures have been, and are willing to accept as translational, but research limited to these boundaries may also breed circular reasoning: to the extent that the definition is indeed adhered to, whatever is studied - selected for study because it is known to fall within it, in the first place - is bound to reaffirm the definition. (Toury 1995a: 31)

Definir o que se entende por tradução está intrinsecamente associado à definição e delimitação do objecto de estudo da disciplina de Estudos de Tradução. Portanto, a definição de tradução é reveladora da perspectiva que se adopta dentro da disciplina. Gideon Toury define como objecto de estudo todos os textos que a cultura de chegada encara como traduções:

... for the purposes of DTS, a translation will be any target language text

which is presented, or regarded as such within the target system itself, on whatever grounds. (1985:27).

Esta redefinição de tradução resulta da reorientação da disciplina para a cultura de chegada. Para Toury a tradução deve ser encarada como um facto do sistema de chegada⁴ (Toury 1985: 26). Portanto, deixa-se de trabalhar com conceitos prescritivos para se adoptar um conceito de tradução resultante do contexto sociocultural de uma determinada cultura/língua de chegada num momento histórico específico.

Segundo Toury (1995b:143), a noção de *tradução* – independentemente do nome que se atribua à mesma – pode ser definida através de um conjunto de três postulados:

- 1) Postulado do texto de partida – O TC implica a existência de um outro texto cronológica e logicamente precedente ao TC noutra língua e cultura. Parte-se do princípio que o texto de partida (TP) serviu de ponto de partida para o TC.
- 2) Postulado de transferência – O processo que origina o TC envolve a transferência de determinadas características do TP que ambos os textos passam a partilhar.
- 3) Postulado da relação – O TP e o TC partilham relações justificáveis transferidas pela fronteira cultural, semiótica e linguística.

Em suma, um texto traduzido é:

any target-culture text for which there are reasons to tentatively posit the existence of another text, in another culture and language, from which it was presumably derived by transfer operations and to which it is now tied by certain relationships, some of which may be regarded - within that culture - as necessary and/or sufficient. (Toury 1995b:145)

Desta forma, em vez de nos basearmos em definições *à priori*, iremos procurar no *corpus* indícios que identifiquem o objecto da recensão crítica como um texto traduzido ou não traduzido.

⁴ “translations are facts of target cultures; on occasion facts of a special status, sometimes even constituting identifiable (sub)systems of their own, but of the target culture in any event.” (Toury 1995b:29)

2.3. TIPOLOGIA DE *CORPORA*

De modo a constituir o *corpus* a analisar no presente estudo, verificou-se a necessidade de desenvolver uma tipologia de *corpora* baseada, principalmente, em Laviosa (1998) e no estudo posterior de Rosa (2003).

Laviosa (1998), partindo de categorias propostas por Atkins *et al.* (1992), apresenta uma tipologia que, embora não tenha como objectivo ser exaustiva, permite constituir e descrever um *corpus* comparável monolíngue: o “English Comparable *Corpus*” (ECC). Consequentemente, tendo em conta esta proposta, a tipologia adoptada neste estudo envolve diversos parâmetros ao longo de 3 níveis hierárquicos, sendo que o primeiro nível integra parâmetros identificativos de aspectos gerais e os seguintes níveis enquadram parâmetros mais específicos para o tipo de *corpus* concebido para o presente estudo.

1) Nível I:

I.1. Tipos de *corpus*:

Texto integral

Amostras

Misto

De monitorização

O tipo de *corpus* adoptado é integral já que contém a totalidade dos textos seleccionados. Por sua vez, um *corpus* de amostras é constituído por fragmentos textuais seleccionados de acordo com critérios identificativos da sua dimensão, da localização no texto e do método de selecção. Um *corpus* de monitorização corresponde a um conjunto de textos integrais permanentemente actualizados.

I.2. Tipos de *corpus*:

Sincrónico

Diacrónico

O presente *corpus* caracteriza-se como sincrónico porque inclui textos produzidos num período de tempo reduzido, i.e. abrange um período de 10 anos. Por outro lado,

um *corpus* diacrónico inclui textos produzidos ao longo de um período de tempo superior a 15 anos⁵.

I.3. Tipos de *corpus*:

Geral

Terminológico

Um *corpus* geral – como o *corpus* deste estudo - inclui textos representativos de uma linguagem geral, não especializada e de uso quotidiano. Um *corpus* terminológico inclui textos cuja linguagem é característica de uma área especializada.

I.4. Tipos de *corpus*:

Monolingue

Bilingue

Multilingue

O presente *corpus* é monolingue já que contém textos produzidos numa única língua. Um *corpus* bilingue e multilingue inclui textos produzidos em duas ou mais línguas.

I.5. Tipos de *corpus*:

Línguas do *corpus*

Esta classificação permite identificar a língua na qual os textos do *corpus* foram escritos, sendo que, neste caso, se trata do Português Europeu.

I.6. Tipos de *corpus*:

Escrito

Oral

Misto

Esta classificação indica o modo principal dos textos incluídos no *corpus*. Ora, as

⁵ É de notar que Laviosa (2006) define o ECC como um *corpus* síncronico sendo que é composto por publicações de um período de quinze anos.

recensões críticas são caracterizadas por pertencerem exclusivamente ao modo escrito.

2) Nível II

II.1. Tipos de *corpus* monolingue:

Simple

Comparável

Um *corpus* simples monolingue é um *corpus* que inclui um conjunto de textos escritos originalmente numa única língua. O resultado da análise de um *corpus* simples monolingue de recensões críticas – como o do presente estudo - tem como fim, por exemplo, o mapeamento da representatividade de obras traduzidas *versus* obras não traduzidas.

O *corpus* comparável monolingue é composto por dois *subcorpora* na mesma língua, sendo que um inclui textos não traduzidos nessa língua A, tal como Baker (1995:234) afirma: “Comparable corpora consist of two separate collections of texts in the same language: one *corpus* consists of original texts in the same language in question and the other consists of translations in that language from a given source language or languages.”

II.2. Tipos de *corpus* bilingue e multilingue:

Paralelo

A tipologia de *corpora* que inclui textos de partida e de chegada não é incluída no presente estudo⁶.

Os *corpora* paralelos caracterizam-se por integrar textos de partida numa língua A e textos de chegada numa língua B. Trata-se, portanto, de traduções para uma língua – *corpora* paralelo bilingue – ou para mais do que uma língua – *corpora* paralelo

⁶ Consequentemente, a tipologia do nível III referente a *corpus* paralelo também não é aplicável ao presente estudo, nomeadamente, os tipos de *corpus* paralelo dependente da tradução e independente da tradução e os tipos de *corpus* paralelo monodireccional e bidireccional.

multilingue. Baker (1995:230) define *corpora* paralelos da seguinte forma: “a parallel *corpus* consists of original source-language texts in language A and their translated versions in language B.”

3) Nível III

III.1. Tipos de *corpus* simples:

Translato

Não Translato

Sendo que um *corpus* simples translato integra textos (supostamente) traduzidos para um língua e um *corpus* simples não translato integra textos produzidos originalmente numa língua, o presente *corpus* é não translato.

O nível IV proposto por Laviosa (1998) é unicamente aplicável a *corpora* tradutórios e, portanto, não é adoptado para o presente estudo.

2.4. CLASSIFICAÇÃO DO *CORPUS*

De acordo com a tipologia acima descrita, o *Corpus* de Recensões Críticas do *Expresso* (CRCE-Port) é um *corpus* simples monolingué, não translato, sincrónico, de Português Europeu, de textos integrais, de linguagem geral e escrita.

2.5. CATEGORIAS DE ANÁLISE

The normal progression of a study is thus helical, then, rather than linear: there will always remain something to go back to and discover, with the concomitant need for more (and more elaborate) explanations. (Toury 1995a:38)

Tendo como objectivo analisar as recensões críticas incluídas no *corpus* CRCE-Port adoptou-se uma categorização hierárquica que envolve uma categoria e quatro

subcategorias.

Nível I. Categoria da recensão crítica:

I.1. Recensão crítica à obra traduzida

I.2. Recensão crítica à obra não traduzida

Tendo em conta a definição de tradução apresentada anteriormente, iremos procurar definir o número de obras traduzidas e de obras não traduzidas recenseadas por cada mês e ano desde 1998 a 2007. Quando não existir nenhum elemento na recensão que nos possibilite a identificação clara do tipo de obra, consultar-se-á a base de dados da PORBASE da Biblioteca Nacional.

Nível I.1.1. Subcategoria da referência bibliográfica da recensão crítica à obra traduzida:

Referência bibliográfica completa

Referência bibliográfica incompleta

Tendo em conta que uma referência bibliográfica é considerada completa se incluir o nome do tradutor, iremos procurar definir se a referência bibliográfica presente na recensão crítica é completa ou incompleta.

Todos os artigos incluem uma caixa na parte superior ou inferior do texto com uma referência bibliográfica, sendo que o único elemento variável é o nome do tradutor. Todos os restantes elementos estão sempre presentes na referência bibliográfica, salvo erro tipográfico. Uma referência bibliográfica normalmente contém (pela seguinte ordem) o título da obra, o nome do autor, a editora, o ano de publicação, o nome do tradutor, o número de páginas e o preço da obra, como se pode verificar no seguinte exemplo da edição de 02-06-2001:

O Marquês de Pombal

Kenneth Maxwell (Presença, 2001, trad. de Saul Barata, 247 págs., 4500\$00, 22,45 euros)

Existem casos em que a referência bibliográfica menciona que a obra foi traduzida por vários tradutores, só que, por motivos de espaço, não inclui o nome dos mesmos.

Neste caso, considerámos que a referência é completa já que não se trata de uma omissão deliberada, mas de um caso de constrangimento de espaço.

Nível I.1.2. Subcategoria de referência à obra traduzida no corpo do texto da recensão crítica:

Corpo do texto com referência

Corpo do texto sem referência

De seguida, tornou-se necessário apurar se a recensão inclui alguma referência à tradução no corpo do texto. Considera-se uma referência qualquer menção ao papel do tradutor⁷, ao processo de tradução⁸ ou à obra como tradução⁹. Esta categoria resulta da redefinição de uma categoria (Crítica à tradução) prévia à análise do *corpus*. Ao analisar o *corpus* verificou-se que as recensões críticas a obras traduzidas não oferecem uma crítica consistente à tradução, mas apenas comentários à mesma inseridos numa recensão crítica à obra não traduzida. Portanto, tornou-se necessário reformular esta categoria de modo a melhor reflectir a realidade.

Nível I.1.3. Subcategoria de referência do nome do tradutor na capa da obra traduzida:

Capa com referência ao tradutor

Capa sem referência ao tradutor

Trata-se de uma subcategoria adicional já que previamente não foi considerada. Tal como Toury afirma no excerto citado em epígrafe, os estudos percorrem um movimento helicoidal, sendo muitas vezes necessário retroceder e repensar as questões. De facto, apenas após se verificar, através da análise das recensões críticas a

⁷ Exemplo retirado da recensão crítica da edição de 02-06-2001 da autoria de Helena Barbas: “Ficámos pois muito mais ricos porque Diana foi integralmente devolvida à literatura portuguesa com esta belíssima tradução de Nuno Júdice.”

⁸ Exemplo retirado da recensão crítica da edição de 26-05-2007 da autoria de Miguel Calado Lopes: “O laborioso trabalho de tradução de Paulo Faria (a meticulosa e muito detalhada escrita de McCarthy constitui sempre um desafio para os tradutores) mantém quase à letra a densidade dramática da língua original.”

⁹ Exemplo retirado da recensão crítica da edição de 26-01-2002 da autoria de Luísa Mellid-Franco: “Publicado em 1947 (a 1ª edição portuguesa saiu nos anos 60 na Ulisseia, traduzida por Aníbal Fernandes), dificilmente o mundo das letras e das artes continuou igual.”

obras traduzidas, que 83% das resenhas críticas a obras traduzidas incluíam uma imagem da capa da obra no artigo, considerou-se importante a inclusão desta categoria. Trata-se de um elemento que pode influenciar a decisão do crítico quanto   referência ou não ao tradutor. Para além de que pode influenciar o leitor quanto ao papel do tradutor e, portanto, foi considerado aquando da análise.

Nível I.2.1. Subcategoria da língua de publica o da resenha crítica a obra não traduzida:

Resenha crítica a obra não traduzida publicada em português

Resenha crítica a obra não traduzida publicada noutra língua

Tal como a subcategoria anterior, esta foi incluída *  posteriori*, já que se verificou, apenas após a análise das resenhas críticas a obras não traduzidas, a existência de resenhas críticas a obras não traduzidas não portuguesas. No momento em que os críticos ainda consideram importante que o leitor leia na língua de partida, esta informa o é um claro indicador da importância do “original” em detrimento da tradu o.   necessário tomar em considera o que não se sentiu a necessidade de diferenciar as variantes nacionais do Português.

2.6. APRESENTAÇÃO DE DADOS

A análise feita ao *corpus* é de seguida apresentada pormenorizadamente por ano¹⁰.

Tabela 2 - Análise das obras traduzidas vs. as obras não traduzidas em recensões críticas do *Expresso* de 1998 a 2007

Ano	Obras não traduzidas		Obras traduzidas		Total
1998	199	60%	145	40%	344
1999	232	55%	191	45%	423
2000	205	47%	230	53%	435
2001	237	55%	194	45%	431
2002	203	50%	202	50%	405
2003	169	44%	219	56%	388
2004	163	42%	232	58%	395
2005	148	40%	229	60%	377
2006	130	43%	191	57%	321
2007	100	46%	120	54%	220
Total	1786	48%	1953	52%	3739

Tabela 3 - Análise das recensões críticas de obras traduzidas com referência bibliográfica completa e com referência no corpo do texto ao papel do tradutor do *Expresso* de 1998 a 2007

Ano	Ref. Bibliográfica completa		Ref. Corpo do Texto	
1998	109	77%	25	15%
1999	127	65%	51	27%
2000	219	95%	68	29%
2001	189	97%	33	19%
2002	200	99%	38	19%
2003	216	99%	43	20%
2004	231	100%	44	19%
2005	210	95%	28	12%
2006	188	98%	26	15%
2007	119	99%	19	21%
Total	1808	92%	375	20%

¹⁰ Para uma análise detalhada dos dados por mês, consultar o *Anexo A*.

Tabela 4 - Análise das recensões críticas de obras não traduzidas em língua portuguesa vs. as obras não traduzidas noutra língua do *Expresso* de 1998 a 2007

Ano	Obras em português		Obras noutra língua	
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem
1998	188	94%	11	6%
1999	221	95%	11	5%
2000	196	96%	9	4%
2001	224	94%	13	6%
2002	192	95%	11	5%
2003	162	96%	7	4%
2004	160	99%	3	1%
2005	144	97%	4	3%
2006	127	98%	3	2%
2007	94	94%	5	5%
Total	1708	96%	77	4%

Tabela 5 - Análise das capas reproduzidas em recensões críticas de obras traduzidas do *Expresso* de 1998 a 2007

Ano	Com ref. ao tradutor		Sem ref. ao tradutor	
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem
1998	6	9%	48	83%
1999	6	5%	90	95%
2000	4	3%	145	97%
2001	9	6%	160	94%
2002	16	7%	178	93%
2003	14	7%	203	93%
2004	30	14%	198	86%
2005	17	7%	212	93%
2006	6	3%	185	97%
2007	9	6%	110	94%
Total	117	7%	1529	92%

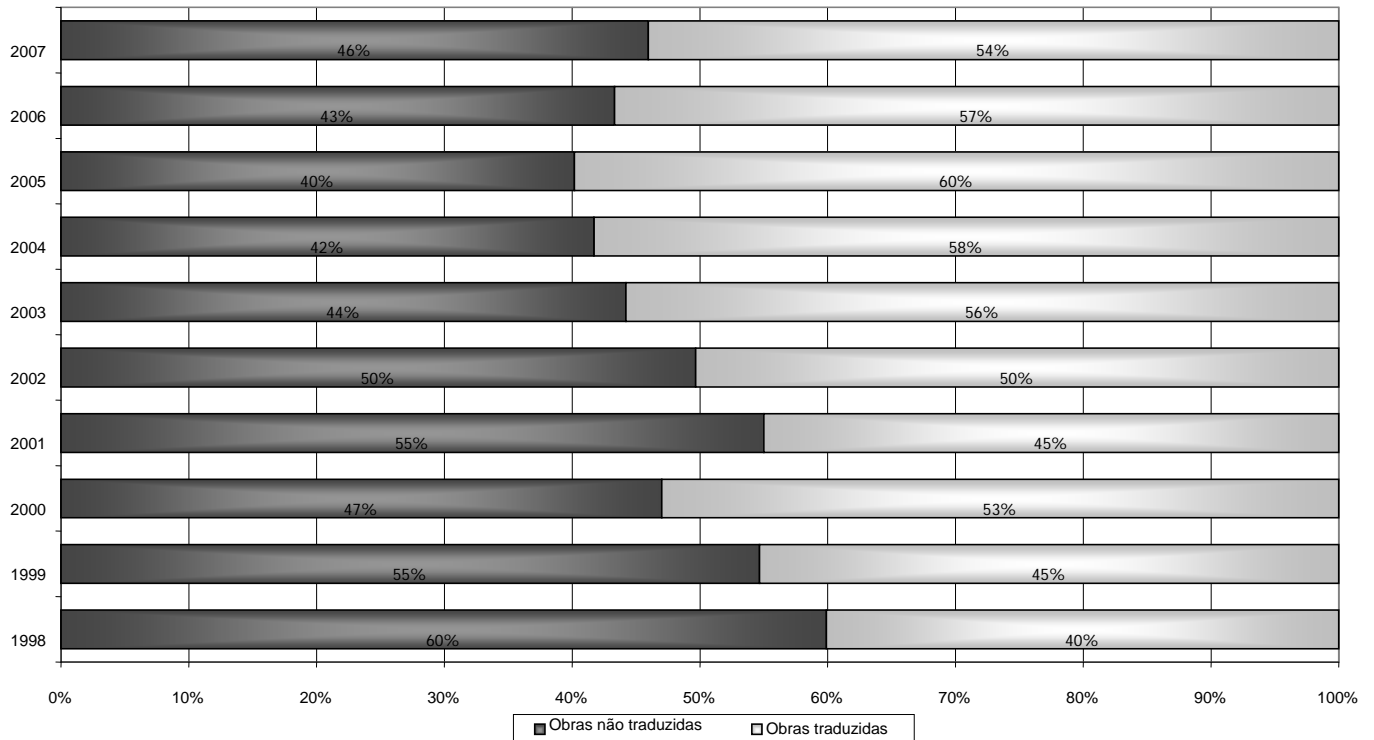
Tabela 6 - Percentagem das recensões críticas a obras traduzidas que reproduzem a capa

Ano	Percentagem
1998	37%
1999	50%
2000	65%
2001	87%
2002	96%
2003	99%
2004	98%
2005	100%
2006	100%
2007	99%
Total/Média	83%

2.7. ANÁLISE DE DADOS

A Figura 1 apresenta a percentagem de recensões críticas de obras traduzidas *versus* recensões críticas de obras não traduzidas entre 1998 e 2007.

Figura 1 - Análise das obras traduzidas vs. as obras não traduzidas em recensões críticas do *Expresso* de 1998 a 2007



Para o presente estudo, analisámos 3739 recensões críticas, sendo que 1953 (52%) correspondem a recensões críticas a obras traduzidas e as restantes 1786 (48%) correspondem a recensões críticas a obras não traduzidas. Observando a Figura 1 verifica-se que de 1998 a 2001 foram publicadas mais recensões críticas a obras não traduzidas do que a traduzidas. De facto, somente a partir de 2002 é que se regista uma percentagem superior a 50% no que toca às recensões críticas a obras traduzidas. Contudo, com a análise da Figura 1 concluímos que a tradução ocupa um lugar maioritário no universo das recensões críticas contemporâneas a nível nacional – em média 52% das recensões críticas são a obras traduzidas – permitindo, desta forma, testar a segunda hipótese colocada aquando a definição do objectivo deste estudo: A hipótese de que a tradução ocupa um lugar significativo no universo das recensões críticas contemporâneas a nível nacional.

A mudança registada em 2002 pode ser atribuída a um aumento da publicação de obras traduzidas no mercado nacional ou a um aumento de obras traduzidas na lista de *best-sellers*. Contudo, poder-se-ia também argumentar que foi o aumento das recensões críticas a obras traduzidas que causou o aumento de obras traduzidas na lista de *best-sellers*. Apesar de não se ter acesso aos dados quanto à proporção de títulos traduzidos *versus* títulos não traduzidos mais vendidos em Portugal no mesmo período, é relevante mencionar que o estudo de Rosa (2006:82) aponta que a Livraria Barata, no período de 1994-2002, registou 55% de venda de títulos traduzidos, a Bertrand Livrários registou, em 2000-2001, 52,3% de venda de títulos traduzidos e a Fnac, em 2001, registou 66,7%.

Para além disso, de acordo com o estudo, acerca de hábitos de leitura dos portugueses em 1988, de Freitas, Casanova e Alves (1997: 272), entre 13 tipos diferentes de livros, o romance de autores estrangeiros é o segundo género mais lido.

A observação global destes dados permite-nos partir do princípio que a percentagem maioritária de recensões críticas a obras traduzidas está relacionada com a percentagem maioritária de títulos traduzidos vendidos e com os hábitos de leitura dos portugueses.

Van Rees em “How a Literary Work Becomes a Masterpiece: On the Threefold Selection Practiced by Literary Criticism.” (1983) concebe a crítica como um factor

principal na produção, distribuição e consumo da literatura. O autor sugere que a crítica não só estimula a compra do livro, como também afecta a distribuição dos textos literários, já que avalia, em parte, a capacidade de venda e de canonização de um determinado título. Os críticos podem ser considerados, segundo o autor, como co-produtores dos textos enquanto textos literários. Por sua vez, através do seu discurso, o crítico pretende definir quais os textos que têm a legitimidade de circularem no campo de produção¹¹, o nível hierárquico ocupado por um determinado texto em relação ao conjunto de obras literárias e o discurso crítico legítimo para uma crítica literária adequada. Por sua vez, Van Rees distingue três tipos de crítica complementares a que faz corresponder filtros cada vez mais finos:

- 1) Jornalística ou primária - Este primeiro filtro é aplicado aos textos no momento da sua publicação através de recensões em jornais diários ou semanais. É de assinalar que, segundo o autor, a crítica jornalística ao publicar uma recensão, mesmo que negativa, legitima o estatuto literário da obra em causa¹².
- 2) Ensaística ou secundária - O segundo filtro é aplicado às obras positivamente avaliadas pela crítica jornalística, sendo publicada em revistas literárias.
- 3) Académica ou terciária - A crítica académica, correspondente ao último filtro, tem como objecto as obras e os autores consagrados.

¹¹ O sociólogo francês Pierre Bourdieu concebe o campo de produção como um sistema composto pelo campo de produção restrita “pela denegação “vanguardista” do lucro imediato e das motivações económicas dos produtos, que se dirigem prioritariamente aos seus pares, e o campo de produção em larga escala, impulsionado pelas leis do mercado e produzindo para o público geral obras de consumo fácil.” (Duarte, E-Dicionário de Termos Literários)

¹² “Negative as the review of a work may be, as long as the edition exists, the book derives from being selected for a review a further confirmation of its literary status.” (Van Rees 1983:405)

Figura 2 – Esquema ilustrativo dos níveis de crítica existentes no campo de produção, segundo Van Rees (1983)



De facto, os críticos desempenham um papel fundamental na produção de valor de uma obra. Mais significativamente, contribuem para a definição de um objecto como uma obra de arte: “The work of art is an object which exists as such only by virtue of the (collective) belief which knows and acknowledges it as a work of art.” (Bourdieu 1993:35)

Os críticos ao apresentarem em cada edição um conjunto restrito e seleccionado de obras têm a capacidade de influenciar a própria selecção de obras do leitor e, em última análise, os seus hábitos de leitura. Da mesma forma, os críticos são considerados responsáveis pela consagração de autores e de obras, ou seja, pela sua canonização, no campo da produção restrita. Para o sociólogo Pierre Bourdieu (1993:76), os agentes de consagração (o editor, o crítico, etc.) criam a ideologia do autor carismático e, conseqüentemente, a crença no valor intrínseco da obra. De forma complementar, os estudos empíricos da literatura¹³, cujo texto fundador é *Grundriß der Empirischen Literaturwissenschaft* de Siegfried J. Schmidt, atribuem aos agentes de transformação, nomeadamente aos críticos¹⁴, o papel de canonizadores. É de tomar em consideração que segundo este modelo sistémico os tradutores também são agentes de transformação.

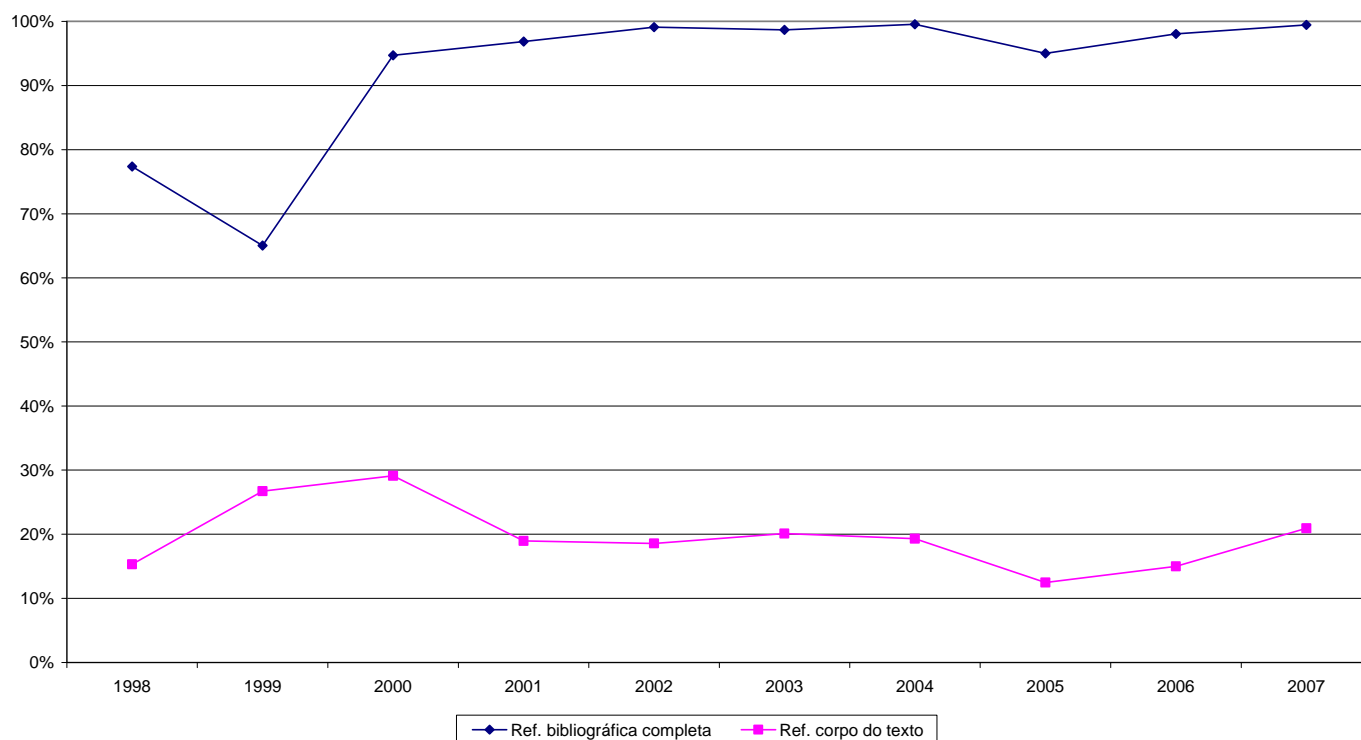
¹³ De acordo com os estudos empíricos da literatura, os elementos principais do sistema de comunicação literária são os seguintes: produtos, intermediários, receptores e agentes de transformação.

¹⁴ “desgens qui, explicitement, déclarent les objets de communication qu’ils reçoivent comme littéraires á l’aide de leurs propres productions (par exemple ils écrivent des critiques, ils interprètent, ils transposent dans d’autres langages, etc.)” (Schmidt 1978:22)

A Figura 3 apresenta a percentagem das referências bibliográficas completas em relação ao total de obras traduzidas e a percentagem de referências no corpo do texto ao papel da tradução em relação ao total de obras traduzidas em resenhas críticas entre 1998 e 2007.

É necessário ter em consideração que se a referência bibliográfica presente na resenha crítica for incompleta não implica que não haja referência ao tradutor ou ao papel do mesmo no corpo do texto.

Figura 3 - Análise das resenhas críticas de obras traduzidas com referência bibliográfica completa e com referência no corpo do texto ao papel do tradutor do *Expresso* de 1998 a 2007



Em primeiro lugar, de acordo com os dados presentes nesta Figura, verificamos que a média de referências bibliográficas completas é de 92%, sendo que somente em 1998 e 1999 é que se registou uma percentagem inferior a 85%. A partir de 2001 verifica-se uma percentagem que varia entre 95% (2000 e 2005) e 100% (2004). A percentagem de resenhas críticas sem a indicação do nome do tradutor, embora apenas de 12%, é significativa. É de assinalar que em 3739 resenhas críticas não se verifica nem uma

omissão do nome do autor e nem da obra.

As referências bibliográficas incompletas podem dever-se a fichas bibliográficas também incompletas. Jorge Almeida e Pinho (2006:17) atribui a falta de indicação da identidade do tradutor nas fichas bibliográficas: à falta de crédito que alguns editores aparentam conceder ao tradutor, e, ao espaço que essas informações ocupam nos suportes em papel. Além disso, a hierarquia implícita pela ordem dos elementos da referência bibliográfica influencia o leitor quanto à importância do papel do tradutor. No momento em que o tradutor é apresentado como hierarquicamente inferior em relação ao autor e até à editora, o seu papel também é considerado menor em relação ao papel do autor e da editora.

Em segundo lugar, de acordo com a tabela 3 e com a Figura 3, observa-se que apenas 20% das resenhas críticas a obras traduzidas incluem uma referência ao papel do tradutor, ao processo de tradução ou à obra como tradução no corpo do texto. Por sua vez, em 2005 registra-se a percentagem mais baixa – 12% - e em 2000 a mais alta – 29%. Além disso, as referências no corpo do texto reduzem-se, na sua maioria, a uma breve nota no final do texto acerca do papel positivo ou negativo do tradutor, sendo o último mais frequente, como os seguintes exemplos ilustram:

O que não se pode deixar passar em claro é o desleixo da tradução, a demonstrar algum desconhecimento da língua original (nomeadamente do calão e das frases idiomáticas) e, provavelmente mais grave, do próprio português. Os autores e os leitores têm direito a ser mais bem tratados. (edição de 13-04-2001, *Queria Ter Alguém à Minha Espera num Sítio Qualquer* de Anna Galvalda, sem referência ao nome do tradutor, crítica de Ana Cristina Leonardo)

Nota à tradução: Desai merecia melhor. (edição de 06-01-2001, *A Luz Brilhante do Dia* de Anita Desai e tradução de Carmo Romão, crítica de Ana Cristina Leonardo)

Por sua vez, Dias (2006) indica que o perfil do tradutor contemporâneo é defasado da realidade e espelha a imagem negativa do tradutor. De acordo com esta autora, a imagem negativa do tradutor é atribuível, entre outras razões, a) a “más traduções”, em particular no trabalho desenvolvido pela legendagem devido à sua maior

visibilidade; b) à não referência ao nome e ao papel do tradutor por parte de críticos literários; c) à natureza dos anúncios de emprego publicados.

Esta discutível listagem da autora peca não só por não pretender ser abrangente, mas também por avançar razões vagas, descontextualizadas e não justificadas, que levantam várias questões, nomeadamente: O que se entende por imagem negativa? O que se entende por “má tradução”? Qual é o conceito dominante de uma tradução de qualidade no contexto nacional? Como é que a autora identificou que a imagem do tradutor é negativa? Estas serão as principais causas para a imagem contemporânea do tradutor ser negativa?

Além disso, a autora (Dias 2006: 7) afirma que, quanto à referência ao tradutor em recensões críticas “Jornais como o *Expresso* são, neste caso, de louvar, pelo simples facto de mencionarem sempre o nome do tradutor quando indicam os detalhes bibliográficos de uma obra; ainda assim, é raro os seus críticos se debruçarem sobre a qualidade da tradução dessas mesmas obras.” Ora, a nossa análise de recensões críticas do *Expresso* entre 1998 e 2007 prova que, embora a média de recensões críticas com a referência bibliográfica completa seja alta (92%), não abrange a totalidade. Em 1999, por exemplo, regista-se o menor número de referências bibliográficas completas (65%).

O estudo apresentado por Dias tem como objectivo perceber como é que a imagem do tradutor presente nos classificados do *Expresso* contribui para a imagem negativa da mesma. No período abrangido pelo seu estudo – 2000 a 2004 – foram publicados 75 anúncios no *Expresso*, dos quais 31 anúncios não referem o estatuto profissional pretendido. Por estatuto profissional, a autora entende a ligação profissional que o tradutor terá com a empresa, por exemplo, se será incluído no quadro da mesma ou se trabalhará como tradutor independente. Segundo a autora, e apesar de não avançar com nenhum número preciso, uma grande percentagem dos anúncios não refere as qualificações nem os requisitos desejados para a função: “Infelizmente, uma grande parte dos anúncios não especifica tais requisitos, limitando-se a solicitar os serviços de um tradutor, sem indicar devidamente o que desse profissional é requerido em termos de formação e características.” (Dias 2006: 12). Perante estes dados, podemos concluir que as empresas que procuram contratar tradutores não têm uma noção

precisa das qualificações necessárias para se desempenhar uma função de tradução, resultando, desta forma, numa indefinição da profissão e na colocação de perguntas ao mercado de trabalho: Quais são as qualificações necessárias para se ser um tradutor? A ausência de referência às qualificações também pode induzir que não é necessário ter determinadas qualificações. Tal conclusão pode contribuir para a imagem negativa da profissão e do tradutor.

A recepção do produto do processo de tradução (neste caso, a avaliação presente nas resenhas críticas dos textos traduzidos) é reveladora da posição e da função das obras traduzidas, bem como da posição e da função da profissão do tradutor na cultura de chegada. Consequentemente, as resenhas críticas avaliam, inevitavelmente, a legitimidade de cada texto traduzido enquanto texto da língua de chegada. Além disso, tal como Toury (1995b) advoga¹⁵, as estratégias adoptadas pelo tradutor estão dependentes da recepção da tradução no sistema de chegada. Se, tal como o *corpus* deste estudo indica, as resenhas críticas não incluem uma apreciação do trabalho do tradutor na maioria dos casos – 80% - e quando incluem surge na forma de breves notas acerca do bom ou mau desempenho do mesmo, isto reflecte a posição e a função das obras traduzidas na cultura de chegada.

Por um lado, a percentagem tão baixa de resenhas críticas a obras traduzidas que não incluem qualquer consideração sobre a tradução em si faz-nos concluir que, nestes casos, a obra traduzida é analisada como se se tratasse de uma obra não traduzida. Hermans (1996b:26) alerta-nos para a tendência que existe em comentar o texto traduzido como se se tratasse do produto do autor do texto de partida, sem ter em consideração que se trata de facto de uma tradução: “We tend to say we are reading Dostoyevski, for example, even when we are reading not Russian but English or

¹⁵ “The mainspring of my own scholarly endeavour has long been the conviction that the position and function of translations (as entities), and of translating (as a kind of text-generating activity), in a prospective target culture, the form a translated text would have (and hence the relationships which would tie it to its original), and the strategies resorted to during its generation, should not be approached as distinct facts. Rather, it is first and foremost the interdependencies of them all which should be tackled, the intention being to uncover the regularities which mark the relationships assumed to obtain between function, product and process; not only for individual cases, but also towards ever higher generalizations.” (Toury 1995b:135-136)

French or Spanish words.” (Hermans 1996b,26) No *corpus* em questão, é possível identificar recensões críticas que não identificam no corpo do texto que a obra é traduzida e que incluem citações em português, como se pode verificar pelo seguinte exemplo retirado da edição de 09-02-2007 referente à recensão crítica da obra *Imperium* de Robert Harris, tradução de Saul Barata, pelo crítico Luís Faria:

Um exemplo de excessiva contemporaneidade acima referida surge na pág. 182, quando se fala de piratas: «A ameaça que Roma tinha de enfrentar era muito diferente de um inimigo convencional. Aqueles piratas representavam um novo tipo de cruéis antagonistas, sem governos que os representassem (...) As suas bases não estavam situadas num estado único. Não obedeciam a um sistema unificado de comando. Eram uma pestilência a nível mundial (...) tinham de ser aniquilados (...) senão, apesar da sua esmagadora superioridade militar, Roma nunca mais gozaria de paz e segurança (...) O sistema de segurança nacional existente (...) era claramente inadequado.»

Por outro lado, esta prática sublinha o conceito de que o tradutor é e deve ser um agente invisível no campo de produção. Esta noção está fortemente interligada com o conceito de tradução na cultura de chegada. Segundo Venuti (1995), uma tradução é considerada aceitável pela maioria dos editores e críticos apenas quando é fluente, por outras palavras, quando a ausência de peculiaridades a torna transparente aparentando uma expressão fidedigna da intenção do autor do texto de partida¹⁶. Este efeito ilusório esconde o processo de tradução e o papel do tradutor. A predominância da invisibilidade do tradutor torna-se clara na leitura de recensões:

¹⁶ O seguinte exemplo ilustra como os críticos louvam uma tradução que aparenta a expressão da intenção do autor: “A tradução respeita o estilo do autor a ponto de dar a sensação de ouvir a voz pausada de Luis Sepúlveda contando essas histórias na mesa de algum encontro de escritores, como se tivesse começado a falar um português perfeito. Pedro Tamen já traduziu outros textos do autor, e sempre o fez com mão de mestre. Surgiu-me uma dúvida, que tem a ver com as rasteiras que prega uma língua como a castelhana, que não se fala da mesma maneira em todos os países latino-americanos. Em «Os Gémeos Duarte» (pág. 18), o escritor ter-se-á referido às pombinhas? É que «palomitas» é o nome poético por que são conhecidas as pipocas no meu país.” (edição de 24-02-2001, *As rosas de Atacama* de Luís Sepúlveda e tradução de Pedro Tamen, crítica de Cristina Norton)

On those rare occasions when reviewers address the translation at all, their brief comments usually focus on its style, neglecting such other questions as its accuracy, its intended audience, its economic value in the current book market, its relation to literary trends in English, its place in the translator's career. And over the past fifty years the comments are amazingly consistent in praising the fluent discourse while damning deviations from it, even when the most diverse range of foreign texts is considered. (Venuti 1995:2)

Os seguintes comentários retirados das recensões críticas presentes no nosso *corpus* ilustram a condenação de traduções que causam estranheza ao leitor, sem apresentar qualquer contexto e sem referência ao texto de partida, ficando a dúvida se o texto de chegada é analisado comparativamente com o texto de partida:

É de louvar que um volume alentado da sua poesia seja publicado em português, com um trabalho tradutório directamente do original polaco. Porém, a edição apresenta lacunas. Uma nota introdutória (ausente pelo facto de a edição ser bilingue?) ajudaria os leitores menos afeiçoados à poesia polaca; uma divisão que indicasse a proveniência dos poemas seria capaz de situar as diversas fases da sua obra. Por outro lado, e embora mantenha contacto com esta poesia através de traduções para inglês e espanhol, algumas opções formais do tradutor não funcionam muito bem para o ouvido mais exigente. (edição de 22-08-1998; *Paisagem com um grão de areia* de Wislawa Szymborska e tradução de Júlio Gomes, crítica de Jorge Bastos)

No que respeita à tradução, temos de louvar a iniciativa, embora os termos escolhidos nem sempre sejam os melhores, como por exemplo «instinto» em vez de «pulsão» ou «reprimido» em vez de «recalcado». (edição de 19-09-1998; *Escritos sobre Judaísmo e Anti-semitismo* de Freud, nome do tradutor não referido, crítica de José Martinho)

É pena que neste grande livro haja tantas falhas de tradução, bem evitáveis, como «estridulação» ou «sufoco da vida». (edição de 21-04-2001, *Requiem para Leste* de Andrei Makine e tradução de Paula d'Oliveira, crítica de Fátima Maldovado)

A versão portuguesa apresenta-se numa tradução rigorosa e fluente, além da composição do texto no sistema TeX, um método de processamento particularmente apropriado a trabalhos matemáticos que foi inventado precisamente pelo autor deste livro. (edição de 31-08-2002, *Números Surreais* de Donald E. Knuth e tradução de Jorge Nuno Silva, crítica de Nuno Crato)

A tradução, limpa, fluente, sustentada por um léxico elegante, recomenda-se. (edição de 11-09-2002, *As Madrugadas* de Linda Lê e tradução de Cristina Leonardo, crítica de Dóris Graça Dias)

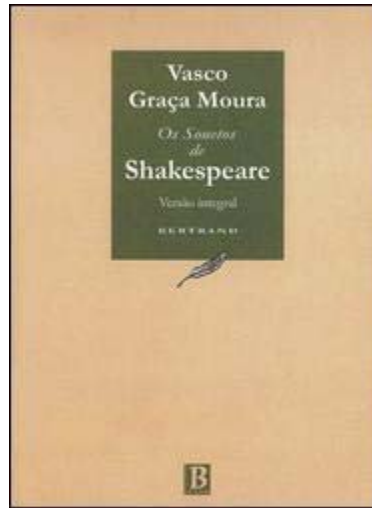
Tal como Almeida e Pinho afirma:

Infelizmente, a crítica de tradução nem sempre procura analisar contrastivamente os textos originais e os textos traduzidos para assim compreender as motivações inerentes às opções do tradutor. Como consequência, verifica-se que as perspectivas críticas da tradução, apresentadas por muitos críticos literários, radicam efectivamente em modelos literários e não em observações ponderadas e específicas dedicadas à análise do trabalho de tradução. (2006:25)

Em suma, a análise da Figura 3 permite concluir que, a primeira hipótese, de que actualmente o tradutor é um agente invisível na recepção da literatura traduzida, é verdadeira quanto à maioria das recensões críticas a obras traduzidas de 1997 a 2008. As recensões críticas que reflectem uma crítica de tradução mais abrangente, ultrapassando os breves comentários, são as excepções. Estes casos são reservados a obras traduzidas cujos tradutores, por serem também autores de obra própria, detêm na cultura de chegada suficiente prestígio e, portanto, autoridade. Pode-se apontar como exemplo a recensão crítica à tradução de Vasco Graça Moura de *Sonetos de Shakespeare* por João Almeida Flor (edição de 07-09-2002). Neste caso, a crítica à tradução ocupa a totalidade da recensão. Além disso, tanto a capa como a referência bibliográfica apresentam Vasco Graça Moura na posição normalmente reservada ao autor do livro:

OS SONETOS DE SHAKESPEARE
de Vasco Graça Moura
(Bertrand, 2002, 342 págs., €25)

Figura 4 – Imagem da capa de *Os Sonetos de Shakespeare* de Vasco Graça Moura



Como se pode verificar pela observação da capa da obra, o tradutor é destacado em primeiro lugar, sendo que o nome do autor está inserido no título da obra.

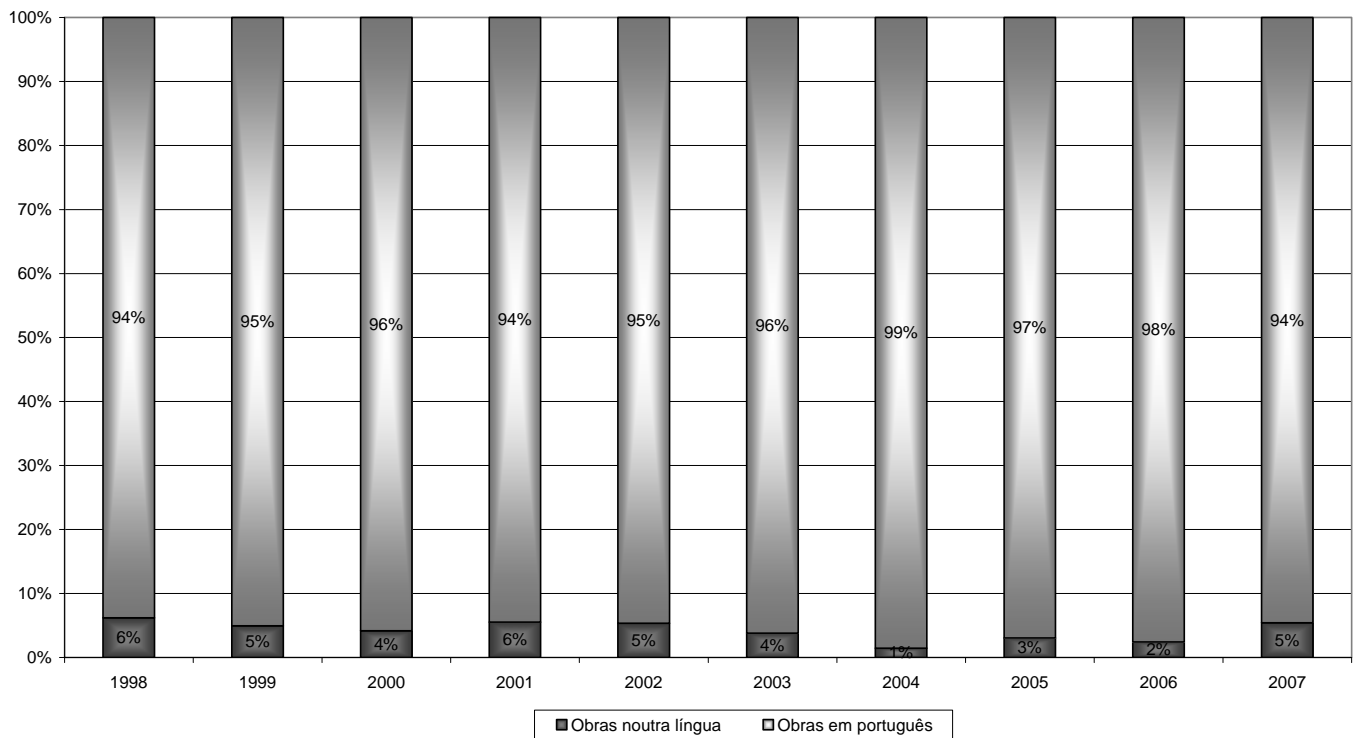
Além disso, a própria crítica à tradução compara o processo de criação de obras originais com o processo de tradução de Vasco Graça Moura:

Sempre rigoroso quanto à gênese e à cronologia das suas traduções, VGM confessa, em 1978, por exemplo, que numa noite de Fevereiro de 1974 lhe surgiram de repente, em português, os primeiros quatro versos do soneto 130 e que o resto foi tão rápido que no fim desse mês estavam traduzidos 35 sonetos de Shakespeare. (...) Ora, tomadas na sua globalidade, estas informações remetem para uma teoria da inspiração (súbita e avassaladora) e da composição (complexa e elaborada) que se encontra tradicionalmente associada à gênese da poesia original mas que, em VGM, também se comunica à obscura Musa da tradução literária.

Neste caso, atribui-se ao processo de tradução características de inspiração e de criatividade normalmente exclusivas do campo de produção “original”. Este exemplo trata-se de facto de uma excepção que, por sua vez, comprova que o estatuto do tradutor como autor determina a sua visibilidade.

A Figura 5 apresenta a percentagem das recensões críticas de obras não traduzidas em língua portuguesa *versus* noutra língua.

Figura 5 - Análise das recensões críticas de obras não traduzidas em língua portuguesa vs. as obras não traduzidas noutra língua do *Expresso* de 1998 a 2007



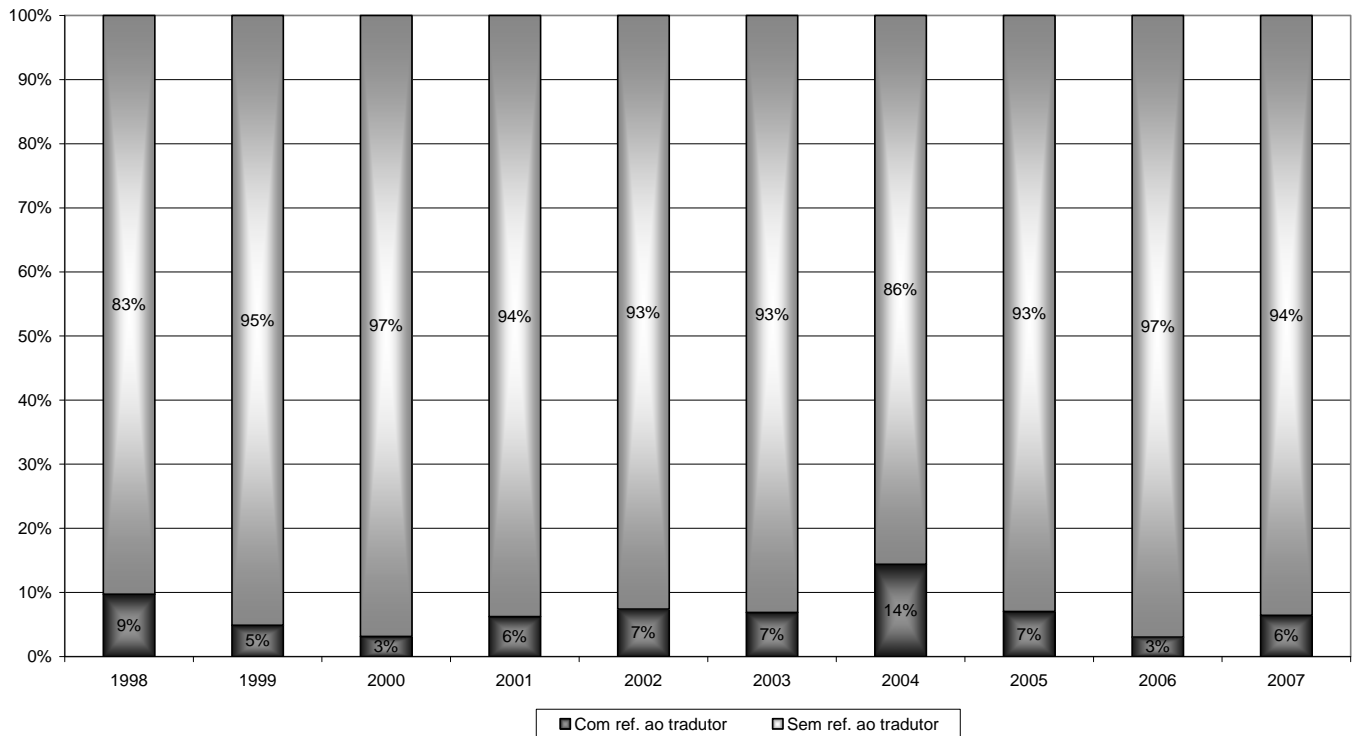
A análise da Tabela 4 e da Figura 5 permite concluir que 4% das recensões críticas a obras não traduzidas são de língua estrangeira. Embora a percentagem de recensões críticas a obras não traduzidas noutra língua seja pequena e, pensar-se-ia, irrelevante, chamou-nos particularmente à atenção. Esta análise permite-nos identificar que, neste período de 10 anos, os críticos sentiram a necessidade de seleccionar determinadas obras estrangeiras não traduzidas. Tal como se argumentou anteriormente, as recensões críticas influenciam as escolhas dos leitores e, conseqüentemente, contribuem para a venda de determinadas obras. Desta forma, os críticos do *Expresso* consideraram importante que o leitor tomasse conhecimento destas obras não traduzidas em língua estrangeira em detrimento de outras opções em português ou de obras traduzidas. Verifica-se, portanto, uma recomendação por parte dos críticos da leitura de obras estrangeiras na sua língua de partida. Com estes dados verifica-se que, embora a percentagem seja pequena, a literatura estrangeira não traduzida merece atenção e lugar no mercado nacional.

Estes dados, em conjunto com os dados anteriormente avançados acerca das recensões críticas a obras traduzidas, confirmam que a literatura estrangeira ocupa um papel fundamental no mercado português. Será importante verificar em estudos posteriores, tendo como base a investigação de Even-Zohar, a) se a literatura traduzida ocupa uma posição central no polissistema literário português, b) se a literatura traduzida participa activamente na modelação do centro deste polissistema, e c) como é que o papel da literatura traduzida afecta a cultura e a língua portuguesa¹⁷ (ver Rosa 2006, 91-92).

A Figura 6 apresenta a percentagem das capas reproduzidas em recensões críticas a obras traduzidas com indicação do tradutor. É necessário tomar em consideração que nem todas as recensões críticas reproduzem a capa da obra que criticam e, portanto, estes dados não representam a totalidade das obras traduzidas, mas 83% (ver Tabela 6).

¹⁷ “Moreover, it is not only our collective self and linguaculture that seem to be significantly shaped by the interference of translation. If, as cognitive anthropologist Robert Schrauf suggests (2000): « The language in which a memory is encoded is a stable feature of the memory», human experience is shaped by linguaculture and most autobiographical memories are encoded in one natural language and retrieved in language-specific form, then these data may also be used to suggest that our own autobiographies may be considerably influenced by indirect interference of other cultures through substantial percentages of translation in our linguacultural input.” (Rosa 2006:91-92)

Figura 6 - Análise das capas reproduzidas em recensões críticas de obras traduzidas do *Expresso* de 1998 a 2007



Esta análise confirma que a maioria das capas reproduzidas em recensões críticas a obras traduzidas – em média 92% - excluem o nome do tradutor.

A predominante ausência do nome do tradutor na capa pode constituir um factor de influência para a a) ocorrência de referências bibliográficas incompletas, b) ausência da referência ao papel do tradutor no corpo do texto. Contudo, mesmo quando o nome do tradutor é apresentado nas capas, a hierarquia da ordem dos nomes e do tamanho dos mesmos induz o leitor e o crítico a ignorarem o papel do tradutor, como se pode comprovar pelo seguinte exemplo retirado da edição de 03-02-2001:



Figura 7 - Imagem da capa de Furor e Mistério de René Char (edição de 03-02-2001)

Mais do que isso, a não inclusão do nome do tradutor atesta o não reconhecimento do papel do mesmo.

2.8. CONCLUSÕES

A análise do *corpus* resultou em dados quantitativos quanto, em primeiro lugar, ao papel da literatura traduzida no contexto da crítica jornalística portuguesa - 52% das recensões críticas do *Expresso* entre 1997 e 2008 são a obras traduzidas - e, em segundo lugar, à relevância atribuída pelos agentes de consagração ao processo de tradução e, em última análise, ao papel do tradutor - 20% das recensões críticas a obras traduzidas incluem referências ao processo de tradução e ao papel do tradutor; 92% das capas reproduzidas nas recensões críticas a obras traduzidas não referem o nome do tradutor, tal como Venuti (1995) nos recorda:

The typical mention of the translator in a review takes the form of a brief aside in which, more often than not, the transparency of the translation is gauged. This, however, is an infrequent occurrence. Ronald Christ has described the prevailing practiced: “many newspapers, such as The Los Angeles Times, do not even list the translators in headnotes to reviews, reviewers often fail to mention that a book is a translation (while quoting from the text as though it were written in English), and publishers almost uniformly exclude translators from book covers and advertisements” (Christ 1984:8). (Venuti 1995:8)

Portanto, se, por um lado, tanto os números avançados nesta análise, como em análises anteriores (ver Rosa 2006, Freitas 1997), apontam para uma inegável importância da literatura traduzida no panorama nacional, por outro, nem o processo de tradução ou o papel do tradutor são considerados relevantes.

Retomando as duas hipóteses colocadas, foi possível verificar que, ambas são verdadeiras: Tanto o tradutor é um agente invisível na maior parte da recepção de obras traduzidas, como, a tradução ocupa um lugar predominante no universo das resenhas críticas contemporâneas nacionais. Torna-se importante, portanto, perceber qual é o conceito predominante de tradução na cultura de chegada que contribui para a imagem do tradutor.

Além disso, o *corpus* reunido de resenhas críticas do *Expresso* poderia responder a outras questões que por motivos de tempo não podemos colocar: a) quais as normas tradutórias da cultura de chegada destacadas pelos críticos, b) quais as metodologias de crítica da tradução empregadas pelos críticos do *Expresso*.

3. A INVISIBILIDADE DO TRADUTOR

3.1. INTRODUÇÃO

O presente capítulo é dedicado aos possíveis fundamentos teóricos justificativos da invisibilidade do tradutor.

3.2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O discurso tradutório, ao longo da história, inclui posições normativas acerca do que se considera ser uma tradução de boa ou má qualidade. A famosa máxima *traduttore, traditore* provém de uma cultura enraizada de desconfiança em relação à tradução. Outro exemplo é a expressão *les belles infidèles* que, tal como Lori Chamberlain (1988/2000) afirma, salienta a natureza sexista deste termo, apontando a explícita convivência cultural entre a questão de fidelidade na tradução e no casamento. A base da metáfora aqui utilizada, segundo Susan Bassnett (2001:291) é a de que o texto de partida, encarado como o “original”, é masculino e detentor do poder, enquanto o texto de chegada, feminino e subserviente, trai e se apresenta como uma perda em relação ao primeiro.

A origem desta tendência moralizante pode remeter-nos para as origens míticas da tradução. Entre os mitos populares que explicam a diversidade linguística, um dos mais conhecidos é o mito bíblico de Babel, segundo o qual o projecto audaz de construção de uma torre para chegar ao céu desencadeia a fúria de Deus. Consequentemente, para punir os humanos com o sofrimento eterno da tradução, Deus fragmenta a língua pura do Éden. Desta forma, cada uma das línguas pode apenas compreender e reflectir a sua própria fracção da realidade:

Being erratic blocks, all languages share in a common myopia; none can articulate the whole truth of God or give its speakers a key to the meaning of existence. Translators are men groping towards each other in a common mist. (Steiner 1998:65)

De acordo com o mito de Babel, a tradução é uma maldição, um mal ao mesmo tempo necessário e impossível. (Derrida 1985)

Por conseguinte, até à segunda metade do século XX, a teoria da tradução, tal como

George Steiner (1998: 319) a descreve, parece centrar-se num discurso "estéril" sobre a tríade "literal", "livre" e "fiel".

De acordo com Louis Kelly (1979: 206), até ao século XVII o conceito de *fidelidade* estava associado à exactidão para com as palavras do autor em vez de para com o significado. Já que as questões de tradução livre e literal, na sociedade ocidental, estavam intrinsecamente articuladas com a tradução de textos sagrados e filosóficos, nomeadamente da Bíblia, torna-se fácil perceber a razão subjacente à fidelidade para com a palavra do autor, tendo em conta que essa palavra, em muitos casos, era sagrada. Qualquer tradução que divergisse da leitura "correcta" corria o risco de ser considerada herética, como, por exemplo, foi o caso de Etienne Dolet. Dolet foi condenado à fogueira pela Faculdade de Teologia de Sorbonne em 1546 por acrescentar à sua tradução de um dos diálogos de Platão a frase "rien du tout" num trecho acerca do que existe para além da morte. O tradutor foi condenado por blasfémia e executado.

O Romantismo da parte final do século XVIII e início do século XIX marcou uma mudança de perspectiva mais acentuada. Em vez dos ideais de fidelidade, os românticos alemães procuraram construir a teoria da tradução em volta do problema das diferenças culturais. O aspecto mais importante do "outro" é a sua alteridade, a forma como se distingue do doméstico e a tarefa do tradutor é encontrar uma forma de comunicar essa diferença (ver Schleiermacher, secção 3.4.1.).

Hoje em dia, o debate tradutório já não se centra na (in)fidelidade em relação ao "original":

The choice is not between following the rules and breaking them, as there is no one set of rules to be obeyed or breached. The choice is, rather, between different sets of rules and different authorities preaching them." (Bauman 1993:30).

Consequentemente, a tradução nas últimas décadas tem sido descrita como um

processo de decisão (Levỳ 1989)¹⁸; foi estudada do ponto de vista das mudanças (Popovič 1970¹⁹); e como um processo de definição do “skopos” de uma determinada tradução e da melhor estratégia para a conseguir (Vermeer 1996²⁰). De acordo com Anthony Pym, o imperativo fundamental da tradução é “Decidir!” (1992: 174).

Contudo, apesar de a comunidade científica ter ultrapassado a questão da (in) fidelidade em relação ao texto de partida, isso não implica que esta questão tenha deixado de ser importante para os agentes de consagração, nomeadamente para os críticos, como a leitura do *corpus* CRCE-Port indica. Como se pode ler no seguinte excerto, Helena Barbas destaca o trabalho do tradutor por ser “elegante e fiel”.

Sem grandes ousadias, entre o confessional e o descritivo, são óptimos na maioria e equilibram-se pela tradução elegante e fiel do poeta José Agostinho Baptista. (Edição de 18-09-1999; *O Mar na Poesia da América Latina* de Isabel Aguiar Barcelos (selecção e ensaio) e tradução de José Agostinho Baptista, crítica de Helena Barbas; sublinhado meu)

A Teresa Almeida opta por sublinhar os elementos que considera ilustrativos da fidelidade em relação ao autor do TP. É de notar que se elogia a fidelidade para com o autor e, portanto, considera-se que a obra veicula a intenção do autor.

Pedro Tamen oscila entre a tradução de topónimos e a sua manutenção na língua de partida, seguindo de perto as hesitações de **A Cidade e as Serras**, criando uma atmosfera próxima e distante, como se estivéssemos ainda nos finais do século XIX ou, talvez, no início do século XX. Conserva, na língua original, os nomes das personagens, mesmo quando seria

¹⁸ “... translating is a DECISION PROCESS: a series of a certain number of consecutive situations – moves, as in a game – situations imposing on the translator the necessity of choosing among a certain (and very often exactly definable) number of alternatives.” (Levỳ 1989: 38)

¹⁹ De acordo com o autor, estas mudanças (“shifts”) são determinadas pelas diferenças entre as duas línguas, os dois autores e as duas situações literárias. (Popovič 1970: 79) Neste caso, optámos pelo termo “mudança” em detrimento de “desvio”, mais utilizado. Desta forma, procurámos não empregar terminologia negativa própria do discurso desvalorizante sobre tradução.

²⁰ Neste enquadramento, a qualidade ou a aceitação de uma tradução não é determinada através da comparação com o original, mas avaliando se cumpre o “skopos” e as necessidades do cliente e do público-alvo. Por outras palavras, a objectivo da tradução justifica a estratégia aplicada. (Nord 1997: 124)

possível traduzi-los, fiel a um autor que acredita no poder de nomear. Faz nascer o desejo de leitura, como se agora Marcel Proust começasse a ser, de uma outra forma, a sua própria tradução. (edição de 12-07-2003; *Em Busca do Tempo Perdido - Volume I: Do Lado de Swann, Volume II: À Sombra das Raparigas em Flor* de Marcel Proust e tradução de Pedro Tamen, crítica de Teresa Almeida; sublinhado meu)

Nesta recensão, Helena Barbas chama a atenção para um tradutor que, segundo a sua perspectiva, consegue ao contrário do que é mais comum, traduzir e ser fiel. Desta forma, Helena Barbas aponta claramente que a maioria dos tradutores não é fiel.

Quanto aos poemas - 366 -, trata-se na verdade do *corpus* lírico mais importante do século XIV e mesmo um dos mais importantes de toda a tradição ocidental. E nalguns casos o «tradutor-fotógrafo» (como se auto-apelida) inibiu-se um pouco, noutros recriou e noutros ainda conseguiu o feito raro e extraordinário de traduzir, ser fiel e reproduzir momentos de grande poesia: «Meu adversário, em quem ver costumais/ o vosso olhar que amor e o céu adora,/ com suas não belezas vos namora,/ mais ledas e suaves que as mortais.// E é por conselho seu que me expulsais,/ dama, do doce albergue para fora:/ mísero exílio! como se eu não fora/ de habitar onde só vós estais//» (pág. 159). (Edição de 29-11-2003; *As Rimas de Petrarca* de Vasco Graça Moura, crítica de Helena Barbas; sublinhado meu)

Mais uma vez, nesta recensão, podemos ler que esta tradução, ao contrário da maioria, é fiel ao TP.

O texto é agradável e talentoso, com anotações e anexos finais pertinentes. Cabe aqui uma menção muito positiva para a tradução, excepcionalmente fiel ao registo original. (Edição de 15-02-2004; *A Ilha da Mão Esquerda* de Alexandre Jardim e tradução de Ana Paula Tanque e Maria Helena Serrano, crítica de Luísa Mellid-Franco; sublinhado meu)

A análise cinematográfica²¹ da imagem do tradutor de Eliana Franco (2006) ilustra

²¹ Eliana Franco, partindo do princípio de que a comunicação audiovisual influencia a opinião pública, neste caso, sobre a imagem do tradutor/intérprete, estudou os filmes transmitidos em canais de sinal aberto e por cabo brasileiros
Nota de rodapé contínua na página seguinte

esta mesma realidade. A autora concluiu que a maioria dos filmes analisados (26 filmes transmitidos por canais brasileiros de sinal aberto e por cabo de Agosto de 2004 a Julho de 2005) apresenta a tradução como uma actividade amadora e executada por pessoas sem qualificações, e que se trata de um processo que inevitavelmente envolve não só a manipulação deliberada do discurso como também a perda de informação em relação ao “original”.

3.3. LAWRENCE VENUTI E A INVISIBILIDADE DO TRADUTOR

“In contemporary translation theory, one could hardly find a more enthusiastic spokesman for translators than Lawrence Venuti. Throughout the 1990s he has been waging a one-man war for raising the status of translation.” (Koskinen 2000, 47)

Lawrence Venuti simboliza a luta contra o estatuto da invisibilidade do tradutor. O seu papel é descrito por Maria Paula Frota como “sindicalista, que convoca seus pares a mudar sua situação actual, chamando sua atenção para os modos como as traduções são hoje escritas e lidas, e conclamando-os a pensar em alternativas”. (Frota 1999: 123)

Em *The Translator's Invisibility*, Venuti sublinha que o seu objectivo passa por dar visibilidade aos tradutores de modo a resistir e alterar as condições que rodeiam a prática e a teoria da tradução na actualidade.

De acordo com a proposta de Venuti, desde o século XVII que a teoria e a prática da tradução anglo-americana são dominadas pela crença de que o tradutor deve optar por um discurso fluente de modo a que o leitor julgue estar na presença de um texto

desde Agosto de 2004 a Julho de 2005. Procurando perceber qual é o conceito de tradução e de interpretação que fundamenta a identidade do tradutor e do intérprete no cinema, a autora analisou 26 filmes, focando em personagens que trabalham ou executam funções de tradução. O seu principal objectivo era o de perceber como a imagem do tradutor transmitida pela comunicação audiovisual influenciava os seus alunos de tradução em termos de estratégias de tradução e da sua própria imagem como futuros tradutores.

não traduzido. Consequentemente, a actividade do tradutor, bem como o seu papel na cultura anglo-americana podem ser descritos como invisíveis.

A maior parte dos agentes de consagração e os leitores avaliam positivamente uma tradução cuja leitura seja fluente, aparentemente reflectindo a personalidade do autor do TP ou até a intenção do mesmo. O seguinte excerto retirado do *corpus* CRCE-Port é exemplo disso:

Ao nível desta [tradução], poder-se-iam colocar algumas objecções. É discutível, sobretudo, que certas palavras sejam amputadas para que se mantenha a rima (entre vários outros exemplos, «sapa/tos» para rimar com «Judá», na pág. 137). Pode ainda causar estranheza a adopção de termos do calão para traduzir palavras que, no inglês, não se enquadram nesse registo (veja-se, na pág. 221, «bacano» e «bera» para, respectivamente, «good» e «bad»). (Edição de 23.02.2002; Paisagem com inundação de Iosif Brodskii e tradução de Carlos Leite, crítica de Manuel de Freitas; sublinhado meu)

Segundo Venuti, quanto mais fluente for a tradução, menos visível é o tradutor e mais visível é o autor e o significado ou a essência do texto de partida.

Venuti caracteriza o efeito do discurso fluente como uma ilusão de transparência, porque o tradutor ao trabalhar para assegurar uma leitura fluente do texto de chegada camufla o seu trabalho, apresentando-o, desta forma, como um texto não traduzido. Portanto, é possível concluir que, de acordo com a presente argumentação, o trabalho do tradutor contribui para a sua própria invisibilidade.

O discurso fluente tem como objectivo ocultar a voz do tradutor através do seu auto-apagamento (*auto-erasure*) em nome da “fidelidade”. Segundo Venuti, o discurso transparente ao ocultar a diferença cultural e linguística do texto de partida contribui para a marginalidade cultural e para a exploração económica dos tradutores. Além disso, o estatuto jurídico anglo-americano da tradução, tanto através da lei de direitos autorais, como ao nível dos contratos de trabalho, corrobora a imagem secundária e derivativa da tradução. Tal como o autor destaca, os valores praticados para a remuneração do trabalho de tradução são significativamente baixos o que faz com que a profissão de tradutor não possa ser principal, nem central para a sua subsistência. Consequentemente, o efeito de transparência contribui para a marginalidade cultural

e para a exploração económica dos tradutores anglo-americanos.

Com este pano de fundo, Theo Hermans questiona: “Does the translator, the manual labour done, disappear without textual trace, speaking entirely ‘under erasure?’” (1996b: 26)

A estratégia de tradução fluente possibilita o efeito de transparência através da redução da estranheza em relação à cultura de chegada, optando pela sintaxe linear, significados unívocos, consistência linguística, vocabulário comum. O “outro” é assimilado de acordo com os valores dominantes na cultura de chegada, i.e. domesticado.

3.4. INFLUÊNCIAS

Lawrence Venuti inspirado nas propostas de Friedrich Schleiermacher e Antoine Berman procura responder à questão: “Why and how do I translate?” (1995:19) Apesar de Venuti definir a tradução como sujeita a constrangimentos linguísticos, culturais, económicos e ideológicos, o autor defende que o tradutor, sendo responsável pela sua estratégia tradutória, tem liberdade de escolha. Portanto, perante o estatuto de invisibilidade do tradutor, Venuti lê nas teorias de tradução com base numa resistência cultural de Schleiermacher e Berman uma resposta para esta situação.

3.4.1 FRIEDRICH SCHLEIERMACHER

Em 1813, o teólogo e tradutor Friedrich Schleiermacher publicou um tratado no qual se debruça sobre os diferentes métodos de tradução, *Über Die Verschiedenen Methoden des Übersetzens*.

O autor, em primeiro lugar, distingue dois tipos diferentes de tradutor de acordo com o tipo de texto com que trabalha: o “Dolmetscher”, que traduz textos comerciais e o “Übersetzer”, que trabalha com textos académicos e artísticos. É o segundo tipo que, segundo o autor, pertence a um plano mais criativo, sendo fonte de inovação para a língua. Contudo, a verdadeira questão para Schleiermacher reside em como aproximar o autor do TP e o leitor do TC. O autor ultrapassa as questões de tradução de palavra a

palavra e sentido por sentido, literal, fiel e tradução livre e considera que existem apenas dois caminhos para o “verdadeiro” tradutor: “Ou o tradutor deixa o mais possível o escritor em repouso e move o leitor em direcção a ele; ou deixa o leitor o mais possível em repouso e move o escritor em direcção a ele.” (Schleiermacher 2003: 61)

A primeira estratégia tem como objectivo a reconstituição da realidade do texto de partida no seu máximo estranhamento possível. Por sua vez, a segunda estratégia visa anular o estranho, nacionalizar o carácter estrangeiro, do “outro”.

A primeira tradução será perfeita, no seu género, quando pode dizer-se que, se o autor tivesse aprendido alemão tão bem quanto o tradutor aprendeu latim, não teria traduzido a sua obra originalmente redigida em latim diferentemente do que o tradutor realmente fez. A outra, porém, não mostrando o autor como ele teria traduzido, mas sim como ele teria originalmente escrito em alemão, enquanto alemão, dificilmente terá outro critério de perfeição senão o seguinte: o de poder asseverar que, se os leitores alemães no seu conjunto se transformassem em conhecedores e contemporâneos do autor, a própria obra seria para eles em todos os aspectos a mesma que para eles é agora a tradução, uma vez que o autor se transformou num alemão. (Schleiermacher 2003: 63-65)

O tradutor, ao optar pela primeira estratégia – a preferida do autor já que somente através desta se consegue proporcionar a verdadeira e máxima fruição das obras estrangeiras – tem de optar por um método de tradução de alienação, oposto ao método de naturalização.

3.4.2. ANTOINE BERMAN

Antoine Berman, ao invocar uma ética da tradução focada na relevância do “outro”, procura destacar a importância de a voz da cultura de partida ser preservada no texto de chegada.

No artigo *La traduction comme épreuve de l'étranger* (1985/2000) de Antoine Berman, traduzido por Venuti em 2000 como *Translation and the trials of the foreign*, o autor apresenta a tradução como um desafio e uma prova (*épreuve*) de duas formas: a) uma prova para que a cultura de chegada perceba a singularidade do texto

e da cultura estrangeira; b) uma provação para que o texto estrangeiro, que é exilado do contexto da língua de partida.

Berman condena a tendência geral de negação do estrangeiro na tradução através da estratégia de tradução de “naturalização”, que equivale à “domesticação” proposta por Venuti: “The properly ethical aim of the translating act is receiving the foreign as foreign” (Berman 1985/2000:285) Segundo Venuti, Berman peca por não ler em Schleiermacher uma agenda política:

Next to Berman’s reading of Schleiermacher as the ‘radical’ critic of ethnocentric translation, we must set a more differential knowledge of his bourgeois cultural elitism and Prussian nationalism, showing how he already initiated a shift from an ethical to a political problematic in current debates about translation. (Venuti 1991: 128-129)

Todavia, Berman considera que normalmente existe um sistema de deformação textual no TC que impede a concretização do “outro”. A estas “tendências de deformação” Berman chama “negative analytic”:

The negative analytic is primarily concerned with ethnocentric, annexationist translations and hypertextual translations (pastiche, imitation, adaptation, free writing), where the play of deforming forces is freely exercised. (Berman 1985/2000: 286)

O autor, por sua vez, identifica doze “tendências de deformação” a evitar: Racionalização; Clarificação; Explicitação; Enobrecimento; Empobrecimento qualitativo; Empobrecimento quantitativo; Destruição de ritmos; Destruição de redes subjacentes de significação; Destruição de padrões linguísticos; Destruição de redes vernaculares ou do seu exotismo; Destruição de locuções e expressões idiomáticas; Supressão da sobreposição das línguas.

Estas tendências são definidas por Baker (1993: 243) como universais de tradução, i.e., características linguísticas normalmente identificadas em traduções que se verificam serem independentes dos pares de línguas envolvidos.

3.5. A ESTRATÉGIA DE DOMESTICAÇÃO E DE ESTRANGEIRIZAÇÃO

Portanto, de acordo com Venuti, a tradução é actualmente escandalosamente estigmatizada, desvalorizada, depreciada e explorada (1998: 1). O autor pretende expor e rectificar este escândalo através da reconsideração produtiva da tradução, desta forma provocando uma mudança cultural e social, a redefinição da autoria, alterando métodos de ensino e apresentando novas orientações, tanto às editoras, como às empresas. (Venuti 1998: 3)

Desta forma, o autor propõe duas estratégias de tradução²² – a estratégia domesticadora e a estratégia estrangeirizante – que, ao representarem uma abordagem assumidamente prescritiva, têm como objectivo perspectivar não só o trabalho do tradutor, como também a sua leitura. O termo *estratégia de tradução* é utilizado por diferentes autores para descrever diferentes tipos de procedimentos utilizados por tradutores. Estratégia de tradução²³, neste contexto, refere-se a um plano ou escolha global para resolução de problemas posto em prática num determinado contexto (Chesterman 2005: 25). Desta forma, as estratégias são processos cognitivos e não linguísticos, textualmente realizados, que podem ser adoptados conscientemente pelo tradutor ou que resultam de um comportamento tradutório inconsciente²⁴. Chesterman adianta como exemplo de estratégia a observância da norma de aceitabilidade ou de adequação, estrangeirização ou domesticação. Portanto, partimos do princípio de que as estratégias são governadas por normas tradutórias que podem ser identificadas através da aplicação de um “modelo descritivo para a análise retrospectiva dos contornos micro- e macro-textuais da tradução como produto”. (Rosa 2003: 59)

Por um lado, a domesticação reflecte a escolha de estratégias semioticamente

²² As estratégias de tradução avançadas por Lawrence Venuti são inspiradas, segundo o autor, nos opostos de alienação/naturalização de Schleiermacher. Porém, não se lê na proposta de Schleiermacher a perspectiva prescritiva de Lawrence Venuti.

²³ “... a translation strategy (...) may be defined (...) as a textually manifest, norm-governed, intersubjectively verifiable global choice.” (Kwiecinski 2001: 120)

²⁴ “A translation strategy is a potentially conscious procedure for the solution of a problem which an individual is faced with when translating a text segment from one language into another.” (Lörscher 1991: 76)

prestigiantes e valorizadas na cultura de chegada: “ethnocentric reduction of the foreign text to [Anglo-American] target-language cultural values”. (Venuti 1995: 20) Esta estratégia de tradução implica traduzir de forma transparente, fluente e invisível de modo a minimizar a qualidade estrangeirizante do TC. Venuti associa-o à descrição de tradução de Schleiermacher: “... ou deixa o leitor o mais possível em repouso e move o escritor em direcção a ele.” (Schleiermacher 2003: 61) A domesticação garante o cumprimento dos cânones literários da cultura de chegada seleccionando cuidadosamente os textos que mais se prestam a essa estratégia de tradução (Venuti 1997: 241).

Tal como Rosa (2003: 55) aponta, a domesticação é “sinónimo de conquista, nacionalização e sobretudo de normalização.” A tradução domesticadora gera a invisibilidade do tradutor, apagando todos os traços que possam causar estranhamento ao leitor. Consequentemente, o tradutor cria um texto sem aparentes vestígios da sua intervenção.

Por outro lado, a estrangeirização²⁵ reflecte a adopção de estratégias semioticamente desprestigiantes e marginais na cultura de chegada: “entails choosing a foreign text and developing a translation method along lines which are excluded by dominant cultural values in the target language” (Venuti 1997: 242). Trata-se da estratégia de tradução de eleição de Schleiermacher que a descreve como “Ou o tradutor deixa o mais possível o escritor em repouso e move o leitor em direcção a ele;” (Schleiermacher 2003: 61). Venuti (1995: 20) considera o método estrangeirizante: “an ethnodeviant pressure on [target-language cultural] values to register the linguistic and cultural difference of the foreign text, sending the reader abroad”. Trata-se de um esforço para reprimir a violência etnocêntrica da tradução. Por outras palavras, a estratégia de estrangeirização pode impedir os valores culturais “violentamente” domesticadores do mundo anglo-americano. A estrangeirização, ou resistência (Venuti 1995: 305-6), constitui uma estratégia concebida para dar visibilidade ao tradutor destacando a identidade “do outro” presente no TP. Trata-se

²⁵ Ao longo da sua obra, denomina esta estratégia como “estrangeirizante” (“foreignizing” 1995), “resistência” (Venuti 1995: 305-6) e “minoritizing” (Venuti 1998).

da estratégia claramente preferida de Venuti por combater conscientemente a invisibilidade do tradutor. Para Venuti: “the aim of minoritising translation is ‘never to acquire the majority’, never to erect a new standard or to establish a new canon, but rather to promote cultural innovation as well as understanding of cultural difference.” (Venuti 1998: 11) Para o autor, o objectivo da tradução é promover a inovação e mudança cultural, e as diferentes estratégias e escolhas são avaliadas a partir desta perspectiva (1998: 188). Ao adoptar uma estratégia não fluente, afasta-se de características como a sintaxe linear, significados inequívocos ou evitar a ambiguidade, utilização comum e consistência linguística (Venuti 1992:4).

Embora Venuti defenda a tradução estrangeirizante, também tem consciência de algumas das suas contradições, nomeadamente que se trata de um termo subjectivo e relativo que ainda envolve alguma domesticação, já que traduz um TP para uma cultura de chegada e depende dos valores predominantes nessa cultura de chegada para se tornar visível quando se afasta da mesma (Venuti 1995:29). Mesmo assim, Venuti continua a defender esta estratégia em detrimento da domesticação: “Foreignizing translations that are not transparent, that eschew fluency for a more heterogeneous mix of discourses, are equally partial in their interpretation of the foreign text, but they do tend to flaunt their partiality instead of concealing it.” (Venuti 1995: 34).

Além disso, é importante notar que para Venuti estas estratégias são conceitos heurísticos que almejam promover o pensamento e a investigação, e não opostos binários: “They possess a contingent variability, such that they can only be defined in the specific cultural situation in which a translation is made and works its effects.” (Munday 2001: 148, apud Venuti 1999)

3.6. AS ESTRATÉGIAS E AS NORMAS DE TRADUÇÃO

Deste modo, Venuti contesta o modelo descritivo de Toury quanto à sua finalidade de descrever normas e leis de tradução intersubjectivas, propondo estratégias de tradução que contrastam com a norma inicial de adequação e de aceitabilidade de Toury: “Norms may be in the first instance linguistic or literary, but they will also

include a diverse range of domestic values, beliefs, and social representations which carry ideological force in serving the interests of specific groups.” (Venuti 1998: 29)

Este é o ponto central de divergência entre a perspectiva de Toury e Venuti. Enquanto Venuti avança com uma agenda assumidamente prescritiva, cujo objectivo é alterar a imagem do tradutor, Toury opta por um modelo descritivo de modo a estudar o comportamento tradutório.

Toury apresenta uma definição sociológica de norma afirmando que a norma traduz valores gerais em instruções performativas aplicadas a situações específicas:

the translation of general values or ideas shared by a community – as to what is right and wrong, adequate and inadequate – into performance instructions appropriate for and applicable to particular situations, specifying what is prescribed and forbidden as well as what is tolerated and permitted in a certain behavioral dimension (1995: 55).

Segundo Koskinen (2000: 18), esta definição torna explícito que as normas estão intrinsecamente associadas a questões ético-morais. Contudo, trata-se de uma arena que Toury evita a toda o custo. Toury tem como objectivo desenvolver uma disciplina empírica, não prescritiva e o mais objectiva possível. Contudo, na impossibilidade de uma abordagem totalmente objectiva, aposta-se numa perspectiva intersubjectiva²⁶. Toury apresenta a sua abordagem descritiva apondo-se à teoria do “skopos” que pelo seu pendor didáctico assume necessariamente uma tendência mais prescritiva.²⁷ (Toury 1995: 25)

Segundo Toury, a tradução é concebida como sujeita a constrangimentos de vários tipos e graus. Desta forma, Toury (1995) propõe um modelo baseado em conceitos chomskianos de competência e desempenho. As normas situam-se a um nível intermédio entre "competência" e "desempenho", sendo as normas as opções que os

²⁶ “Only a branch of this kind can ensure that the findings of individual studies will be intersubjectively testable and comparable, and the studies themselves replicable.” (Toury 1995: 3)

²⁷ “[W]hereas mainstream Skopos-theorists still see the ultimate justification of their frame of reference in the more ‘realistic’ way it can deal with problems of an applied nature, the main object being to ‘improve’ (i.e., change!) the world of our experience, my own endeavors have always been geared primarily towards the descriptive-explanatory goal of supplying exhaustive accounts of whatever has been regarded as translational within a target culture, on the way to the formulation of some theoretical laws.” (Toury 1995: 25)

tradutores seleccionam num determinado contexto sociocultural. Então, pode-se definir normas como regularidades do comportamento tradutório numa situação sociocultural específica (Baker: 1998). Aqui a própria definição de tradução é intrinsecamente dependente da noção de tradução presente na cultura de chegada. Theo Hermans acrescenta que: “The complex of translational rules and norms operative in a particular community defines what is translation for that community, because it determines what is recognized as translation.” (1996a: 42)

Para além disso, as normas tradutórias, tal como Toury as apresenta, podem ser de três tipos: a) normas iniciais b) normas preliminares, e c) normas operacionais.

Pode definir-se norma inicial como a escolha de base entre a adesão às normas da língua e da cultura do texto de partida ou às normas da língua e cultura de chegada. Escolher entre estas normas é optar entre uma estratégia de *adequação* - se se aderir às normas do texto de partida - e uma estratégia de *aceitabilidade* - se se aderir às normas determinadas pela cultura de chegada. No primeiro caso, a tradução não é realmente introduzida na cultura de chegada, mas imposta, tal como o autor indica. E, cria-se então uma língua-modelo: “which is at best some part of the former [source language] and at worst an artificial, and as such nonexistent variety.” (1995: 60)

No segundo caso, o que o tradutor introduz na cultura de chegada é uma versão do texto de partida adaptado a um modelo pré-existente. Há que ter em atenção que é irrealista esperar observar regularidades absolutas num texto de chegada tal como Toury afirma e Lambert e Hendrik Van Gorp reiteram: “From an empirical point of view it can safely be assumed that no translated text will be entirely coherent with regard to the ‘adequate’ versus ‘acceptable’ dilemma.” (1985: 44)

3.7. PERSPECTIVAS CRÍTICAS

As estratégias propostas por Venuti desencadearam um debate aceso. De entre as várias questões levantadas, destacamos as seguintes:

1) As estratégias serão aplicáveis?

Venuti, ao incentivar os tradutores a optarem por uma estratégia de estrangeirização, tem como objectivo combater a imagem invisível do tradutor. Contudo, será que a imagem iria realmente mudar se os tradutores se recusassem a traduzir fluentemente? Pym (1996: 174) lembra que Venuti goza de um estatuto de autoridade que lhe permite adoptar a estratégia de tradução que prefere, mas põe em causa se outros tradutores sobreviveriam na profissão caso adoptassem o mesmo princípio.

2) A estratégia de domesticação é dependente da hegemonia da cultura de chegada? Embora Venuti se concentre nas traduções para inglês, a tendência para a estratégia de tradução domesticante ocorre em traduções para outras línguas. Pym (1996: 170) cita o Brasil, a Espanha e a França como exemplos. Isto parece sugerir que a tradução é tipicamente domesticadora independentemente da hegemonia das culturas de partida e de chegada. De qualquer das formas, Pym admite que Venuti: “does enable us to talk about translators as real people in political situations, about the quantitative aspect of translation policies, and about ethical criteria that might relate translators to the societies of the future.” (Pym 1996: 176) Antes de mais nada, Venuti permite-nos falar dos tradutores como agentes visíveis cujo papel no polissistema literário não só é importante como condiciona a leitura, a recepção e o posicionamento de uma determinada obra no sistema.

3) É possível testar a estratégia de resistência?

Por um lado, Venuti não apresenta nenhuma metodologia para testar os impactos na cultura de chegada da estratégia de resistência. Por outro lado, como se poderia verificar se, de facto, a estratégia de resistência proposta por Venuti resulta numa maior visibilidade do papel do tradutor? Neste enquadramento Pym (1996) questiona se a “resistência” de Venuti é passível de ser testada.

4) Qual é a metodologia de análise do TC aplicada?

Munday (2001: 156) aponta que Venuti não oferece uma metodologia específica para a análise de textos traduzidos. Os seus inúmeros estudos de caso abarcam um leque de abordagens, incluindo a discussão de prefácios de tradutores e análise de extractos do TP-TC de modo a avaliar a estratégia de tradução dominante num dado contexto e cultura. Desta forma, Munday sugere sete métodos para o estudo das

estratégias de tradução domesticadoras e estrangeirizantes e da invisibilidade do tradutor e do poder relativo do editor e do tradutor:

- a) comparar linguisticamente o TP e o TC para identificar sinais de estratégias de domesticação e de estrangeirização;
- b) entrevistar tradutores quanto às suas estratégias e/ou analisar o que os tradutores afirmam que fazem, a sua correspondência com os autores e os eventuais diferentes rascunhos de uma tradução;
- c) entrevistar editores e agentes de modo a identificar os objectivos para as traduções publicadas, como se processa a selecção de obras a traduzir e quais são as instruções dadas aos tradutores;
- d) analisar a forma como a maior parte das obras são traduzidas e vendidas, as que são escolhidas e para que línguas e como as tendências mudam com o passar do tempo;
- e) analisar o tipo de contratos celebrados com os tradutores e a visibilidade do tradutor no produto final;
- f) analisar a visibilidade real da tradução, olhando para o tratamento do texto, a (in)existência do nome do tradutor na capa, a atribuição de direitos de autor, prefácios do tradutor, etc.;
- g) analisar as recensões a traduções, autores ou períodos históricos. O objectivo será perceber quais são as referências feitas aos tradutores (serão estes “visíveis”?) e quais são os critérios utilizados pelos críticos para avaliar as traduções num dado momento ou numa dada cultura.

5) Qual é o critério de definição das estratégias?

Rosa (2003: 57) aponta que Venuti não apresenta claramente o critério de definição das estratégias: aproximação das normas do TP ou aproximação às normas da cultura de chegada – sugerida pelas designações e pela citação de Schleiermacher; ou a aproximação de normas desvalorizadas ou valorizadas na cultura de chegada, ou ainda em termos do conjunto de normas tradutórias da cultura de chegada. Segundo a autora, as definições ambíguas e a referência a Schleiermacher tornam os conceitos extremamente operativos já que pela indeterminação dos conceitos

possibilitam uma aplicabilidade alargada.

3.8. O CASO PORTUGUÊS

Translations are indeed facts of target cultures, as Toury stated (1995: 29). However, in some cases, target cultures and repertoires also seem to be, to a certain extent, translated facts. (Rosa 2006: 91)

Nos anos 70, a obra de Itamar Even-Zohar (republicada em 1990 num número especial da revista *Poetics Today*), alicerçada pela concepção sistémica dos formalistas russos, apresenta-se como um novo modelo aberto, heterogéneo e dinâmico, contrastando com o de Saussure. Concebendo o sistema semiótico como um polissistema composto por vários sistemas que se intersectam e se sobrepõem parcialmente (Even-Zohar 1990: 11), o autor inclui objectos semióticos que até ao momento eram excluídos, como, a literatura infantil ou a literatura traduzida. O autor acrescenta que, nos sistemas, se verifica uma luta permanente entre o centro e a periferia. Consequentemente, já que o sistema é totalizante, não existindo objectos extrassistémicos, o centro e a periferia de um sistema são também sistemas com o seu centro e periferia. Contudo, nesta proposta, fica por explicar, tal como Duarte (2006: 43) aponta, a estabilidade “de textos e repertórios conservados pelo sistema na sua canonicidade central, mesmo quando há muito cessou a sua capacidade geradora de inovação-desfamiliarização”.

A obra de Even-Zohar alertou-nos para o facto de que, apesar de a tradução desempenhar um papel principal na cristalização das culturas nacionais, esta actividade tem sido considerada marginal e secundária ao ponto de ser negligenciada pela investigação. Even-Zohar (1990) concebe a literatura traduzida como um sistema completo e activo presente em qualquer polissistema literário. Dada a posição periférica da literatura traduzida no estudo da literatura e da cultura,

seria de esperar que também ocupasse uma posição periférica no polissistema literário. Contudo, esse não é obrigatoriamente o caso. A posição da literatura traduzida num determinado polissistema depende do próprio polissistema em causa. No artigo "The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem", Even-Zohar apresenta três condições determinantes para a literatura traduzida ocupar uma posição central no polissistema e participar activamente na modelação do centro do mesmo: quando o polissistema ainda não se cristalizou, quando a literatura é periférica e/ou fraca dentro de um grupo de literaturas correlacionadas e quando ocorrem pontos de viragem, crises ou vazios numa dada literatura. O autor acrescenta que as literaturas periféricas no ocidente tendem a ser as literaturas das nações mais pequenas. Por sua vez, a prática da tradução está subordinada à posição de que a literatura traduzida ocupa no polissistema, e, acrescente-se, ao papel que o tradutor desempenha nele.

O centro de um polissistema é normalmente identificado como correspondendo ao repertório canonizado mais prestigiado: "As a rule, the center of the whole polysystem is identical with the most prestigious canonized repertoire. Thus, it is the group which governs the polysystem that ultimately determines the canonicity of a certain repertoire." (Even-Zohar 1990: 17)

Contudo, acreditamos que a oferta, o consumo e os hábitos de leitura são factores determinantes e moduladores do polissistema e, por conseguinte, da cultura nacional.

Ora, tal como mencionado na análise do *corpus* CRCE-Port, a observação global dos dados recolhidos pelo *corpus* juntamente com os dados de outros autores (Freitas, Casanova e Alves 1997, Rosa 2006) permite-nos partir do princípio de que a percentagem maioritária de recensões críticas a obras traduzidas esteja relacionada com a percentagem maioritária de títulos traduzidos vendidos e com os hábitos de leitura dos portugueses. Portanto, pode concluir-se que a análise do *corpus* CRCE-Port nos permite pensar na literatura traduzida como ocupando um papel fundamental no polissistema, participando activamente na modelação do mesmo introduzindo,

definindo e estabelecendo normas e modelos.

Less agreed upon, of course, are the correlations between 'the public' and the other factor in the system, that is the degree that its existence and patterns of behavior may, or may not, determine the behavior (and nature) of the other factors involved. (Even-Zohar 1990:37)

Apesar de não ser consensual, não se pode negar o papel da influência que a oferta, o consumo e os hábitos de leitura têm na cultura nacional. Embora a literatura traduzida continue a ser associada à periferia, a importância quantitativa deve ser associada ao papel desempenhado pela tradução no contexto cultural.

Once we acknowledge the quantitative importance and the role played by translation in the cultural dynamics of the contemporary Portuguese context, the way is open to consider the relevance of further research in Translation Studies as another contribution to the history of our collective repertoire and linguaculture. (Rosa 2006: 91)

Desta forma, com os dados do *corpus* CRCE-Port podemos corroborar a hipótese avançada por Rosa²⁸ (2006: 90) de que o repertório português contemporâneo provavelmente é dependente da tradução sendo, no âmbito do nosso estudo, validada pela oferta apresentada e pelas recomendações presentes nas resenhas críticas.

Por outro lado, tendo em conta as definições de domesticação e estrangeirização avançadas por Venuti, pode acrescentar-se que, se se provar que a literatura traduzida desempenha um papel modulador do polissistema e, como tal, é fonte de inovação, se espera verificar a adoção de estratégias marginais e inovadoras na cultura de chegada e portanto a adoção de estratégias de estrangeirização. Se, por outro lado, a literatura traduzida ocupa uma posição periférica, então, sendo a principal preocupação do tradutor encontrar modelos já existentes e secundários, espera-se verificar a adoção de estratégias de normalização que visem privilegiar a

²⁸ "We may therefore hypothesize that the contemporary Portuguese repertoire is likely to depend on an input that included a variable but always substantial percentage of translated items, both in terms of what is offered but also (or even especially in the case of books) in terms of what is preferred by readers/consumers..." (Rosa 2006: 90)

canonicidade, i.e. estratégias de domesticação.

Por conseguinte, propomos aqui que, se se provar que a literatura traduzida no caso português contemporâneo ocupa uma posição moduladora, espera-se a adoção de estratégias de estrangeirização. Segundo Venuti, é através da aplicação de estratégias de estrangeirização que se combate a invisibilidade do tradutor. O tradutor ao trabalhar uma tradução de maneira a que o seu papel interventivo seja claramente visível para o leitor, adoptando opções desprestigiadas e desvalorizadas, chama a atenção para si mesmo. Contudo, a imagem do tradutor em Portugal é invisível segundo a análise do *corpus* CRCE-Port - apenas 20% das recensões críticas a obras traduzidas incluem referências ao processo de tradução e ao papel do tradutor; 92% das capas reproduzidas nas recensões críticas a obras traduzidas não referem o nome do tradutor.

Como, neste caso, é a alteridade que é privilegiada e, conseqüentemente, se adopta estratégias de estrangeirização, para que o papel do tradutor seja visível no processo de tradução o tradutor teria de optar por estratégias domesticadoras, indo contra a argumentação de Venuti para o caso anglo-americano. Almeida e Pinho (2006, 56-57) ao analisar o prefácio de David Mourão-Ferreira para a sua tradução *Imagens da Poesia Europeia: A Grécia-Roma. Os Séculos Obscuros*. (1972, 13-14) comenta que este tradutor/autor atribui ao tradutor o papel de inventor do texto na língua de chegada, concedendo-lhe uma visibilidade que contradiz a imagem comum do tradutor (auto)anulado. David-Mourão Ferreira, sendo tradutor e autor de obra própria, com autoridade suficiente para desafiar as normas vigentes na cultura de chegada, afirma:

E, [...] devo finalmente dizer, à guisa de explicação, que me deixei sobretudo guiar por este «princípio», tão admiravelmente exposto e defendido pelo ensaísta Roger Caillois: «Traduzir bem Píndaro, Shakespeare ou Puchkine, em francês (por exemplo), é escrever o texto que Píndaro, Shakespeare ou Puchkine teriam escrito se tivessem disposto dos recursos do francês em vez de dispor dos recursos do grego, do inglês ou do russo. E assim por diante. Uma boa tradução não é pois uma tradução literal nem uma tradição literária (mas infiel). É inventar o texto (vocabulário, sintaxe e estilo) que o autor traduzido teria escrito se a sua língua materna tivesse sido a do tradutor e não a sua...» por outras palavras, este é igualmente o «princípio» que tem sido continuamente invocada e posto em prática pelos maiores tradutores europeus, desde um

São Jerónimo a um Valery Larbaud, desde uma Amyot a um Pasternak; e um grande (e desconhecido) tradutor português do século XVII – João Franco Barreto-, a quem adiante nos haveremos de referir, defendendo também idêntico «princípio», observava ainda: «O demais é construção de meninos em as escolas». (Almeida e Pinho 2006: 56-57, apud Mourão-Ferreira 1972: 13-14)

É, portanto, interessante verificar que este tradutor afirma optar por estratégias de domesticação e, como tal, contraria a imagem de invisibilidade normalmente atribuída aos tradutores. Não será demais lembrar que, como Pym (1996, 174) alerta quando à posição de Venuti, David Mourão-Ferreira possui uma autoridade na cultura de chegada que lhe permite optar pelas estratégias que considera melhores independentemente da norma vigente. Freitas reforça que “no mundo exterior, o tradutor lida com prazos, revisores, leitores, instituições, editoras, regras e pagamento. A liberdade de que Venuti goza enquanto teórico e pesquisador é verdadeira para poucos e não representa a realidade do mercado de tradução” (2004: 61).

Fica por comprovar em estudos posteriores se a) a hipótese de que a literatura traduzida desempenha um papel modulador do polissistema literário e da cultura nacional é válida para outros *corpora*, b) se, de facto, os tradutores com menos autoridade optam por estratégias estrangeirizantes, enquanto os tradutores com maior autoridade optam por estratégias domesticadoras e, c) se a opção pela estratégia domesticadora origina uma mudança quanto à imagem do tradutor ou é pelo facto de o tradutor ter a autoridade de optar pela estratégia domesticadora que altera a sua imagem.

3.9. CONCLUSÕES

No presente capítulo foi possível perceber como a proposta de Venuti, por um lado, procurar explicar a invisibilidade do tradutor e, por outro, apresenta medidas de acção contra esta mesma invisibilidade. Por sua vez, com base nas estratégias de domesticação e estrangeirização e a teoria do polissistema de Even-Zohar (1990) foi possível sugerir que, para o caso português, será através da adopção de estratégias

domesticadores que será possível combater a invisibilidade do tradutor, por irem contra a expectativa do leitor.

4. AUTORIA E AUTORIDADE

4.1. INTRODUÇÃO

No presente capítulo vamos procurar explicar a importância da noção de autor e “originalidade” para a definição do papel do tradutor, contrapondo com o seu papel interventivo.

4.2. O PODER AUTORAL

“Meaning is a plural and contingent relation, not an unchanging unified essence, and therefore a translation cannot be judged according to mathematics-based concepts of semantic equivalence or a one-to-one correspondence.” (Venuti 1995: 18)

“São os autores que fazem as literaturas nacionais, mas são os tradutores que fazem a literatura universal.” (Almeida e Pinho 2006:11 citando Saramago 1997)

Arrojo (1993: 31-32) afirma que, enquanto os tradutores não se consciencializarem do seu papel autoral, e, conseqüentemente, continuarem a não “cuidar das condições e dos rumos de seu ofício”, permanecerão a desempenhar papéis secundários aos olhos do mercado editorial. Arrojo (1993) acrescenta ainda mais duas razões para a imagem actual do tradutor:

a) É o próprio tradutor que contribui para a sua invisibilidade ao negligenciar o seu papel autoral e a sua leitura interpretativa do TP e ao abraçar a sua função enquanto “mero transportador de significados” e ao aceitar não só as condições de trabalho, a remuneração “baixa e servil”, como também a não profissionalização do seu trabalho,

b) O conceito de tradução como “transporte neutro de significados de uma língua para outra” implica que o tradutor apenas necessita do conhecimento de línguas. Dentro desta óptica, traduzir não implica uma formação específica, mas apenas o conhecimento da língua de partida e de chegada.

Exemplo disto são os anúncios de emprego divulgados no Instituto do Emprego e Formação Profissional e noutros portais de emprego *online* (ver Anexo D):

a) Oferta de emprego para tradutor de francês e inglês com o 9º ano;

b) Oferta de emprego para tradutor de alemão e português com o 9º ano;

c) Oferta de emprego para tradutor de grego com o 12º ano.

Venuti (1992: 1) corrobora a afirmação de Arrojo de que os tradutores são em parte responsáveis pela sua própria visibilidade lembrando que:

Translators are always hard at work, but they are producing translations, not translation commentary, criticism, or theory; they appear as aesthetically sensitive amateurs or talented craftsmen, but not critically self-conscious writers who develop an acute awareness of the cultural and social conditions of their work.

Contudo, tal como Almeida e Pinho (2006: 14) salienta, quando têm a possibilidade de o fazer são frequentemente acusados pelos leitores de uma “interferência indesejada”. De facto, a invisibilidade dos tradutores é tal que muito poucos se dedicam a comentar o seu trabalho.²⁹ Quando o fazem, menosprezam o seu próprio trabalho de tal forma que corroboram a visão de que não são autores de pleno direito, como comprova a leitura dos prefácios analisados por Almeida e Pinho (2006):

Mas a tradução é, também, um pedaço inultrapassável do tradutor. No caso

²⁹ Contudo, é de notar que se pode encontrar com frequência em contratos celebrados entre o tradutor e a editora cláusulas da seguinte natureza (ver Anexo E):

1. O Tradutor pode escrever as notas de tradução que julgar convenientes, sujeitas à aprovação da Editora.

2. O Tradutor e a Editora poderão acordar que o Tradutor, com ou sem remuneração, possa escrever um prefácio para a obra, o qual será publicado ou não, caso a Editora assim o entender.

A leitura destas cláusulas denota que a editora tem a última palavra em todas as decisões e que o contributo do tradutor em termos de comentários à tradução é pouco relevante já que, em primeiro lugar, a decisão de publicação não é sua e, em segundo lugar, pode ser um esforço adicional que nem é recompensado monetariamente e no final até pode nem ser publicado.

presente, e por mais que ele tentasse, não conseguiu nunca deixar de se embeber do entusiasmo profundo de traduzir, mesmo que fugazmente, um poeta, um homem, como William Blake. Perdoe-se-lhe a ousadia de tentar a tradução, mas perdoe-se-lhe também, e fundamentalmente, esse entusiasmo profundo se alguma vez fez com que se excedesse. (Almeida e Pinho 2006: 42, citando Alves 1996: XXV)

Comprovando esta visão, as preocupações dos tradutores – expressas nos prefácios analisados por Almeida e Pinho³⁰ (2006: 176) – centram-se na “fidelidade” para com o texto “original” e para com as intenções do autor. Perante a capacidade criativa do autor do TP, o tradutor submete-se a um papel secundário corroborando a sua imagem de invisibilidade. Para Venuti, o conceito dominante de autoria vigente na cultura anglo-americana determina em parte a invisibilidade do tradutor. De acordo com este conceito, o autor expressa livremente os seus pensamentos e sentimentos na obra que é conseqüentemente vista como uma auto-representação “original” e transparente (Venuti 1995:6).

A autoridade do autor do texto de partida advém de uma noção enraizada de Autor-Deus³¹, tal como Roland Barthes o denomina (1977: 146). O Deus-Autor e a autoridade da Palavra de Deus foram substituídos pelo Autor-Deus na era Romântica, sendo esta a noção de autoridade que prevalece nas recensões críticas e nos comentários dos tradutores presentes em prefácios. O TP é considerado um reflexo imutável da imaginação humana e do génio do autor. O *corpus* CRCE-Port aponta para a difusão desta mesma concepção romântica de autoria.

As traduções são desiguais e estranhas, dado que remetem para escolas diferenciadas, fazendo conviver neoclássicos, românticos, realistas e poetas do fim do século passado, numa homenagem digna do espírito versátil de *La Fontaine*. Transmitem-nos o carácter monumental de uma obra que ultrapassa o seu próprio tempo e o espaço onde foi produzida,

³⁰ O *corpus* analisado por Almeida e Pinho (2006) cinge-se às “observações dos tradutores apresentadas nas obras de um grupo de autores de expressão em língua inglesa com repercussão importante no século XX.” (2006: 15). Já que os critérios de selecção do *corpus* não são claros é difícil perceber quais foram os tradutores e os autores seleccionados e mediante que critérios.

³¹ “We know that a text is not a line of words releasing a single ‘theological’ meaning (the ‘message’ of the Author-God) but a multi-dimensional space in which a variety of writings, none of them original, blend and clash.” (Barthes 2000: 128)

mas apagam quase sempre a graça inimitável do seu criador. Com Filinto Elísio (1734-1819), tradutor escrupuloso e fiel, reencontramos a dura poesia de setecentos; pelo contrário as adaptações livres e ritmadas de Bocage («A Cigarra e a Formiga», «O Corvo e a Raposa») ou as de José Inácio de Araújo (1827-1907) devolvem-nos, em parte, o espírito do autor. (Edição de 13-06-1998; *Fábulas* de La Fontaine e tradução ou adaptação de vários poetas portugueses e brasileiros do século XX, crítica de Teresa Almeida; sublinhado meu)

Este excerto da crítica Teresa Almeida aponta, em primeiro lugar, para a estranheza, ou seja para a ausência de um discurso fluente. Venuti chama a atenção para o facto de que, tal como referido no Capítulo 2, é o discurso fluente que, sendo considerado uma característica positiva por parte dos críticos, reflecte aparentemente a personalidade ou a intenção do autor do TP. Para Venuti, o discurso fluente contribui para a invisibilidade do tradutor. Em segundo lugar, pode ler-se neste excerto a valorização do TP em detrimento do TC, apesar de os autores do TC serem poetas consagrados com obras canonizadas. O autor do TP é referido como criador, relembrando a concepção romântica de Autor-Deus. Além disso, é-lhe atribuída uma “graça inimitável” pois a sua obra espelha o seu “espírito”, que o TC só pode apresentar “em parte”.

O presente volume inclui, além de textos de índole teórica, os editoriais dos Cadernos de Poesia, alguns apontamentos sobre poetas específicos e três escritos circunstanciais e auto-reflexivos em que fulgura inconfundível, a personalidade do autor de *Metamorfoses*. (Edição de 11-02-2006; *Poesia e Cultura* de Jorge de Sena, crítica de Manuel de Freitas; sublinhado meu)

Manuel de Freitas salienta neste excerto que o volume em causa reflecte a personalidade do autor, mais uma vez transmitindo-se a concepção romântica de autoria.

Arrojo (1993) argumenta que se parte do princípio de que o tradutor deve ser “fiel” a um texto imaginário e inexistente supostamente pleno de significados originais. Perante um texto considerado “original” e idealizado, a tradução será sempre considerada inferior em algum momento e por algum leitor.

Todo crítico de tradução que imagina a relação tradutor/texto original no cenário dessa fantasia logocêntrica escamoteia de sua crítica o fato de que, inevitavelmente, compara a tradução que julga com a tradução que tem mente. E é essa sua versão, que toma, entretanto, como sendo a indiscutivelmente «correta» ou «ideal», como sendo a equivalência desejável daquilo que o autor originariamente tenha «querido» dizer, ou teria dito, se escrevesse na língua e no tempo da tradução. (Arrojo 1993:29)

Tanto o *corpus* CRCE-Port como o *corpus* composto por prefácios analisados por Almeida e Pinho (2006) comprovam uma generalização da noção de veneração para com a genialidade de um autor do texto de partida incomparavelmente superior ao tradutor.

Arrojo (1993) recorda que na recensão crítica de Nelso Ascher quanto às traduções de Paulo Vizioli e Augusto de Campos da poesia de John Donne, o crítico favorece o trabalho de Augusto de Campos por este tradutor também desempenhar funções de autor:

Enquanto a de Vizioli é a «obra empenhada de um erudito», «um valioso subsídio para o estudo e a apreciação do autor, correta e esclarecedora», a de Augusto de Campos é o «trabalho magistral de um poeta» (...). Entre o trabalho «erudito» de Vizioli e o trabalho «magistral de poeta», Ascher prefere, obviamente, o segundo: Vizioli, «um erudito profissional e competente, mas poeta amador», não pode substituir o trabalho de «um poeta-tradutor e inventor de linguagens profissionais». (Arrojo 1993: 20)

Segundo Arrojo, as instâncias em que a tradução de Vizioli se distancia mais da tradução de Augusto de Campos são justificáveis pela leitura do TP. Porém, ao que parece, o que incomoda o crítico é a “infidelidade” da tradução de Vizioli em relação à tradução de Augusto de Campos.

Na maior parte dos casos, quando os críticos se debruçam sobre a tradução de uma obra preocupam-se com o nível de “fidelidade” para com o TP. Porém, tal como Arrojo (1993: 16) afirma, será que o tradutor e o crítico têm em consideração o mesmo TP? Por outras palavras, será que o tradutor e o crítico concordam com os mesmos significados do TP?

Ao avaliarmos uma tradução, ao compararmos o texto traduzido ao «original», estaremos apenas e tão – somente comparando a tradução à nossa interpretação do «original» que, por sua vez, jamais poderá ser exactamente a “mesma” do tradutor. (Arrojo 1993: 19-20)

4.3. DIFFÉRENCE

“To locate the promising marginal text, to disclose the undecidable moment, to pry it loose with the positive lever of the signifier; to reverse the resident hierarchy, only to displace it; to dismantle in order to reconstitute what is already inscribed.” (Spivak 1976: lxxvii)

“Deconstruction works at the ... giddy limit, suspending all that we take for granted about language, experience and the “normal” possibilities of human communication.” (Norris 1991: xi)

O termo *desconstrução* foi proposto, nos anos setenta, pelo filósofo francês Jacques Derrida para:

“um método ou processo de análise crítico-filosófica que tem como objectivo imediato a crítica da metafísica ocidental e da sua tendência para o logocentrismo, incluindo a crítica de certos conceitos (o significado e o significante; o sensível e o inteligível; a origem do ser; a presença do centro; o logos, etc.) que tal tradição havia imposto como estáveis.” (Carlos Ceia e-Dicionário)

Relativamente à análise textual, a desconstrução é sinónimo de leitura cerrada do texto tendo como objectivo questionar as formas como o texto mina os seus próprios pré-conceitos, revelando as suas contradições e ambiguidades internas. A desconstrução rejeita o princípio de que a palavra transmite um significado único e imutável. A textualidade, segundo a desconstrução, não é encarada como um sistema de significados constantes, mas como um sistema aberto de interpretações variáveis:

“Deconstruction functions as a constant reminder that every approach has its reverse side, that every vision is limited. What we see is always haunted by what remains unseen”. (Koskinen 2000: 27)

A proposta de Derrida permite-nos repensar o conceito de escrita, não como representação de uma determinada realidade, mas como um percurso sem fim dos trilhos de significados que a escrita percorre. A própria terminologia empregue por Derrida é variável à semelhança dos significados que desmonta. O autor baseando-se em Nietzsche, Husserl e Heidegger, apresenta a sua tese inicialmente em *Of Grammatology* (1969/1976)³² e *A escritura e a diferença* (1971)³² e, desde então, que rejeita uma definição estável de desconstrução. Roland Barthes em *O Prazer do Texto* (1976)³² e em *S/Z* (1980)³² e em “The Death of the Author” (2000)³² prolonga estas propostas já que Barthes defende que a leitura não traz à luz um sentido único, mas uma pluralidade de sentidos.

O conceito central de *différance*³³ que, segundo Derrida, não é um termo, conceito novo nem modelo de análise, joga com os dois significados do verbo *différer* (adiamento³⁴ e diferenciar³⁵), sendo que nenhum deles abarca o seu significado total. A mudança de ortografia (*différence* vs. *différance*) é uma indicação muda (sem reflexo na oralidade) que força o leitor a pensar no que está para além do som. O termo também convoca o gerúndio ou particípio presente *différant*, que cai em desuso em francês. Logo, Derrida define *différance* entre um verbo e um não existente gerúndio, aglutinando o presente com algo que se perdeu com a passagem do tempo.

³² Apesar de ser questionável, optámos por referir a tradução dos textos consultados em detrimento dos textos de partida. Acreditamos que não é apenas importante argumentar a favor de teorias que, a nosso ver, sejam válidas; mas é igualmente importante colocar em prática o que argumentamos. Se defendemos abertamente que os textos de partida não devem gozar de um estatuto superior em relação às suas traduções, é justificável referir nas nossas próprias leituras traduções.

³³ Miguel Tamen tradutor do *Glossário da Crítica Contemporânea* de Marc Angenot traduz *différance* como *diferença*. Porém, tal como Carlos Ceia (e-Dicionário) refere, esta tradução apenas transmite a ideia de *adiamento* deixando cair a noção de *dissemelhança*.

³⁴ “Differer in this case is to temporize, to take recourse consciously or unconsciously, in the temporal and temporizing mediation of a detour that suspends the accomplishment nor fulfillment of “desire” or “will”, and equally effects this suspension in a mode that annuls or tempers its own effect.” (Derrida 1982: 8)

³⁵ “The other sense of differer is the more common and identifiable one: to be not identical, to be other, discernible, etc.” (Derrida 1982:8)

Mostrando os efeitos de différance (o sentido é constantemente diferido e distinguido, inscrevendo-se na cadeia infinita de significados que constitui o texto), marca (nenhum significado é completo em si mesmo, pois remete infinitamente para outro signo através das marcas – conotações, por exemplo, - que lhe são inerentes) e disseminação (ou difusão ou propagação dos sentidos num texto, não sendo possível agrupá-los num só nem exercer qualquer espécie de controlo sobre todos os sentidos encontrados ou por encontrar), Derrida mostrou-nos que o texto pode dizer a sua própria história, deixando então entrever um novo texto, que por sua vez, está sujeito a idêntico trabalho desconstrucionista, permitindo um retorno dialéctico infinito ao texto. (Carlos Ceia e-Dicionário)

Por conseguinte, a desconstrução desmonta a teoria saussuriana de que:

na língua não há senão diferenças sem termos positivos. Ao nível do significado, como ao do significante, a língua não comporta nem ideias nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas apenas diferenças conceituais ou diferenças fónicas saídas do sistema. (Saussure 1999: 202-203)

Porém, Derrida com *différance* sugere que existe uma “lógica de complementaridade” (Carlos Ceia e-Dicionário): *différance* está localizado algures entre *retardamento*, *adiamento* e o *acto de dissemelhança*.

Este questionamento dos conceitos de significado e significante traz consequências para a tradução. Tal como nenhuma leitura e interpretação pode esgotar todas as variáveis, a tradução, como outra forma de leitura, não pode ser linearmente condenada pela sua incapacidade real de reproduzir as leituras do TP. O erro aqui reside na palavra *reproduzir*, já que a tradução como reescrita não é reprodutiva, mas produtiva.

Venuti ao definir tradução como “a process by which the chain of signifiers that constitutes the source-language text is replaced by a chain of signifiers in the target language which the translator provides on the strength of an interpretation.” (1995: 17) chama a atenção para o facto de uma obra permitir várias leituras e não apenas um único sentido perpétuo.

Já que o texto de partida representa apenas uma das possíveis interpretações da

realidade, conceber a tradução como uma cópia de segunda qualidade deixa de ter fundamento. Tal como José Saramago (1997) afirma, escrever é traduzir. O autor do texto de partida transfere a sua visão para papel, tendo a consciência de que a obra final fica aquém da realidade. Tal como Saramago (1997) corrobora, existe inevitavelmente uma perda entre a visão e a obra:

Nevertheless, the work of those who translate consists in transferring into another language (in principle, their own) that which in the original work and language has already been “translated”, that is, a particular personal perception of a social, historical, ideological and cultural reality which obviously, was not the translator’s; a perception which has been realized in a linguistic and semantic web which is not that of the translators either. The source text represents only one of the possible “translations” of the author’s experience of reality, and the translator has to convert this “translate-text” into a “text-translation”. (Saramago 1997: 85)

A tradução pode ser encarada como uma operação de *différance*: um processo que revela determinados trilhos (leituras) percorridos pelo TP, inevitavelmente deixando cair outros e explorando uma rede de referências³⁶ que fazem entrever outra rede de referências num jogo infinito de desconstrução.

Em “Des Tours de Babel” (1985) Derrida procura repensar a definição de tradução. O próprio título joga com as palavras: *tours* ecoa as noções de torres, voltas e truques; *des tours* lembra *détour(s)* que recupera as conotações de diferir/adiar importantes para o neologismo *différance*; Babel contém a referência a pai e a Deus (*Ba* e *Bel* respectivamente nos idiomas orientais) (Munday 2001; Gentzler 1993/2001). Logo, desde o próprio título do ensaio, Jacques Derrida questiona as concepções de tradução baseadas em significados fixos e estáveis. Baseando-se no trabalho de Walter Benjamin e no seu conceito de *Überleben* (sobrevivência), Derrida argumenta que a tarefa do tradutor é a de garantir a sobrevivência da linguagem:

³⁶ A semelhança do palimpsesto em que é possível ver, muitas vezes a olho nu, vestígios de textos antigos, neste caso o leitor (e o tradutor, enquanto leitor) é capaz de trazer à superfície as referências textuais e mesmo não textuais.

Just as the manifestations of life are intimately connected with living, without signifying anything for it, a translation proceeds from the original. Indeed not so much as from its life as from its survival [Überleben]. For a translation comes after the original and, for the important works that never find their predestined translator at the time of their birth, it characterizes the stage of their survival [Fortleben, this time survival as continuation of life rather than life as post-mortem]. (Derrida 1985:178)

Com base no ensaio “The Task of the Translator” de Walter Benjamin, Jacques Derrida refuta a oposição binária de “original”/tradução. O que faz do TP “original” não é o facto de ser considerado uma expressão da intenção autoral, mas ser visto como digno de tradução.

The translation will truly be a moment in the growth of the original, which will complete itself in enlarging life... And if the original calls for a complement, it is because at the origin it was not there without fault, full, complete, total, identical to itself. (Derrida 1985:188)

4.4. O TRADUTOR – UMA SEGUNDA VOZ

Translators are visible, whether they admit it to themselves or not, whether readers recognise it or not. The translator is a presence in a text that cannot be ignored. (Bassnett 1994: 15)

Literary translators often talk about finding the “voice” of the author. This “voice” is difficult to pin down, but normally refers to the narrative character and rhythm. In Sayers Peden’s words (1987:9), “By ‘voice’ I mean the way something is communicated: the way the tale is told; the way the poem is sung”. (Hatim and Munday 2004: 96)

Apesar da importância dada à voz do autor, o tradutor também tem uma voz ou “presença discursiva” (Hermans 1996b:27). Theo Hermans partindo de uma perspectiva narratológica, argumenta que a voz do tradutor está sempre presente e manifesta-se principalmente em três circunstâncias:

- 1) Quando a narrativa ficcional do TP se dirige a um leitor implícito diferente do TC, devido à distância temporal ou geográfica do TP³⁷ ;
- 2) Em textos com auto-referências marcadas por jogos de palavras³⁸;
- 3) Em casos de determinação contextual excessiva (“contextual overdetermination”) em que uma cadeia complexa de identificação pode levar à omissão ou explicação³⁹.

Para este autor:

it is only ... the ideology of translation, the illusion of transparency and coincidence, the illusion of the one voice [that] blinds us to the presence of [the translator's] voice. (1996:27)

Contudo, quando o próprio tradutor tem mais autoridade, a sua voz é mais visível. Poder-se-ia avançar que quanto maior for a autoridade do tradutor, mais visível é a sua voz. Este é o caso dos tradutores que também são autores.

4.5. O TRADUTOR – UM AGENTE DE PODER

The translator is first and foremost a
mediator between two parties for

³⁷ “It is therefore not surprising to find that it is precisely with respect to cultural embedding of texts, e.g. in the form of historical or topical references and allusions, that the Translator’s Voice often directly and openly intrudes into the discourse to provide information deemed necessary to safeguard adequate communication with the new audience.” (Hermans 1996: 28-29)

³⁸ Hermans exemplifica este ponto referindo que na tradução de *Discours de la Méthode* de Descartes, o tradutor não inclui na tradução para Latim uma referência no texto que alerta o leitor para o facto de o texto ter sido escrito em Latim e não em Francês.

³⁹ O autor apresenta um exemplo da obra neerlandesa *Max Havellar* de Multatuli, na qual as iniciais de uma personagem histórica (E.H.V.W.) são utilizadas como as iniciais de um provérbio adequado à personagem em si (*Eigen haard veel waard*). A tradução para francês omite o diálogo em que este jogo de palavras é utilizado e a tradução para espanhol e inglês oferecem notas de tradutor explicativas do jogo de palavras.

whom mutual communication might otherwise be problematic – and this is true for the translator of patents, contracts, verse or fiction just as much as it is of the simultaneous interpreter, who can be seen to be mediating in a very direct way. (Hatim e Mason 1990: 223)

Tal como o excerto citado em epígrafe indica, o tradutor está no centro do processo de comunicação e desempenha o papel de mediador entre o autor/produtor do texto de partida e o leitor do texto de chegada. O tradutor além de possibilitar a leitura do texto de partida a novos leitores, desempenha a função privilegiada e exclusiva de leitor pela sua “visão bicultural” (Hatim e Mason 1990:223). Nesta perspectiva, o tradutor medeia culturas procurando ultrapassar as incompatibilidades culturais, ideológicas e sociopolíticas de modo a transferir a mensagem. O seguinte diagrama comunicacional demonstra, portanto, que o tradutor desempenha tanto funções de receptor/leitor como de autor/produtor do TP:

Autor – Texto – Receptor¹ = Tradutor – Texto – Receptor²

Pym (1997), encarando a função do tradutor como mediador, localiza-o num espaço intercultural especial - na intersecção de culturas (in-between). Pym argumenta que, devido à sua profissão, os tradutores por definição têm de ser objectivos em relação aos interesses nacionais. No espaço imaginário entre culturas, Pym defende que os tradutores devem trabalhar como adjuvantes imparciais. Contudo, tal como Tymoczko (2003: 199) argumenta:

Rather than promoting a view of a translator as embedded in and committed to a specified cultural and social framework and agenda, however broad, the discourse of translation as a space between embodies a rather romantic and even elitist notion of the translator as poet. If the place of enunciation of the translator is a space outside both the source and the receptor culture, the translator becomes a figure like romantic poets, alienated from allegiances to any culture, isolated by genius.

Ao adoptar uma perspectiva romântica do papel do tradutor e da tradução enquanto adjuvantes neutros, isolamo-los da história pessoal e colectiva (narrativas⁴⁰ segundo Baker 2005) em que estão inevitavelmente inseridos como agentes sociais. Como consequência, corre-se o risco de acentuar a falta de consciência do seu papel interventivo e da consequência das suas próprias escolhas (Baker 2005:11). Baker argumenta que o papel do tradutor tem implicações éticas que não podem ser ignoradas, já que este é responsável pela transmissão não só de mensagens de paz como também de guerra. Dentro desta perspectiva, o tradutor não é um mediador imparcial mas, em última instância, responsabilizável pelas consequências finais da mensagem:

Romanticizing our role and elaborating disciplinary narratives in which we feature as morally superior, peace-giving professionals is neither convincing nor productive. Instead, we need to recognize and acknowledge our own embeddedness in a variety of narratives. Whether professional translators or scholars, we do not build bridges nor bridge gaps. We participate in very decisive ways in promoting and circulating narratives and discourses of various types. Some promote peace, others fuel conflicts, subjugate entire populations, kill millions. Which discourses and narratives serve which moral or immoral agendas is ultimately a question of our own narrative location – what narratives we buy into, both individually and collectively. None of us is immune to this process. No one can stand outside all narratives, and there can be no narrative-free perspective on the world. Or at least so this narrative goes. (Baker 2005:14)

4.6. CONCLUSÕES

As noções de originalidade e criatividade normalmente associadas ao autor do TP têm consequências para a definição do papel do tradutor. Perante um conceito

⁴⁰ Baker (2005) define narrativas como as histórias públicas e pessoais que subscrevemos e que orientam o nosso comportamento, baseando-se na teoria social e em especial no trabalho de Somers (1997) e Somers e Gibson (1994): “They are the stories we tell ourselves, not just those we explicitly tell other people, about the world(s) we live in.” (Baker 2005: 5)

enraizado de Autor-Deus, o papel do tradutor é definido como reprodutor e secundarizado e a tradução é vista como um produto inferior. Contudo, segundo a argumentação revista no segundo subcapítulo, o autor do TP tem uma dívida para com o tradutor, já que é este último que garante a canonização do TP. Além disso, a noção tradicional de originalidade e criatividade não pode ser linearmente associada ao autor do TP já que este recupera ideias e conceitos já utilizados previamente por outros autores. Por outro lado, perante as críticas de leitores e críticos quanto à inferioridade de determinados TC pelo seu desvio em relação ao TP, recuperámos o *conceito* de *différance* de Derrida para chamar a atenção para o facto de que os textos possibilitam uma rede ilimitada de leituras, legitimando a leitura do tradutor. De seguida, na procura pela voz do tradutor, encontrámos perspectivas teóricas que possibilitam encarar o papel do tradutor não só como mediador, como também interveniente.

Translation *always* intervenes. It is even more than interventionist. It is, in Derrida's words, 'transformative' (1995:274). Given the enabling role translation plays in all cross-cultural interactions and exchanges, it no exaggeration to say that the world has been 'translated' into what it is now. (Yameng 2007:54)

Uma das consequências mais importantes da reconcepção da tradução é o reconhecimento do papel do tradutor e do seu papel autoral na recriação do TP. Ao separar o autor do tradutor, a originalidade e a criatividade do processo de tradução, atribui-se à tradução uma função meramente mecânica expropriada de direitos autorais e remunerada à palavra/carácter/página. O próximo passo, segundo Arrojo e Venuti, por exemplo, cabe ao tradutor. Este deve reclamar o seu papel de criatividade e autoria, não só através de discursos sobre o seu papel em prefácios e notas de tradutor, mas também procurando aproximar os discursos teóricos sobre a tradução com a própria prática da mesma participando activamente na modulação da teoria. Por último, e tal como proposto pelo seguinte contrato modelo da *Literary Translators' Association of Canada*, não deve negligenciar nos contratos de tradução o direito à inclusão do seu nome na capa e o direito ao pagamento de royalties.

Design of Translated Work. The name of the translator shall appear on the title page and jacket front or front paperback cover of every copy of the translated work and in all advertising, press releases and review slips issued by the publisher, its licensees, or its agents.

Royalties. In addition to the sum provided by clause 12.1, the publisher shall pay the translator royalties equivalent to ____% of the list or suggested retail price on all copies of all hardcover and quality paperback editions of the translated work sold in excess of ____ copies of all of the publisher's editions combined and ____% of the list or suggested retail price on all mass market paperback copies. (Literary Translators Association of Canada 1991)

5. CRÍTICA DE TRADUÇÃO

5.1. INTRODUÇÃO

For the unwritten history of translation reviewing and criticism is not only characterized by the unacknowledged, covert, implicit and verbal acts of evaluation that occur in all evaluative practices (Smith 1987/1990: 18-82), but even the «highly specialized institutionalized forms of evaluation» (ibid.: 182) frequently contain value judgments made without reference to explicit criteria. (Baker 2008: 237)

O presente capítulo tem como objectivo apresentar funções adicionais com a análise e avaliação da qualidade de tradução alternativas à emissão de juízos de valor.

5.2. AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE TRADUÇÃO

A noção de qualidade de tradução está interligada à própria definição de tradução.

In trying to make statements about the quality of a translation, one thus addresses the heart of any theory of translation, i.e., the crucial question of the nature of translation, or, more specifically, the nature (1) of the relationship between a source text and its translation, (2) the relationship between (features of) the text(s) and how they are perceived by human agents (author, translation, recipient(s)), and (3) the consequences views about these relationships have for determining the borders between a translation and other textual operations. (House 1997: 1)

Desta forma, Juliane House (1997, 2008) apresenta as diferentes abordagens à avaliação da qualidade de tradução divididas em três categorias:

A. Abordagens informais e subjectivas, incluindo a abordagem neo-hermenêutica

Os defensores desta perspectiva associam a qualidade da tradução ao conhecimento pessoal, às intuições e à competência artística do tradutor. House destaca como problema central a operacionalização de conceitos como a “fidelidade” para com o “original” ou a fluidez natural do texto traduzido, sendo rejeitada a possibilidade de estabelecer princípios gerais para a qualidade da tradução.

A abordagem neo-hermenêutica propõe que a interpretação do TP e a tradução, como produto, são actos individuais e criativos que desafiam a sistematização, generalização e definição de regras.

B. Abordagens psicolinguísticas e orientadas para a resposta

As abordagens orientadas para a resposta centram-se na definição da equivalência dinâmica (Nida 1964) entre o TP e o TC, ou seja, a recepção do TC na cultura de chegada deve ser substancialmente equivalente à recepção do TP na cultura de partida. Os critérios apresentados por Nida para uma tradução de qualidade são: eficiência geral do processo comunicativo, percepção da intenção e equivalência da resposta. Para tal, considera-se essencial a adopção da gramática, do léxico e das referências culturais de modo a conseguir naturalidade⁴¹. Além disso, o TC não deve apresentar quaisquer interferências da língua e cultura de partida, sendo que a estrangeirização do TP deve ser minimizada (Nida 1964: 167-8).

Nida e Taber (1969) apresentaram outro conjunto de critérios: a correcção com que a mensagem do “original” é percebida pela tradução, a facilidade da compreensão e a

⁴¹ Nida define como objectivo da equivalência dinâmica a procura de: “the closest natural equivalent to the source-language message.” (Nida 1964: 166)

associação das experiências pessoais como resultado da adequação da forma da tradução. Nida e Taber (1969) sugerem os seguintes testes práticos:

1) A técnica de preenchimento de espaços em branco através da qual se testa o grau de compreensão de um texto em relação ao seu grau de previsibilidade. O leitor tem acesso a um texto em que lhe faltam algumas palavras e é lhe pedido que preencha as lacunas. Quanto maior for o número de respostas correctas, maior será o grau de facilidade de compreensão de um texto.

2) Obtenção das reacções dos inquiridos a várias alternativas à tradução;

3) Ler em voz alta o TC a outra pessoa, sendo que será pedido a esta segunda pessoa que explique o conteúdo a outras pessoas que não estavam presentes na leitura;

4) Leitura em voz alta do TC por várias pessoas perante um público. A dificuldade de leitura de determinadas partes do texto é indicativa de problemas de tradução.

House (1997: 4-5) aponta como principal crítica a estes testes práticos o facto de não incluírem o TP como termo de comparação para a qualidade.

Carroll (1966) e MacNamara (1967), por sua vez, também apostaram no método de avaliação baseado em respostas observáveis e verificáveis, sendo que o mesmo inclui:

1) Perguntar a opinião de avaliadores competentes;

2) Testar as traduções, comparando-as com traduções cuja excelência já fora comprovada;

3) Fazer perguntas a dois grupos distintos de inquiridos, sendo que ao Grupo A as perguntas recaem sobre o TP e as perguntas colocadas ao Grupo B recaem sobre o TC. Caso as respostas sejam equivalentes em ambos os grupos, o TP e o TC são equivalentes;

4) Classificar as unidades de tradução humana e automática extraídas aleatoriamente de artigos científicos, sendo que foram utilizadas duas escalas de classificação: uma para avaliar a inteligibilidade e outra o carácter informativo.

Segundo House (1997:5), o principal ponto fraco de todas as conclusões com base em respostas é que não se tem em consideração a mente humana como factor. Os testes devem explicitar os critérios que são adaptados como correctos.

C. Abordagens textuais

As abordagens textuais abrangem modelos linguísticos, de teorias da recepção, da filosofia e sociologia e da literatura comparada.

1) Abordagens linguísticas

O factor mais importante numa tradução, neste contexto, é o TP, a sua estrutura linguística e textual e o potencial de significado.

As abordagens linguísticas propõem a comparação do TP e TC de modo a determinar as regularidades sintácticas, semânticas, estilísticas e pragmáticas de transferência.

Reiß (1971) sugere que o tipo de texto a que o TP pertence é a invariante mais importante da tradução, já que determina todas as restantes escolhas. Com base nas três funções da linguagem de Bühler (1934), Reiß propõe três tipos básicos de texto: orientado para o conteúdo, para a forma e conativo. Koller (1979/2004) propõe que a avaliação da tradução deve ser executada em três fases: a) crítica do TP, com vista a avaliar a possibilidade de transferência para a língua de chegada, b) comparação da tradução, tendo em conta os métodos usados na produção de uma dada tradução e c) avaliação da tradução com base em juízos metalinguísticos de um falante nativo, tendo em conta as características textuais indicadas na primeira fase.

Apesar de Hatim e Mason (1990), Bell (1991), Gutt (1991/2000) e Baker (1992) não abordarem explicitamente a avaliação da tradução, a sua perspectivação da tradução do ponto de vista linguístico, integrando a investigação recente em sociolinguística, teoria dos actos de fala, análise do discurso e pragmática, torna o seu trabalho valioso para a avaliação da qualidade da tradução. A sua abordagem vai para além da análise de palavras, unidades e estruturas, tomando também em linha de conta o modo como a linguagem é usada em eventos comunicativos profundamente integrados nos contextos e culturas.

2) Abordagens Literárias: Estudos Descritivos da Tradução

As abordagens fundamentadas na literatura comparada concentram-se na função da tradução no sistema literário de chegada. No âmbito dos Estudos Descritivos da Tradução, o TC é analisado como parte do polissistema da literatura da cultura de chegada. Toury, desta forma, concebe as traduções como factos da cultura de chegada (1995) e, portanto, o texto de partida perde o seu lugar predominante. Em primeiro lugar, o TC é criticado sem referir o TP, e, em seguida, com base na noção de

equivalência tradutória, os problemas tradutórios são analisados. Em *Descriptive Translation Studies and Beyond* (1995a), Gideon Toury apresenta duas leis gerais de tradução: a) a lei da estandardização crescente – o TC apresenta de forma geral menos variação linguística do que o TP, e b) a lei da interferência – os padrões lexicais e sintáticos do TP são, de forma geral, copiados, criando padrões fora do comum no TP. É neste contexto que se debate os universais de tradução.

3) Abordagens pós-modernas e desconstrucionistas

Numa tentativa de reconstruir criticamente o pensamento sobre a tradução do ponto de vista sociológico e filosófico, os teóricos enquadrados nestas abordagens procuram trazer à luz as relações de poder desequilibradas entre os polissistemas literários de partida e de chegada. Além disso, uma das suas preocupações é a de aumentar a visibilidade do trabalho do tradutor, procurando demonstrar o poder real que os tradutores têm na modulação das literaturas e culturas nacionais.

Por sua vez, a visão “canibalística” da tradução implica o consumo do TP, canibalizando, absorvendo e transtextualizando-o. Neste enquadramento, o conceito tradicional de tradução como uma representação mimética do TP e o próprio conceito de “original” são relativizados. A tradução, ao estabelecer um diálogo não só com o TP mas também com os outros textos, permite que o tradutor devore o TP, tal como um vampiro, como o seu alimento.

Haroldo de Campos não descreve a sua obra como uma «tradução», mas antes como uma «transluciferação mefistofáustica», argumentando que esta espécie de empreendimento diabólico «tenciona apagar a origem, obliterar o original» (1981; 1982). A tradução é para ele um processo físico, o devorar do texto de partida, um processo de transmutação, um acto de vampirização. A tradução, diz ele, é «como transfusão. De sangue» (1981, 2008). (Bassnett 2001: 305)

Já os pós-estruturalistas basearam a sua reformulação da teoria da tradução no ensaio “Die Aufgabe des Übersetzers” de Walter Benjamin. Derrida (1985) argumenta que a importância do “original” reside no facto de ser tão valioso para ser traduzido e dar a adquirir o que Walter Benjamin designa como “Überleben”. É a tradução que garante a sobrevivência do “original” (ver Capítulo **A INVISIBILIDADE DO TRADUTOR**).

Por sua vez, no âmbito da teoria da invisibilidade, Venuti (1992, 1995) procura destacar as diferenças linguísticas, discursivas e ideológicas da linguacultura de chegada que medeiam o TC através de dois tipos de análise:

Comparisons of the source- and target-language texts which explore the ratio of loss and gain between them and reveal the translator's discursive strategy as well as any unforeseen effects, and examinations of discontinuities in the translation itself, the heterogeneous textual work of assimilating target-language cultural materials that are intended to reproduce the source-language text, but that inevitably supplement it. The analysis of translation can also include its ideological and institutional determinations, resulting in detailed studies that situate the translated text in its social and historical circumstances and consider its cultural political role". (1992: 10-11).

4) Abordagens Funcionalistas e da Teoria da Recepção

Dado que no contexto da Teoria do Skopos a primazia é dada ao objectivo da tradução, o critério principal para a avaliação da tradução são as normas da cultura de chegada. De acordo com esta teoria, o TC ou *translatum* é determinado pelo *skopos*. O TC é considerado apenas uma oferta de informação ("Informationsangebot") numa cultura e língua de chegada relativa a uma oferta de informação da cultura e língua de partida. A função do TC e do TP podem ser diferentes, o TC deve ser coerente quer internamente e quer em relação ao TP. Nas propostas de Reiß e Vermeer o tradutor é promovido a um papel mais importante do que o tradicional. De acordo com estes autores, é o tradutor o responsável pela selecção da função e do método da tradução, adquirindo, desta forma, o papel de co-autor (Vermeer 1994:13).

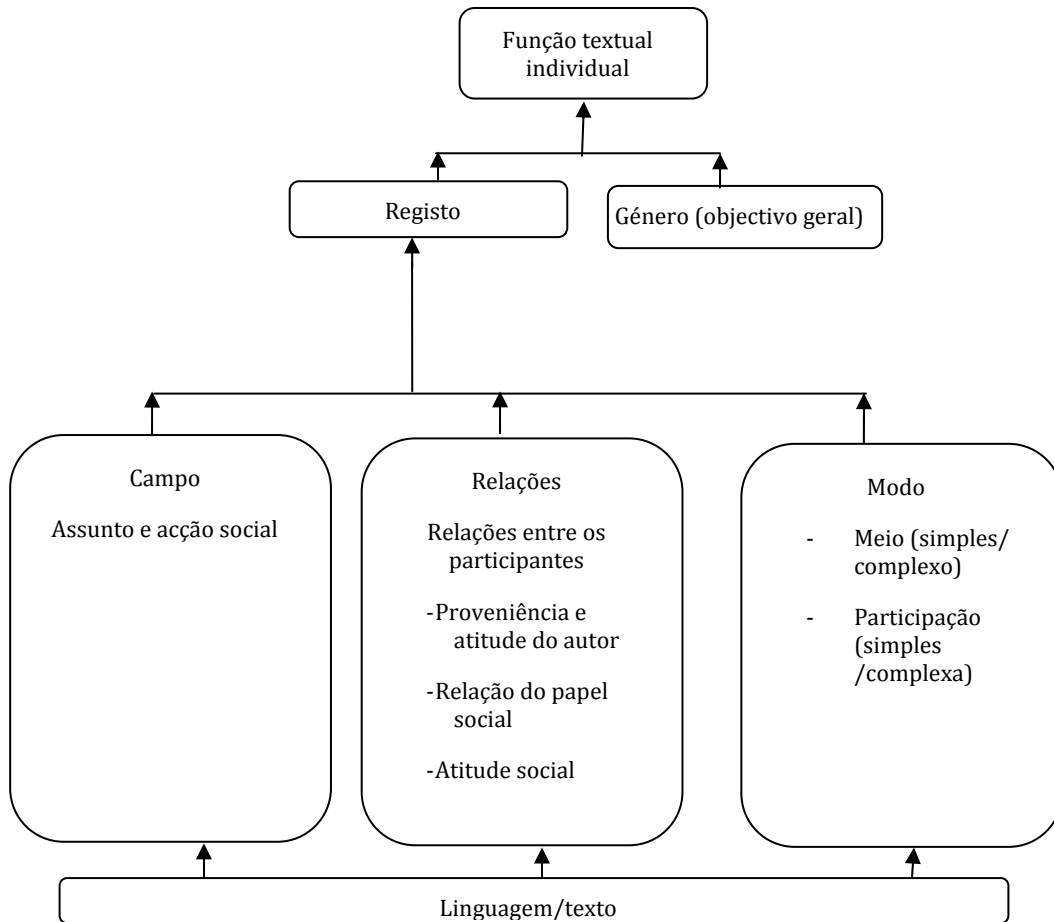
5.2.1 O MODELO DE ANÁLISE DE HOUSE (1997)

House⁴² (1997) propõe um modelo sistémico-funcional baseado na análise comparativa do TP-TC com o fim de avaliar a qualidade da tradução e apresentar erros e disparidades. Este modelo, segundo a própria autora (House 1997:29), recupera a teoria pragmática, a teoria sistémico-funcional de Halliday, em noções desenvolvidas pela escola de Praga acerca da linguagem e da linguística, a teoria do registo e a estilística e a análise do discurso.

O modelo baseia-se também na noção de equivalência: “translation is constituted by a «double-binding» relationship both to its source and to the communicative conditions of the receiving linguaculture” (House 1997:29).

⁴² O modelo original de House (1977) foi alvo de críticas e de uma posterior revisão que se encontra plasmada na versão actualizada do mesmo modelo (1997). Por esta razão, consideraremos apenas a versão revista de 1997, a actualmente defendida pela autora.

Tabela 7 – Esquema de análise e comparação do TP e do TC (baseado em House 1997:108)⁴³



O modelo de House apresenta o seguinte processo (v. Tabela 7 e Munday 2001:93);

1. Criar o perfil de registo do TP.
2. Complementar este perfil com a descrição do género do TP concretizado pelo registo.
3. Estes dois elementos permitem formular a “declaração da função” do TP, incluindo os componentes ideacional e interpessoal dessa função (por outras palavras e simplificando, as partes do sistema que envolvem a elaboração e representação da experiência humana e o estabelecimento de relações sociais, respectivamente).

⁴³ A tradução destes termos para português é da autoria das equipas de investigação da FLUL e do projecto Direct da PUC-SP, bem como os participantes da Lista de Discussão “GFS”. A lista completa de “Termos de Gramática Sistemico-Funcional em português pode ser consultada em <http://www.fl.ul.pt/pessoais/cgouveia/artigos/TermosGSF.pdf>.

4. Repetir o mesmo processo descritivo para o TC.
 5. Comparar o perfil do TP com o perfil do TC e criar uma lista de erros ou disparidades que é categorizada de acordo com o género e as dimensões situacionais de registo e género; os erros dimensionais são referidos como “erros encobertamente erróneos”, que são erros do sistema de chegada ou disparidades denotativas.
 6. Realizar uma “declaração de qualidade”.
 7. Por fim, a tradução é categorizada como uma tradução *encoberta*⁴⁴ e *descoberta*⁴⁵.
- House refere-se a género tendo como base Hymes (1974:61), no enquadramento etnográfico-linguístico, justapondo género e evento discursivo:

Genres often coincide with speech events, but must be treated as analytically independent of them. They may occur in (or as) different events. The sermon as a genre is typically identified with a certain place in church service, but its properties may be invoked for serious or humorous effects in other situations. (Hymes 1974: 61)

A perspectiva de Hymes de que os géneros devem ser tratados como analiticamente independentes dos eventos discursivos é particularmente útil para House, tal como a autora refere, para estabelecer categorias para a análise e comparação do “original” e da tradução: no caso de uma tradução *descoberta* a tradução integra o texto e o seu género num novo evento discursivo e no caso de uma tradução *encoberta* recria um evento discursivo equivalente. Teoricamente, o género do texto é equivalente numa tradução *encoberta* e numa tradução *coberta*.

Campo refere-se à natureza da acção social que está a decorrer, apreende o que está a acontecer: o campo da actividade, o tópico, o conteúdo do texto ou o seu assunto.

Relações refere-se aos participantes, à natureza dos mesmos, ao emissor e aos destinatários e à relação entre estes em termos do poder social e distância social, bem

⁴⁴ Uma tradução *encoberta* (covert) é um TC que tem o estatuto de um TP na cultura de chegada.

“A covert translation is a translation which enjoys the status of an original source text in the target culture. (...) A covert translation is thus a translation whose source text is not specifically addressed to a particular source culture audience, i.e., it is not particularly tied to the source language and culture.” (House 1997:69)

⁴⁵ Uma tradução *descoberta* (overt) é um TC que se apresenta como notoriamente uma tradução.

“An overt translation is one in which the addressees of the translation text are quite «overtly» not being directly addressed: thus an overt translation is one which must overtly be a translation not, as it were, a «second original».” (House 1997: 66)

como ao “grau da carga emocional” na relação entre emissor e destinatários (Halliday 1978: 33).

O modo descreve para que função a linguagem está a ser utilizada; o estado particular atribuído ao texto numa determinada situação, a sua função em relação à acção social e à estrutura de papéis, incluindo o canal ou meio e o modo retórico (Halliday 1978).

Enquanto o campo define aquilo de que se fala, ou seja, o tópico da actividade humana que é abrangido pelo acto linguístico (ex., comércio, desporto, actividades domésticas, etc.), a variável relações especifica o tipo de relação existente entre os interlocutores (ex. mãe/filho, patrão/empregado, amigos); o modo, por sua vez, determina qual o papel desempenhado pela linguagem em si (por exemplo, se se trata de um registo oral ou escrito, qual o modo retórico, etc.). Cada uma destas variáveis está, por definição, directamente relacionada com as metafunções da linguagem, respectivamente as metafunções ideacional, interpessoal e textual (Viegas 2004: 16)

5.3. CRÍTICA INFORMADA

Na maior parte dos casos, como se pode comprovar pela leitura do *corpus* CRCE-Port, a crítica de tradução resume-se a um comentário breve, frequentemente reduzido a uma frase ou até a uma nota entre parêntesis, que raras vezes foi além da classificação da tradução como boa/má; fiel/infiel; fluente/não fluente:

Pena é que, sendo a tradução boa, as gralhas do texto sejam muitas. (Edição de 10.04.1999; *O homem ilustrado* de Ray Bradbury, nome do tradutor não referido, crítica de Vítor Quelhas)

O Homenzinho Verde, romance de aprendizagem, é também um retrato irónico de uma geração, traçado com os dotes de subtileza, observação e humor do reconhecido poeta britânico Simon Armitage, que a ASA em boa hora trouxe para Portugal, embora numa tradução irregular. (Edição de 07.09.2002; *O Homenzinho Verde* de Simon Armitage e tradução de Isabel Alves, crítica de João Carneiro)

Verifica-se a necessidade de recensões críticas que discutam a tradução utilizando mais do que um pequeno conjunto de adjectivos subjectivos e sem critérios definidos para a

crítica negativa de exemplos isolados retirados do TC: “critics have described translations as «good» or «bad» without seriously questioning or qualifying those adjectives” (Maier 2008: 238)

A própria lacuna do não reconhecimento da necessidade de uma crítica de tradução informada é sinal da (pouca) importância atribuída à actividade da tradução. O desenvolvimento de uma prática de crítica tradutória exercida por profissionais especializados é uma clara medida contra a invisibilidade da tradução, enquanto processo e actividade profissional. Podemos salientar também, como consequências de uma crítica de tradução informada, a melhoria da qualidade da tradução, enquanto produto; uma maior visibilidade do papel da tradução e do tradutor; e, conseqüentemente, melhoria da actividade da tradução.

São vários os objectivos da crítica da tradução:

- a) a descrição e avaliação da qualidade da tradução (House 1997, Koller 1979, Gerzymisch-Arbogast 1994);
- b) a análise do processo de criação (Kuhn 2003);
- c) a reconstituição do objectivo e da metodologia do tradutor (Newmark 1988).

Para tal, na nossa perspectiva, a crítica de tradução deve ser guiada por um instrumentário conceptual de modo a não ser reduzida aos comentários subjectivos e até aos lugares comuns como se verifica no *corpus* CRCE-Port. A crítica da tradução pode ser um instrumento importante na própria formação de tradutores. Não só acreditamos que seja essencial formar tradutores conscientes dos critérios avaliativos aos quais as suas traduções estarão sujeitas no mercado de trabalho, já para não referir o que os leitores / críticos consideram ser uma tradução de qualidade, bem como formar, entre os tradutores, críticos de tradução munidos dos instrumentos necessários para esta actividade.

De modo a evitar formulações subjectivas é necessário apresentar explicitamente o enquadramento teórico, os critérios de aferição, justificação das afirmações e apresentação de alternativas. Um dos objectivos da crítica deverá ser a melhoria da qualidade da tradução e, portanto, é importante apresentar alternativas aos pontos negativos identificados. Uma crítica para ser construtiva não pode apenas identificar os “erros” sem apresentar a alternativa.

5.3.1. PROPOSTA

Tendo como base o enquadramento teórico exposto e a recensão crítica à tradução de Vasco Graça Moura de *Sonetos de Shakespeare* por João Almeida Flor na edição de 07-09-2002 (ver Anexo C), propomos um padrão organizacional⁴⁶, em termos de unidades maiores, que procura promover o papel do tradutor ao papel de autor do TC:

1) Recepção da tradução da obra do autor (ex. “Por via de regra mal-amadas, as traduções literárias de Shakespeare vindas a lume entre nós são, como tantas outras, textos ambíguos e problemáticos, que constituem o compromisso e a ponte possíveis entre duas posições extremas”);

2) Bibliografia do tradutor (incluindo opcionalmente a descrição e apresentação do trabalho criativo do tradutor, comparando-a com os comentários do mesmo acerca do seu próprio processo criativo em paratextos) (ex. “Sempre rigoroso quanto à génese e à cronologia das suas traduções, VGM confessa, em 1978, por exemplo, que numa noite de Fevereiro de 1974 lhe surgiram de repente, em português, os primeiros quatro versos do soneto 130 e que o resto foi tão rápido que no fim desse mês estavam traduzidos 35 sonetos de Shakespeare”);

3) Apresentação e avaliação do trabalho tradutório do TC (incluindo a apresentação de alternativas às estratégias tradutórias, caso haja pontos negativos a apontar. Neste caso, será também necessários justificar a avaliação negativa (ex. “Se uma frase puder sintetizar um juízo avaliativo sobre o significado do trabalho de VGM, diremos que estes Sonetos, camonianamente shakespearianos, inauguram de forma auspiciosa a recepção do poeta inglês na literatura portuguesa do século XXI”).

Este padrão organizacional pode ser aplicado seja qual for a abordagem adoptada (informal e subjectiva, psicolinguística e orientada para a resposta ou textual).

⁴⁶ Os exemplos apresentados para cada uma das unidades maiores são todos retirados da recensão crítica de João Almeida Flor já referida.

A ficha de apoio de seguida apresentada não pretende ser exaustiva, mas apenas servir como linha condutora para o (re)questionamento do TC, procurando, principalmente, trabalhar o papel do tradutor. Tomando como exemplo o *corpus* CRCE-Port e o trabalho dos críticos das recensões publicadas no *Expresso*, tivemos em conta restrições práticas inerentes à profissão do crítico, como a restrição de espaço e de tempo, pelo que considerámos não ser possível uma análise aprofundada e extensa da tradução. Além disso, tivemos em conta também a prática actual de crítica de tradução do *Expresso*. Deste modo, o nosso objectivo é criar uma ficha de apoio que poderá contribuir para uma maior consciencialização das várias questões que uma crítica de tradução informada deve abordar de modo a que seja, do ponto de vista prático, fácil um crítico consultar a mesma ficha e procurar responder a uma ou mais questões tendo em conta as várias restrições que lhe são impostas.

Ficha de Apoio

a) Análise do texto de chegada

Quais foram as estratégias tradutórias escolhidas (consciente ou inconscientemente) pelo tradutor e as razões para as mesmas?

As estratégias tradutórias indicadas no paratexto coincidem com as estratégias aplicadas no TC?

É possível estabelecer algum paralelismo entre a estratégia de tradução e o papel do tradutor na cultura de chegada?

As opções do tradutor e/ou da editora são adequadas à cultura de chegada, à mensagem da obra, ao público-alvo?

Quais seriam as opções alternativas às escolhidas pelo tradutor e/ou pela editora e de que forma poderiam resolver possíveis problemas tradutórios?

Que interpretação se pode fazer quanto à periodicidade das publicações de diferentes traduções do mesmo TP?

Quais são as normas tradutórias vigentes em diferentes épocas?

Quais são as razões para uma nova tradução do mesmo TP? É possível estabelecer um paralelismo entre as razões para uma nova tradução e as qualificações dos tradutores?

b) Recepção do autor traduzido

O TC consolidou o cânone ou introduziu inovações no mesmo? Que paralelismos se podem fazer entre estas respostas e a posição ocupada pelo autor do TP no sistema literário de chegada?

A obra completa do autor já foi traduzida para Português Europeu? Se não foi, quais foram as obras seleccionadas e qual a relevância dessas obras?

As obras traduzidas são o resultado do trabalho de um único tradutor ou de vários?

Qual foi o critério de selecção do(s) tradutor(es)?

No caso de a obra completa ter sido traduzida por mais do que um tradutor, os tradutores optaram pela mesma estratégia?

Se não optaram pela mesma estratégia, qual foi a estratégia que resultou em melhores críticas?

É possível estabelecer um paralelismo entre a estratégia com a melhor recepção e o estatuto do tradutor na cultura de chegada?

c) Recepção do TC na cultura de chegada

Que tipo de obras foram maioritariamente traduzidas num determinado período?

Quais foram os géneros literários mais traduzidos num determinado período?

Quais são as nacionalidades dos autores traduzidos?

Quais as línguas de partida dos TC?

Quais os critérios de selecção de obras?

O que é que a análise dos êxitos de vendas nos indicam? Uma estratégia tradutória predominante? Um perfil de tradutor predominante?

É possível identificar a posição da literatura traduzida no sistema literário de chegada?

Qual o público-alvo visado implícita ou explicitamente?

De seguida, pegando num exemplo de recensão crítica retirado do *corpus* CRCE-Port iremos procurar aplicar a ficha de apoio de modo a verificar qual a eficácia da mesma. A recensão crítica seleccionada a título exemplificativo é a da edição de 26-08-2007, acerca da obra *A Estrada* de Cormac McCarthy e tradução de Paulo Faria, crítica de

Miguel Calado Lopes (ver Anexo B). O crítico Miguel Calado Lopes inclui a seguinte breve nota acerca da tradução de Paulo Faria: “O laborioso trabalho de tradução de Paulo Faria (a meticulosa e muito detalhada escrita de McCarthy constitui sempre um desafio para os tradutores) mantém quase à letra a densidade dramática da língua original” Sendo que o padrão organizacional, em termos de unidades maiores, desta recensão crítica é: 1) apresentação bibliográfica do autor, 2) avaliação da escrita do autor, 3) enquadramento da obra na produção do autor, 4) apresentação da obra e 5) avaliação da obra; e, portanto, o enfoque principal é no percurso e trabalho criativo do autor, a recensão crítica poderia procurar responder às seguintes questões:

1. A grande admiração que o crítico sente pela escrita do autor advém do trabalho criativo do mesmo consolidar ou introduzir inovações em relação ao cânone?
2. Perante apenas a leitura da recensão crítica, poderíamos concluir que o tradutor Paulo Faria ao manter “quase à letra a densidade dramática da língua original” optou por uma estratégia de estrangeirização. O paratexto desta obra corrobora esta mesma estratégia? Será que o tradutor opta maioritariamente por esta estratégia nas suas traduções literárias? Poder-se-á estabelecer um paralelismo entre o papel desempenhado pelo tradutor, a sua imagem na cultura de chegada e a sua estratégia tradutória?
3. O crítico ao louvar o trabalho de Paulo Faria está também a indicar a sua preferência pela estratégia de estrangeirização (caso tenha sido esta a estratégia adoptada maioritariamente pelo tradutor). Será que o crítico Miguel Calado Lopes considera esta a estratégia mais adequada para a cultura de chegada? Quais são as razões apontadas para o mesmo?

Este conjunto de questões têm como objectivo principal chamar a atenção para o papel interventivo do tradutor na modulação da cultura e literatura nacional.

5.4. CONCLUSÕES

No presente capítulo procurámos através da revisão bibliográfica de propostas de avaliação da qualidade de tradução apresentar um padrão organizacional para as recensões críticas que procurasse incluir e promover o papel do tradutor, bem como

apresentar uma ficha de apoio para consulta rápida que pudesse orientar os críticos a evitar avaliações meramente subjectivas.

6. CONCLUSÕES

Ao longo do presente projecto foi possível, através da análise do corpus CRCE-Port como da reflexão sobre a bibliografia revista, chegar a determinadas respostas e questões que iremos de seguida sintetizar.

Capítulo 1 – A imagem do tradutor espelhada na comunicação social

O projecto foi baseado na análise do *corpus* CRCE-Port composto pelas recensões críticas presentes na secção *Livros* da revista *Actual* do Jornal *Expresso* desde 21 de Janeiro de 1998 a 29 de Dezembro de 2007. Dada a distribuição elevada deste periódico (em média 130 mil exemplares por edição), o público-alvo abrangente e o período de tempo alargado (desde a 1ª edição do *Expresso* que inclui recensões críticas até à última edição de 2007, data em que o presente trabalho teve início), defendemos que o *corpus* CRCE-Port possa ser representativo de um universo maior. Portanto, apesar de discutível, será possível extrapolar as conclusões com base neste mesmo *corpus* para o universo de recensões portuguesas para este período. Será interessante verificar em estudos posteriores a validade destas afirmações para outros *corpora*.

Para analisar o *corpus* CRCE-Port foi necessário definir uma categorização hierárquica específica à análise de recensões críticas de modo a responder às hipóteses propostas. Esta categorização que foi testada com o *corpus* CRCE-Port pode ser aplicada a estudos posteriores com *corpora* compostos por recensões críticas com o objectivo de analisar o papel do tradutor que aquelas transmitem.

A análise do *corpus* resultou na identificação de dados quantitativos quanto:

a) ao papel da literatura traduzida no contexto da crítica jornalística portuguesa

1) foram analisadas 3739 recensões críticas, sendo que 1953 (52%) correspondem a recensões críticas a obras traduzidas e as restantes 1786 (48%) correspondem a recensões críticas a obras não traduzidas (Figura 1),

2) 4% das recensões críticas a obras não traduzidas são de obras em língua estrangeira (Figura 5),

b) à relevância atribuída pelos agentes de consagração ao processo de tradução e, em última instância, ao papel do tradutor

1) 12% das recensões críticas de obras traduzidas não identifica o nome do

tradutor na referência bibliográfica (Figura 3),

2) 20% das resenhas críticas de obras traduzidas incluem no corpo do texto a referência ao papel do tradutor, ao processo de tradução ou à obra como tradução (Figura 3),

3) 92% das capas reproduzidas em resenhas críticas a obras traduzidas não incluem o nome do tradutor (Figura 6).

Por um lado, foi possível verificar que a hipótese de que a tradução ocupa um lugar significativo no universo das resenhas críticas contemporâneas a nível nacional é verdadeira (ver Figura 1). D a análise dos dados da Figura 5 torna-se possível concluir que a literatura estrangeira não traduzida tenha expressão, apesar de reduzida (12%) no mercado nacional, levando-nos a ponderar que é dada primazia à literatura não traduzida, mesmo que não esteja em língua portuguesa. Por outro lado, a análise das Figuras 3 e 6 aponta para que, nestes casos, a obra traduzida seja analisada como se se tratasse de uma obra não traduzida. Além disso, esta prática reforça o conceito de que o tradutor é um agente invisível no campo de produção. Conclui-se, desta forma, que as críticas a obras traduzidas radicam em modelos literários e não em abordagens específicas à análise da tradução.

Em suma, a hipótese de que actualmente o tradutor é um agente invisível na recepção da literatura traduzida é verdadeira quanto à maioria das resenhas críticas a obras traduzidas de 1997 a 2008. As excepções são reservadas a obras traduzidas cujos tradutores detenham prestígio e autoridade na cultura de chegada por também serem autores de obra própria. Portanto, o estatuto do tradutor como autor determina a sua visibilidade.

Capítulo 2 – A invisibilidade do tradutor

Após estabelecermos no Capítulo 1 que o tradutor é um agente invisível neste contexto e que a tradução ocupa um lugar predominante no universo do nosso estudo, seria importante neste capítulo percebermos quais são os possíveis fundamentos teóricos justificativos da invisibilidade do tradutor.

O trabalho de Lawrence Venuti de denúncia da invisibilidade do tradutor, nomeadamente da apresentação das estratégias de tradução domesticadora e estrangeirizante, possibilitou-nos chegar à proposta apresentada no ponto **2.8. O**

caso português. A teoria do polissistema de Even-Zohar (1990) e as conclusões retiradas da análise do *corpus* CRCE-Port permitiram-nos chegar às seguintes ilações:

1) A oferta, o consumo e os hábitos de leitura são factores determinantes e moduladores do polissistema e, conseqüentemente, da cultura de chegada e, portanto, devem ser factores definidores do centro do polissistema,

2) A literatura traduzida pode ser pensada como ocupando um papel quantitativamente fundamental na cultura de chegada e no polissistema literário nacional, participando activamente na modelação do mesmo através da introdução, definição e estabelecimento de normas e modelos,

3) Desta forma, podemos corroborar a hipótese avançada por Rosa (2006: 90) de que o repertório português contemporâneo é quantitativamente dependente da tradução, Estas conclusões abrem caminho para que em estudos futuros se procure responder às seguintes hipóteses de trabalho:

1) Desenvolvendo complementarmente a linha de raciocínio de Even-Zohar e Venuti, se se provar que a literatura traduzida desempenha um papel modulador do polissistema e, como tal, é fonte de inovação, espera-se verificar a adopção de estratégias marginais e inovadoras em tradução na cultura de chegada e, portanto, a adopção de estratégias de estrangeirização. Se a literatura traduzida ocupa uma posição periférica, então, sendo a preocupação principal do tradutor descobrir modelos já existentes e secundários, espera-se verificar a adopção de estratégias de normalização, que visem privilegiar a canonicidade, ou seja, as estratégias de domesticação.

2) Tendo em conta que Venuti propõe a adopção de estratégias estrangeirizantes para combater a invisibilidade do tradutor no contexto anglo-americano, já que estas estratégias iriam contra a expectativa do leitor, promovendo, desta forma, o trabalho do tradutor; propomos que se teste a hipótese de, para o caso português, se adoptar estratégias domesticadoras para combater a invisibilidade do tradutor, já que no contexto português, seriam estas as estratégias que iriam contra a expectativa do leitor.

Capítulo 3 – Autoria e Autoridade

Depois de no Capítulo 2 apresentarmos uma proposta alternativa à de Venuti para o combate à invisibilidade do tradutor adaptado ao contexto português, torna-se relevante neste Capítulo procurar chegar a uma hipótese de definição do conceito predominante de tradução na cultura de chegada que contribua para a imagem de invisibilidade do tradutor.

Com base no conceito de *différance* de Derrida procurámos repensar a noção de autoria de modo a elevar a imagem do tradutor à de autor do TC, abrindo, desta forma, caminho para que haja legitimidade para avançar com uma proposta de modelo de recensão crítica em que o papel de autoria e criatividade do tradutor seja confirmado.

Capítulo 4 – Crítica de Tradução

Após a conclusão, no Capítulo 3, do papel de autoria do tradutor em relação ao TC, foi possível no quarto e último Capítulo avançar com a proposta de um padrão organizacional da recensão crítica com base nos modelos revistos de avaliação da qualidade da tradução. Este padrão organizacional composto por três unidades maiores - a) recepção da tradução da obra do autor, b) bibliografia do tradutor (incluindo opcionalmente a descrição e apresentação do trabalho criativo do tradutor, comparando-a com os comentários do mesmo acerca do seu próprio processo criativo em paratextos), e c) apresentação e avaliação do trabalho tradutório do TC (incluindo a apresentação de alternativas às estratégias tradutórias, caso haja pontos negativos a apontar. Neste caso, será também necessário justificar a avaliação negativa). Esta proposta tem como objectivo principal chamar a atenção para o papel interventivo do tradutor na modulação das culturas e literaturas nacionais e, portanto, combater a invisibilidade do tradutor.

O *corpus* CRCE-Port poderia responder a outras questões que por motivos de tempo não nos foi possível considerar: a) quais as normas tradutórias da cultura de chegada valorizadas pelos críticos, b) quais as metodologias de crítica de tradução empregadas pelos críticos do *Expresso*.

Fica ainda por comprovar em estudos posteriores:

- 1) se a literatura traduzida ocupa uma posição central no polissistema literário português,
- 2) se a literatura traduzida participa activamente na modelação do centro deste

polissistema,

3) como é que o papel da literatura traduzida afecta a cultura e a língua portuguesa (ver Rosa 2006: 91-92),

4) se a hipótese de que a literatura traduzida desempenha um papel modulador do polissistema e da cultura nacional é válida para outros *corpora*,

5) se, por norma geral, há uma tendência para que os tradutores com menor autoridade optem por estratégias estrangeirizantes, enquanto os tradutores com maior autoridade optam por estratégias domesticadoras,

6) se a adopção da estratégia domesticadora provoca uma mudança quanto à imagem do tradutor ou é pelo facto de o tradutor ter a autoridade de optar pela estratégia domesticadora que altera a sua imagem.

Esperamos que este projecto tenha aberto caminhos futuros de trabalho, em particular quanto à posição da literatura traduzida no polissistema literário português. Terminamos com a convicção de que o estudo da imagem e do papel do tradutor não só combate a invisibilidade do mesmo, como também contribui para o estudo do papel da literatura traduzida.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida e Pinho, Jorge (2006) *O Escritor Invisível*, Matosinhos e Lisboa: Quidnovi.
- Arrojo, Rosemary (1993) *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*, Rio de Janeiro: Imago.
- Atkins, Sue, Jeremy Clear and Nicholas Olster (1992) "Corpus Design Criteria", *Literary and Linguistic Computing* 7 (1): 1-16.
- Baker, Mona (1992) *In Other Words: A Coursebook on Translation*, London & New York: Routledge.
- (1993) "Corpus Linguistics and Translation Studies. Implications and Applications", in Mona Baker, Gill Francis and Elena Tognini-Bonelli (eds) *Text and Technology: In Honor of John Sinclair*, Amsterdam: John Benjamins, 233-50.
- (1995) "Corpora in Translation Studies: An Overview and Some Suggestions for Future Research", *Target* 7 (2): 223-43.
- (ed.) (1998) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, London & New York: Routledge.
- (2005) "Narratives in and of Translation", *SKASE Journal of Translation and Interpretation* 1: 4 -13.
- and Gabriela Saldanha (2009) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, New York: Routledge.
- Barthes, Roland (1976) *O Prazer do Texto*, trad. M. Barahona, Lisboa: Edições 70.
- (1977) *Image, Music, Text*, trans. V. Heath, New York: Hill and Wang.
- (1980) *S-Z*, trad. M. Cruz e A. Leite, Lisboa: Edições 70.
- (2000) "The Death of the Author," in Sean Burk (ed.) *Authorship. From Plato to the Postmodern. A Reader*, trans. S. Heath, Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Bassnett, Susan (1994) "The Visible Translator", *In Other Words* 4:11-15.
- (2001) "Da Literatura aos Estudos de Tradução", versão portuguesa de João Duarte, in Helena Buescu, João Duarte, Manuel Gusmão e Dionisio Soler (eds) *A Floresta Encantada. Novos Caminhos da Literatura Comparada*, Lisboa: Publicações

- D. Quixote, 289-311.
- Bauman, Zygmunt (1993) *Postmodern Ethics*, Oxford: Blackwell.
- Bell, Richard (1991) "Wissenschaftstheoretischer Status und praktischer Nutzen der Übersetzungswissenschaft" in R. Ehnert and W. Schleyer (eds) *Übersetzen im Fremdsprachenunterricht*. Regensburg: AKDAF, 9-23.
- Benjamin, Walter (1970) "The Task of the Translator", trans. Harry Zohn, in Walter Benjamin, *Illuminations*, 1970, London: Johnnattan Cape, 69-82.
- Berman, Antoine (1985/2000) "La Traduction Comme Épreuve de L'étranger", *Text* 4: 67-81, trans. by Lawrence Venuty as "Translation and the Trials of the Foreign", and reprinted in Lawrence Venuti (ed.) *The Translation Studies Reader*, 2000, London: Routledge, 284-97.
- Bezerra, Benedito (2001) *A Distribuição das Informações em Resenhas Acadêmicas*, Dissertação de mestrado submetida à Universidade Federal do Ceará.
- Bourdieu, Pierre (1993) *The Field of Cultural Production*, Cornwall: Polity Press.
- Bühler, Karl (1934) *Sprachtheorie: Die Darstellungsfunktion der Sprache*, Jena: G. Fisher.
- Carlos Ceia, S.V. "Deconstrução", *E-Dicionário de Termos Literários*, coord. de C. Ceia, <<http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/D/desconstrução.htm>>, consultado em 17-03-2009.
- Carroll, J. B. (1966) "An Experiment in Evaluating the Quality of Translation", *Mechanical Translation* 9: 55-66.
- Chamberlain, Lori (1988/ 2004) "Gender and the Metaphorics of Translation", *Signs* 13: 45-72, reprinted in Lawrence Venuti (ed.) *The Translation Studies Reader*, London & New York: Routledge, 306-22.
- Chesterman, Andrew (2005) "Problems with Strategies", in Krisztina Károly and Ágota Fóris (eds) *New Trends in Translation Studies. In Honour of Kinga Klaudy*, Budapest: Akadémiai Kiadó, 17-28.
- Derrida, Jacques (1967/1976) *Of Grammatology*, trans. Gayatri Chakravorty Spivak, Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press.
- (1971) *A escritura e a diferença*, São Paulo: Perspectiva.
- (1982) "Différance", in Jacques Derrida, *Margins of Philosophy*, trans. A. Bass, Chicago: University Press, 3-27.

- (1985) “Des Tours de Babel”, trans. Joseph Graham, in Joseph Graham (ed.) *Difference in Translation*, Ithaca & London: Cornell University Press, 165 – 248; French original in Appendix of the same volume, 209-18.
- (2001) “What is a ‘Relevant’ translation?”, trans. Lawrence Venuti, *Critical Inquiry* 27, 174-200, reprinted in Lawrence Venuti (ed.) *The Translation Studies Reader*, 2004, London & New York: Routledge, 423-46.
- Dias, Fátima (2006) “«Tradutores Precisam-se»: A Imagem da Tradução Transmitida pelos Anúncios de Emprego”, *Confluências: Revista de tradução científica e técnica* 4: 1-9.
- Dodds, John M. (1992) “Translation Criticism in Defense of the Profession”, *Rivista Internazionale di Tecnica della Traduzione* 0: 1-4.
- Duarte, João (2006) *A Lição do Cânone – Uma Auto-reflexão dos Estudos Literários*, Lisboa: Edições Colibri.
- s.v. “Cânone”, *E-Dicionário de Termos Literários*, coord. de Carlos Ceia, <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/C/canone.htm>, consultado em 08-09-2008.
- European Standard (2006) *EN 15036:200*, European Committee for Standardization.
- Even-Zohar, Itamar (1990) *Polysystem Studies*, Special Issue of *Poetics Today* 11 (1).
- Franco, Eliana (2006) “A identidade do tradutor / intérprete representada pelo discurso cinematográfico: uma ajuda ou um obstáculo para a formação de tradutores/intérpretes?”, Comunicação apresentada nas V Jornadas de Tradução subordinadas ao tema Trajectos para a Tradução/Pathways to Translations, organizadas pelo Departamento de Ciências da Linguagem da ESTG, Leiria, 9-10 de Novembro de 2006.
- Freitas, Eduardo de, José Luís Casanova e Nuno de Almeida Alves (1997) *Hábitos de Leitura. Um Inquérito à População Portuguesa*, Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Freitas, Luana (2004) “Visibilidade problemática em Venuti”, *Cadernos de Tradução* 13(1): 55-62.
- Frota, Maria (1999) *A singularidade na escrita tradutora: linguagem e subjetividades nos estudos de tradução, na linguística e na psicanálise*, Campinas: Pontes.
- Gentzler, Edwin (1993/2001) *Contemporary Translation Theories*, London & New

- York: Routledge.
- Gerzymishch-Arbogast, J. (1994) *Übersetzungswissenschaftliches Propädeutikum*, Tübingen: Francke.
- Gouveia, Carlos (2006) "O Que Se Entende Por Texto?", *Diversidade Linguística na Escola Portuguesa: CD2 - Análises e Materiais*, <http://www.fl.ul.pt/pessoais/cgouveia/artigos/texto.pdf>.
- Gutt, Ernst-August (1991/2000) *Translation and Relevance: Cognition and Context*, Oxford: Blackwell; Manchester: St. Jerome.
- Halliday, Michael A.K. (1978) *Language as Social Semiotic: the Social Interpretation of Language and Meanin*, London: Arnold.
- Halverson, Sandra (1998) "Translation Studies and Representative Corpora: Establishing Links Between Translation Corpora, Theoretical/Descriptive Categories and a Conception of the Object of Study", *Meta* 43: 1-22.
- Hatim, Basil and Ian Mason (1990) *Discourse and the Translator*, Harlow, Essex: Longman.
- Hatim, Basil and Jeremy Munday (2004) *Translation. An Advanced Resource Book*, London & New York: Routledge.
- Hermans, Theo (1996a) "Norms and the Determination of Translation: A Theoretical Framework", in Roman Alvarez and Africa Vidal (eds) *Translation, Power, Subversion*, Clevedon: Multilingual Matters, 25-51.
- (1996b) "The Translator's Voice in Translated Narrative", *Target* 8 (1): 23-48.
- Holmes, James S. (1988) *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*, Amsterdam: Rodopi.
- House, Juliane (1997) *Translation Quality Assessment: A Model Revisited*, Tübingen: Gunter Narr.
- (2008) "Quality", in Mona Baker (ed.) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, London & New York: Routledge, 222-225.
- Hymes, Dell (1974) *Foundations in Sociolinguistics: An Ethnography of Speaking*, Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Kelly, Louis (1979) *The True Interpreter. A History of Translation Theory and Practice in the West*, Oxford: Basil Blackwell.

- Koller, Werner (1979/2004) *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*, Heidelberg & Wiesbaden: Quelle und Meyer.
- Koskinen, Kaisa (2000) *Beyond Ambivalence: Postmodernity and the Ethics of Translation*, Tampere: University of Tampere.
- Kuhn, Ian (2003) *Antoine Berman's «productive Übersetzungskritik». Entwurf und Erprobung einer Methode*, Tübingen: Gunten Narr.
- Kwieciński, Piotr (2001) *Disturbing Strangeness: Foreignisation and Domestication in Translation Procedures in the Context of Cultural Asymmetry*, Toruń, Poland: Wydawnictwo EDYTOR.
- Lambert, José and Hendrik van Gorp (1985) "On Describing Translations", in Theo Hermans (ed.) *The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation*, London & Sydney: Croom Helm.
- Laviosa, Sara (1998) "The Corpus-based Approach: A New Paradigm in Translation Studies", *Special Issue of Meta* 43 (4): 557-70.
- (2006) *Corpus-based Translation Studies: Theory, Findings, Applications*, Amsterdam & New York: Rodopi.
- Lefevere, André (1981) "Beyond the Process: Literary Translation in Literature and Literary Theory", in Marilyn Gaddis Rose (ed.) *Translation Spectrum: Essays in Theory and Practice*, Albany, New York: SUNY Press, 52-9.
- Levý, Jiří (1989) "Translation as a Decision Making Process", in Andrew Chesterman (ed.) *Reading in Translation Theory*, Helsinki: FinnLectura, 38-52.
- Literary Translators Association of Canada (1991) *Trade books model contract for translation*, Online available: <<http://www.attlc-ltac.org/conteng.htm>> (consultado a 4 de Maio de 2009).
- Lörscher, Wolfgang (1991) *Translation Performance, Translation Process and Translation Strategies: A Psycholinguistic investigation*, Tübingen: Gunter Narr.
- MacNamara, John (1967) "The Bilingual's Linguistic Performance: A Psychological Overview", *The Journal of Social Issues* 23, 58 – 77.
- Maier, Carol (2008) "Reviewing and Criticism", in Mona Baker (ed.) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, London & New York: Routledge, 236-241.
- Marktest "Bareme- Imprensa",

http://www.marktest.pt/produtos_servicos/Bareme_Imprensa/default.asp,

consultado em 20.07.2008.

- Motta-Roth, Désirée (1995) *Rhetorical Features and Disciplinary Cultures: A Genre-based Study of Academic Book Reviews in Linguistics, Chemistry and Economics*, Tese de doutoramento submetida à Universidade Federal de Santa Catarina.
- Munday, Jeremy (2001) *Introducing translation studies: theories and applications*, Londres: Routledge.
- Newmark, Peter (1988) *A Textbook of Translation*, New Jersey: Prentice Hall
- Nida, Eugene A. (1964) *Towards a Science of Translating*, Leiden: E. J. Brill
- and Charles Taber (1969) *The Theory and Practice of Translation*, Leiden: E. J. Brill
- Nord, Christiane (1997) *Translating as a Purposeful Activity. Functionalist Approaches Explained*, Manchester: St. Jerome.
- Norris, Christopher (1991) *Deconstruction: Theory and Practice*, London & New York: Routledge.
- Popovič, A. (1970) "The concept 'Shift' of Expression" in Translation Analysis", in J. Holmes, F. Haan and A. Popovic (eds) *The nature of Translation. Essays on the Theory and Practice of Literary Translation*, Bratislava: Publishing House of the Slovak Academy of Sciences, pp. 78-87.
- Popovič, Anton (1973) "Zum Status der Übersetzungskritik", *Babel*: 161-165.
- Pym, Anthony (1992) *Translation and Text Transfer. An Essay on the Principles of Intercultural Communication*, Frankfurt: Peter Lang.
- (1996) "Venuti's Visibility", *Target* 8(1): 165-177.
- (1997) *Pour une éthique du traducteur*, Presses de l'Université d'Ottawa: Artois Presses Université.
- Reiß, Katharina (1971) *Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik*, München: Hueber.
- and Hans J. Vermeer (1984) *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*, Tübingen: Niemeyer.
- Rosa, Alexandra Assis (2003) *Tradução, Poder e Ideologia. Retórica Interpessoal no Diálogo Narrativo Dickensiano em Português (1950-1999)*, Tese de doutoramento

- submetida à Universidade de Lisboa.
- (2006) "Does Translation Have A Say In The History Of Our Contemporary Linguacultures? Some Figures On Translation In Portugal", *Polifonia* 9: 77-93.
- Saramago, José (1997) "To Write is To Translate", in Pilar Orero and Juan Sager (eds) *The Translator's Dialogue - Giovanni Pontiero*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Saussure, Ferdinand de (1999) *Curso de linguística geral*, trans. J. V. Adragão, Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Schleiermacher, Friedrich (2003) *Sobre os Diferentes Métodos de Traduzir. Über die Verschiedenen Methoden des Übersetzens*, trad. J. Justo, Porto: Porto Editora.
- Schmidt, Siegfried (1978) "La Communication Littéraire", in Alain Berrendonner (ed.) *Stratégies discursives: Actes du Colloque du Centre de Recherches Linguistiques*, Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 19-31.
- Sinclair, John (1991) *Corpus, Concordance, Collocation*, Oxford: Oxford University Press.
- Spivak, Gayatri (1976) "Translator's Preface," in Jacques Derrida, *Of Grammatology*, Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, ix – lxxvii.
- Steiner, George (1998) *After Babel. Aspects of Language and Translation*, London: Oxford University Press.
- Swales, John (1990) *Genre Analysis*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Toury, Gideon (1978) "The Nature and Role of Norms in Literary Translation", in James Holmes, José Lambert and Raymond van den Broeck (eds) *Literature and Translation*, Leuven, Belgium: Acco, 83-100.
- (1985) "A Rationale for Descriptive Translation Studies", in Theo Hermans (ed.) *The Manipulation of Literature. Studies in Literary Translation*, London: Croom Helm, 16-41.
- (1995a) *Descriptive Translation Studies and Beyond*, Amsterdam: John Benjamin.
- (1995b) "The Notion of 'Assumed Translation' - An Invitation to a New Discussion", in H. Bloemen, E. Hertog and W. Segers (eds) *Letterlijkheid, Woordelijkheid / Literality, Verbality*, Antwerpen/Harmelen: Fantom, 135-147.

- (2006) "Conducting Research on a 'Wish to Understand' Basis", in João Ferreira Duarte, Alexandra Assis Rosa and Teresa Seruya (eds), *Translation Studies at the Interface of Disciplines*,. Amsterdam: John Benjamins: 55-66.
- Tymoczko, Maria (2003) "Ideology and the Position of the Translator: In What Sense is a Translator 'In Between'?" in Maria Perez (ed.) *Apropos of Ideology – Translation Studies on Ideology – Ideologies in Translation Studies*, Manchester: St. Jerome, 181-201.
- Van Rees, Cees (1983) "How a Literary Work Becomes a Masterpiece: On the Threefold Selection Practiced by Literary Criticism", *Poetics* 12 : 397-417.
- Venuti, Lawrence (1991) "Genealogies of Translation Theory: Schleiermacher", *TTR* 4 (2): 125 – 50.
- (ed.) (1992) *Rethinking Translation: Discourse, Subjectivity, Ideology*, London & New York: Routledge.
- (1995) *The Translator's Invisibility*, London & New York: Routledge.
- (1997) "The American Tradition", in Mona Baker (ed.) *The Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, London & New York: Routledge, 305-15.
- (1998) *The Scandals of Translation*, London & New York: Routledge.
- Vermeer, Hans (1984) "Translation Today: Old and new problems" in Mary Snell-Hornby et al (eds.) *Translation Studies. An Interdiscipline*. Amsterdam: Benjamins, 3-16.
- (1996) *A Skopos Theory of Translation (Some Arguments for and against)*, Heidelberg: TEXTconTEXT.
- Viegas, Marlene (2004) *Aspectos Sistémico-Funcionais da Mudança Linguística em Cartas Familiares do Early Modern English*, Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Yameng, L. (2005) "'Towards 'representational justice' in translation practice", in Jeremy Munday (ed.) *Translation as Intervention*, London & New York: Continuum International Publishing Group, 54-70.
- Zurbach, Christine (2001) "La Stratégie de la Non-traduction Dans la Version Portugaise de la Farce Bye-Bye Lehrstück de Daniel Lemahieu", in João Ferreira Duarte (ed.) *A Tradução nas Encruzilhadas da Cultura. Translation as/at the*

Crossroads of Culture. La traduction aux carrefours de la culture, Lisboa: Edições Colibri, 93-103.

ANEXO A

1. Apresentação da análise de dados do *corpus* CRCE-Port por ano

1.1. 1998

Tabela 8 – Análise das obras traduzidas vs. as obras não traduzidas em resenhas críticas em 1998

<i>Mês</i>	<i>Obras não traduzidas</i>		<i>Obras traduzidas</i>	
Janeiro	9	90%	1	10%
Fevereiro	19	61%	12	39%
Março	16	64%	9	36%
Abril	22	73%	8	27%
Maio	18	47%	20	53%
Junho	17	57%	13	43%
Julho	13	48%	14	52%
Agosto	21	64%	12	36%
Setembro	15	58%	11	42%
Outubro	22	58%	16	42%
Novembro	15	44%	19	56%
Dezembro	12	55%	10	45%
<i>Total/Média</i>	199	60%	145	40%

Tabela 9 – Análise das resenhas críticas de obras traduzidas com referência bibliográfica completa e com referência no corpo do texto ao papel do tradutor em 1998

<i>Mês</i>	<i>Ref. Bibliográfica</i>		<i>Ref. Corpo do Texto</i>	
Janeiro	1	100%	0	0%
Fevereiro	9	75%	1	8%
Março	9	100%	2	22%
Abril	5	63%	1	13%
Maio	14	70%	3	15%
Junho	11	85%	3	23%
Julho	10	71%	2	14%
Agosto	7	58%	2	17%
Setembro	8	73%	2	18%
Outubro	12	75%	6	38%
Novembro	15	79%	3	16%
Dezembro	8	80%	0	0%
<i>Total/Média</i>	109	77%	25	15%

Tabela 10 – Análise das recensões críticas de obras não traduzidas em língua portuguesa vs. as obras não traduzidas noutra língua em 1998

<i>Mês</i>	<i>Obras em português</i>		<i>Obras noutra língua</i>	
Janeiro	7	78%	2	22%
Fevereiro	17	89%	2	11%
Março	16	100%	0	0%
Abril	22	100%	0	0%
Maio	17	94%	1	6%
Junho	16	94%	1	6%
Julho	12	92%	1	8%
Agosto	21	100%	0	0%
Setembro	14	93%	1	7%
Outubro	20	91%	2	9%
Novembro	14	93%	1	7%
Dezembro	12	100%	0	0%
<i>Total/Média</i>	188	94%	11	6%

Tabela 11 – Análise das capas reproduzidas em recensões críticas de obras traduzidas em 1998

<i>Mês</i>	<i>Com ref. ao tradutor</i>		<i>Sem ref. ao tradutor</i>	
Janeiro	0	0%	0	0%
Fevereiro	1	25%	3	75%
Março	0	0%	1	100%
Abril	0	0%	1	100%
Maio	0	0%	4	100%
Junho	0	0%	1	100%
Julho	1	11%	8	89%
Agosto	0	0%	7	100%
Setembro	1	13%	7	88%
Outubro	1	33%	2	67%
Novembro	1	13%	7	88%
Dezembro	1	13%	7	88%
<i>Total/Média</i>	6	9%	48	83%

1.2. 1999

Tabela 12 - Análise das obras traduzidas vs. as obras não traduzidas em recensões críticas em 1999

<i>Mês</i>	<i>Obras não traduzidas</i>		<i>Obras traduzidas</i>	
Janeiro	12	39%	19	61%
Fevereiro	28	62%	17	38%
Março	15	43%	20	57%
Abril	20	65%	11	35%
Maio	19	46%	22	54%
Junho	24	62%	15	38%
Julho	21	54%	18	46%
Agosto	21	62%	13	38%
Setembro	22	61%	14	39%
Outubro	16	57%	12	43%
Novembro	19	58%	14	42%
Dezembro	15	48%	16	52%
<i>Total/Média</i>	232	55%	191	45%

Tabela 13 - Análise das recensões críticas de obras traduzidas com referência bibliográfica completa e com referência no corpo do texto ao papel do tradutor em 1999

<i>Mês</i>	<i>Ref. Bibliográfica</i>		<i>Ref. Corpo do Texto</i>	
Janeiro	16	84%	4	21%
Fevereiro	15	88%	1	6%
Março	16	80%	4	20%
Abril	7	64%	1	9%
Maio	11	50%	8	36%
Junho	5	33%	3	20%
Julho	14	78%	6	33%
Agosto	4	31%	3	23%
Setembro	7	50%	4	29%
Outubro	6	50%	6	50%
Novembro	11	79%	5	36%
Dezembro	15	94%	6	38%
<i>Total/Média</i>	127	65%	51	27%

Tabela 14 - Análise das recensões críticas de obras não traduzidas em língua portuguesa vs. as obras não traduzidas noutra língua em 1999

<i>Mês</i>	<i>Obras em português</i>		<i>Obras noutra língua</i>	
Janeiro	11	92%	1	8%
Fevereiro	27	96%	1	4%
Março	15	100%	0	0%
Abril	18	90%	2	10%
Maiο	19	100%	0	0%
Junho	23	96%	1	4%
Julho	21	100%	0	0%
Agosto	20	95%	1	5%
Setembro	20	91%	2	9%
Outubro	15	94%	1	6%
Novembro	19	100%	0	0%
Dezembro	13	87%	2	13%
<i>Total/Média</i>	221	95%	11	5%

Tabela 15 - Análise das capas reproduzidas em recensões críticas de obras traduzidas em 1999

<i>Mês</i>	<i>Com ref. ao tradutor</i>		<i>Sem ref. ao tradutor</i>	
Janeiro	1	8%	11	92%
Fevereiro	1	13%	7	88%
Março	0	0%	5	100%
Abril	0	0%	3	100%
Maiο	1	8%	12	92%
Junho	1	11%	8	89%
Julho	1	9%	10	91%
Agosto	0	0%	5	100%
Setembro	0	0%	5	100%
Outubro	0	0%	6	100%
Novembro	0	0%	9	100%
Dezembro	1	10%	9	90%
<i>Total/Média</i>	6	5%	90	95%

1.3. 2000

Tabela 16 - Análise das obras traduzidas vs. as obras não traduzidas em resenhas críticas em 2000

<i>Mês</i>	<i>Obras não traduzidas</i>		<i>Obras traduzidas</i>	
Janeiro	15	47%	17	53%
Fevereiro	12	43%	16	57%
Março	16	53%	14	47%
Abril	22	44%	28	56%
Maio	21	54%	18	46%
Junho	21	43%	28	57%
Julho	30	67%	15	33%
Agosto	16	59%	11	41%
Setembro	11	30%	26	70%
Outubro	13	36%	23	64%
Novembro	18	53%	16	47%
Dezembro	10	36%	18	64%
<i>Total/Média</i>	205	47%	230	53%

Tabela 17 - Análise das resenhas críticas de obras traduzidas com referência bibliográfica completa e com referência no corpo do texto ao papel do tradutor em 2000

<i>Mês</i>	<i>Ref. Bibliográfica</i>		<i>Ref. Corpo do Texto</i>	
Janeiro	13	76%	2	12%
Fevereiro	12	75%	4	25%
Março	14	100%	7	50%
Abril	28	100%	9	32%
Maio	16	89%	11	61%
Junho	27	96%	7	25%
Julho	15	100%	3	20%
Agosto	11	100%	2	18%
Setembro	26	100%	8	31%
Outubro	23	100%	7	30%
Novembro	16	100%	1	6%
Dezembro	18	100%	7	39%
<i>Total/Média</i>	219	95%	68	29%

Tabela 18 - Análise das recensões críticas de obras não traduzidas em língua portuguesa vs. as obras não traduzidas noutra língua em 2000

<i>Mês</i>	<i>Obras em português</i>		<i>Obras noutra língua</i>	
Janeiro	15	100%	0	0%
Fevereiro	12	100%	0	0%
Março	16	100%	0	0%
Abril	21	95%	1	5%
Maio	20	95%	1	5%
Junho	19	90%	2	10%
Julho	30	100%	0	0%
Agosto	14	88%	2	13%
Setembro	11	100%	0	0%
Outubro	12	92%	1	8%
Novembro	16	89%	2	11%
Dezembro	10	100%	0	0%
<i>Total/Média</i>	196	96%	9	4%

Tabela 19 - Análise das capas reproduzidas em recensões críticas de obras traduzidas em 2000

<i>Mês</i>	<i>Com ref. ao tradutor</i>		<i>Sem ref. ao tradutor</i>	
Janeiro	0	0%	12	100%
Fevereiro	1	13%	7	88%
Março	1	10%	9	90%
Abril	0	0%	14	100%
Maio	0	0%	14	100%
Junho	0	0%	21	100%
Julho	0	0%	5	100%
Agosto	0	0%	9	100%
Setembro	1	6%	16	94%
Outubro	0	0%	16	100%
Novembro	0	0%	12	100%
Dezembro	1	9%	10	91%
<i>Total/Média</i>	4	3%	145	97%

1.4. 2001

Tabela 20 - Análise das obras traduzidas vs. as obras não traduzidas em resenhas críticas em 2001

<i>Mês</i>	<i>Obras não traduzidas</i>		<i>Obras traduzidas</i>	
Janeiro	11	48%	12	52%
Fevereiro	20	67%	10	33%
Março	12	60%	8	40%
Abril	22	59%	15	41%
Maio	18	56%	14	44%
Junho	27	53%	24	47%
Julho	25	50%	25	50%
Agosto	30	58%	22	42%
Setembro	15	47%	17	53%
Outubro	16	42%	22	58%
Novembro	13	52%	12	48%
Dezembro	28	68%	13	32%
<i>Total/Média</i>	237	55%	194	45%

Tabela 21 - Análise das resenhas críticas de obras traduzidas com referência bibliográfica completa e com referência no corpo do texto ao papel do tradutor em 2001

<i>Mês</i>	<i>Ref. Bibliográfica</i>		<i>Ref. Corpo do Texto</i>	
Janeiro	11	92%	3	25%
Fevereiro	10	100%	2	20%
Março	7	88%	3	38%
Abril	16	107%	3	20%
Maio	13	93%	4	29%
Junho	23	96%	4	17%
Julho	25	100%	1	4%
Agosto	21	95%	6	27%
Setembro	17	100%	2	12%
Outubro	22	100%	1	5%
Novembro	12	100%	2	17%
Dezembro	12	92%	2	15%
<i>Total/Média</i>	189	97%	33	19%

Tabela 22 - Análise das recensões críticas de obras não traduzidas em língua portuguesa vs. as obras não traduzidas noutra língua em 2001

<i>Mês</i>	<i>Obras em português</i>		<i>Obras noutra língua</i>	
Janeiro	10	91%	1	9%
Fevereiro	20	100%	0	0%
Março	12	100%	0	0%
Abril	20	91%	2	9%
Maio	18	100%	0	0%
Junho	25	93%	2	7%
Julho	24	96%	1	4%
Agosto	27	90%	3	10%
Setembro	14	93%	1	7%
Outubro	14	88%	2	13%
Novembro	12	92%	1	8%
Dezembro	28	100%	0	0%
<i>Total/Média</i>	224	94%	13	6%

Tabela 23 - Análise das capas reproduzidas em recensões críticas de obras traduzidas em 2001

<i>Mês</i>	<i>Com ref. ao tradutor</i>		<i>Sem ref. ao tradutor</i>	
Janeiro	2	18%	9	82%
Fevereiro	1	10%	9	90%
Março	1	17%	5	83%
Abril	0	0%	11	100%
Maio	1	8%	11	92%
Junho	1	4%	22	96%
Julho	0	0%	25	100%
Agosto	2	9%	20	91%
Setembro	0	0%	2	100%
Outubro	0	0%	22	100%
Novembro	1	8%	11	92%
Dezembro	0	0%	13	100%
<i>Total/Média</i>	9	6%	160	94%

1.5. 2002

Tabela 24 - Análise das obras traduzidas vs. as obras não traduzidas em recensões críticas em 2002

<i>Mês</i>	<i>Obras não traduzidas</i>		<i>Obras traduzidas</i>	
Janeiro	10	45%	12	55%
Fevereiro	13	43%	17	57%
Março	25	64%	14	36%
Abril	12	39%	19	61%
Maio	18	62%	11	38%
Junho	25	52%	23	48%
Julho	22	47%	25	53%
Agosto	13	48%	14	52%
Setembro	11	37%	19	63%
Outubro	20	49%	21	51%
Novembro	23	58%	17	43%
Dezembro	11	52%	10	48%
<i>Total/Média</i>	203	50%	202	50%

Tabela 25 - Análise das resenhas críticas de obras traduzidas com referência bibliográfica completa e com referência no corpo do texto ao papel do tradutor em 2002

<i>Mês</i>	<i>Ref. Bibliográfica</i>		<i>Ref. Corpo do Texto</i>	
Janeiro	12	100%	3	25%
Fevereiro	17	100%	4	24%
Março	14	100%	2	14%
Abril	19	100%	1	5%
Maio	11	100%	1	9%
Junho	23	100%	6	26%
Julho	25	100%	2	8%
Agosto	14	100%	3	21%
Setembro	19	100%	6	32%
Outubro	20	95%	4	19%
Novembro	16	94%	5	29%
Dezembro	10	100%	1	10%
<i>Total/Média</i>	200	99%	38	19%

Tabela 26 - Análise das resenhas críticas de obras não traduzidas em língua portuguesa vs. as obras não traduzidas noutra língua em 2002

<i>Mês</i>	<i>Obras em português</i>		<i>Obras noutra língua</i>	
Janeiro	10	100%	0	0%
Fevereiro	13	100%	0	0%
Março	25	100%	0	0%
Abril	11	92%	1	8%
Maio	17	94%	1	6%
Junho	22	88%	3	12%
Julho	21	95%	1	5%
Agosto	11	85%	2	15%
Setembro	10	91%	1	9%
Outubro	19	95%	1	5%
Novembro	22	96%	1	4%
Dezembro	11	100%	0	0%
<i>Total/Média</i>	192	95%	11	5%

Tabela 27 - Análise das capas reproduzidas em resenhas críticas de obras traduzidas em 2002

<i>Mês</i>	<i>Com ref. ao tradutor</i>		<i>Sem ref. ao tradutor</i>	
Janeiro	0	0%	12	100%
Fevereiro	1	6%	16	94%
Março	0	0%	13	100%
Abril	4	21%	15	79%
Maiο	0	0%	11	100%
Junho	0	0%	22	100%
Julho	0	0%	20	100%
Agosto	0	0%	14	100%
Setembro	5	26%	14	74%
Outubro	4	20%	16	80%
Novembro	1	6%	16	94%
Dezembro	1	10%	9	90%
<i>Total/Média</i>	16	7%	178	93%

1.6. 2003

Tabela 28 - Análise das obras traduzidas vs. as obras não traduzidas em resenhas críticas em 2003

<i>Mês</i>	<i>Obras não traduzidas</i>		<i>Obras traduzidas</i>	
Janeiro	14	44%	18	56%
Fevereiro	15	47%	17	53%
Março	17	41%	24	59%
Abril	15	48%	16	52%
Maiο	15	52%	14	48%
Junho	14	37%	24	63%
Julho	12	55%	10	45%
Agosto	10	37%	17	63%
Setembro	17	46%	20	54%
Outubro	12	38%	20	63%
Novembro	15	37%	26	63%
Dezembro	13	50%	13	50%
<i>Total/Média</i>	169	44%	219	56%

Tabela 29 - Análise das recensões críticas de obras traduzidas com referência bibliográfica completa e com referência no corpo do texto ao papel do tradutor em 2003

<i>Mês</i>	<i>Ref. Bibliográfica</i>		<i>Ref. Corpo do Texto</i>	
Janeiro	18	100%	5	28%
Fevereiro	16	94%	6	35%
Março	24	100%	5	21%
Abril	16	100%	2	13%
Maio	14	100%	2	14%
Junho	24	100%	6	25%
Julho	10	100%	3	30%
Agosto	17	100%	4	24%
Setembro	20	100%	4	20%
Outubro	18	90%	1	5%
Novembro	26	100%	3	12%
Dezembro	13	100%	2	15%
<i>Total/Média</i>	216	99%	43	20%

Tabela 30 - Análise das recensões críticas de obras não traduzidas em língua portuguesa vs. as obras não traduzidas noutra língua em 2003

<i>Mês</i>	<i>Obras em português</i>		<i>Obras noutra língua</i>	
Janeiro	13	93%	1	7%
Fevereiro	14	93%	1	7%
Março	16	94%	1	6%
Abril	15	100%	0	0%
Maio	15	100%	0	0%
Junho	14	100%	0	0%
Julho	12	100%	0	0%
Agosto	10	100%	0	0%
Setembro	14	82%	3	18%
Outubro	11	92%	1	8%
Novembro	15	100%	0	0%
Dezembro	13	100%	0	0%
<i>Total/Média</i>	162	96%	7	4%

Tabela 31 - Análise das capas reproduzidas em resenhas críticas de obras traduzidas em 2003

<i>Mês</i>	<i>Com ref. ao tradutor</i>		<i>Sem ref. ao tradutor</i>	
Janeiro	0	0%	18	100%
Fevereiro	1	6%	15	94%
Março	0	0%	24	100%
Abril	2	13%	13	87%
Mai	0	0%	14	100%
Junho	2	8%	22	92%
Julho	1	10%	9	90%
Agosto	0	0%	17	100%
Setembro	1	5%	19	95%
Outubro	1	5%	19	95%
Novembro	3	12%	23	88%
Dezembro	3	23%	10	77%
<i>Total/Média</i>	14	7%	203	93%

1.7. 2004

Tabela 32 - Análise das obras traduzidas vs. as obras não traduzidas em resenhas críticas em 2004

<i>Mês</i>	<i>Obras não traduzidas</i>		<i>Obras traduzidas</i>	
Janeiro	16	46%	19	54%
Fevereiro	10	38%	16	62%
Março	11	31%	25	69%
Abril	10	30%	23	70%
Mai	13	37%	22	63%
Junho	19	61%	12	39%
Julho	13	41%	19	59%
Agosto	10	53%	9	47%
Setembro	11	37%	19	63%
Outubro	14	36%	25	64%
Novembro	19	45%	23	55%
Dezembro	17	46%	20	54%
<i>Total/Média</i>	163	42%	232	58%

Tabela 33 - Análise das recensões críticas de obras traduzidas com referência bibliográfica completa e com referência no corpo do texto ao papel do tradutor em 2004

<i>Mês</i>	<i>Ref. Bibliográfica</i>		<i>Ref. Corpo do Texto</i>	
Janeiro	19	100%	4	21%
Fevereiro	16	100%	3	19%
Março	25	100%	4	16%
Abril	23	100%	4	17%
Maiο	22	100%	3	14%
Junho	12	100%	4	33%
Julho	18	95%	2	11%
Agosto	9	100%	1	11%
Setembro	19	100%	4	21%
Outubro	25	100%	3	12%
Novembro	23	100%	5	22%
Dezembro	20	100%	7	35%
<i>Total/Média</i>	231	100%	44	19%

Tabela 34 - Análise das recensões críticas de obras não traduzidas em língua portuguesa vs. as obras não traduzidas noutra língua em 2004

<i>Mês</i>	<i>Obras em português</i>		<i>Obras noutra língua</i>	
Janeiro	16	100%	0	0%
Fevereiro	10	100%	0	0%
Março	11	100%	0	0%
Abril	10	100%	0	0%
Maiο	13	100%	0	0%
Junho	19	100%	0	0%
Julho	13	100%	0	0%
Agosto	10	100%	0	0%
Setembro	11	100%	0	0%
Outubro	13	93%	1	7%
Novembro	17	89%	2	11%
Dezembro	17	100%	0	0%
<i>Total/Média</i>	160	99%	3	1%

Tabela 35 - Análise das capas reproduzidas em recensões críticas de obras traduzidas em 2004

<i>Mês</i>	<i>Com ref. ao tradutor</i>		<i>Sem ref. ao tradutor</i>	
Janeiro	4	21%	15	79%
Fevereiro	2	13%	14	88%
Março	2	8%	23	92%
Abril	3	14%	19	86%
Maiο	3	14%	19	86%
Junho	3	25%	9	75%
Julho	2	11%	16	89%
Agosto	2	25%	6	75%
Setembro	2	11%	16	89%
Outubro	1	4%	24	96%
Novembro	4	17%	19	83%
Dezembro	2	10%	18	90%
<i>Total/Média</i>	30	14%	198	86%

1.8. 2005

Tabela 36 - Análise das obras traduzidas vs. as obras não traduzidas em resenhas críticas em 2005

<i>Mês</i>	<i>Obras não traduzidas</i>		<i>Obras traduzidas</i>	
Janeiro	13	52%	12	48%
Fevereiro	10	45%	12	55%
Março	17	63%	10	37%
Abril	16	33%	33	67%
Maio	13	41%	19	59%
Junho	8	29%	20	71%
Julho	10	33%	20	67%
Agosto	11	44%	14	56%
Setembro	21	44%	27	56%
Outubro	13	31%	29	69%
Novembro	9	29%	22	71%
Dezembro	7	39%	11	61%
<i>Total/Média</i>	148	40%	229	60%

Tabela 37 - Análise das resenhas críticas de obras traduzidas com referência bibliográfica completa e com referência no corpo do texto ao papel do tradutor em 2005

<i>Mês</i>	<i>Ref. Bibliográfica</i>		<i>Ref. Corpo do Texto</i>	
Janeiro	12	100%	2	17%
Fevereiro	12	100%	2	17%
Março	10	100%	2	20%
Abril	16	48%	6	18%
Maio	19	100%	2	11%
Junho	20	100%	3	15%
Julho	20	100%	1	5%
Agosto	14	100%	3	21%
Setembro	26	96%	7	26%
Outubro	29	100%	0	0%
Novembro	21	95%	0	0%
Dezembro	11	100%	0	0%
<i>Total/Média</i>	210	95%	28	12%

Tabela 38 - Análise das recensões críticas de obras não traduzidas em língua portuguesa vs. as obras não traduzidas noutra língua em 2005

<i>Mês</i>	<i>Obras em português</i>		<i>Obras noutra língua</i>	
Janeiro	12	92%	1	8%
Fevereiro	10	100%	0	0%
Março	17	100%	0	0%
Abril	16	100%	0	0%
Maio	13	100%	0	0%
Junho	7	88%	1	13%
Julho	10	100%	0	0%
Agosto	10	91%	1	9%
Setembro	21	100%	0	0%
Outubro	12	92%	1	8%
Novembro	9	100%	0	0%
Dezembro	7	100%	0	0%
<i>Total/Média</i>	144	97%	4	3%

Tabela 39 - Análise das capas reproduzidas em recensões críticas de obras traduzidas em 2005

<i>Mês</i>	<i>Com ref. ao tradutor</i>		<i>Sem ref. ao tradutor</i>	
Janeiro	0	0%	12	100%
Fevereiro	1	8%	11	92%
Março	1	10%	9	90%
Abril	4	12%	29	88%
Maio	3	16%	16	84%
Junho	1	5%	19	95%
Julho	0	0%	20	100%
Agosto	2	14%	12	86%
Setembro	2	7%	25	93%
Outubro	2	7%	27	93%
Novembro	1	5%	21	95%
Dezembro	0	0%	11	100%
<i>Total/Média</i>	17	7%	212	93%

1.9. 2006

Tabela 40 - Análise das obras traduzidas vs. as obras não traduzidas em resenhas críticas em 2006

<i>Mês</i>	<i>Obras não traduzidas</i>		<i>Obras traduzidas</i>	
Janeiro	8	24%	25	76%
Fevereiro	8	25%	24	75%
Março	13	43%	17	57%
Abril	11	27%	30	73%
Maio	14	39%	22	61%
Junho	17	55%	14	45%
Julho	11	61%	7	39%
Agosto	13	65%	7	35%
Setembro	7	28%	18	72%
Outubro	10	50%	10	50%
Novembro	8	47%	9	53%
Dezembro	10	56%	8	44%
<i>Total/Média</i>	130	43%	191	57%

Tabela 41 - Análise das resenhas críticas de obras traduzidas com referência bibliográfica completa e com referência no corpo do texto ao papel do tradutor em 2006

<i>Mês</i>	<i>Ref. Bibliográfica</i>		<i>Ref. Corpo do Texto</i>	
Janeiro	25	100%	3	12%
Fevereiro	24	100%	3	13%
Março	17	100%	1	6%
Abril	30	100%	4	13%
Maio	20	91%	2	9%
Junho	14	100%	3	21%
Julho	6	86%	1	14%
Agosto	7	100%	1	14%
Setembro	18	100%	2	11%
Outubro	10	100%	2	20%
Novembro	9	100%	3	33%
Dezembro	8	100%	1	13%
<i>Total/Média</i>	188	98%	26	15%

Tabela 42 - Análise das resenhas críticas de obras não traduzidas em língua portuguesa vs. as obras não traduzidas noutra língua em 2006

<i>Mês</i>	<i>Obras em português</i>		<i>Obras noutra língua</i>	
Janeiro	8	100%	0	0%
Fevereiro	8	100%	0	0%
Março	13	100%	0	0%
Abril	10	91%	1	9%
Maio	14	100%	0	0%
Junho	17	100%	0	0%
Julho	11	100%	0	0%
Agosto	13	100%	0	0%
Setembro	7	100%	0	0%
Outubro	10	100%	0	0%
Novembro	8	100%	0	0%
Dezembro	8	80%	2	20%
<i>Total/Média</i>	127	98%	3	2%

Tabela 43 - Análise das capas reproduzidas em resenhas críticas de obras traduzidas em 2006

<i>Mês</i>	<i>Com ref. ao tradutor</i>		<i>Sem ref. ao tradutor</i>	
Janeiro	2	8%	23	92%
Fevereiro	1	4%	23	96%
Março	0	0%	17	100%
Abril	0	0%	30	100%
Maio	1	5%	21	95%
Junho	0	0%	14	100%
Julho	0	0%	7	100%
Agosto	1	14%	6	86%
Setembro	1	6%	17	94%
Outubro	0	0%	10	100%
Novembro	0	0%	9	100%
Dezembro	0	0%	8	100%
<i>Total/Média</i>	6	3%	185	97%

1.10. 2007

Tabela 44 - Análise das obras traduzidas vs. as obras não traduzidas em resenhas críticas em 2007

<i>Mês</i>	<i>Obras não traduzidas</i>		<i>Obras traduzidas</i>	
Janeiro	10	50%	10	50%
Fevereiro	12	63%	7	37%
Março	14	52%	13	48%
Abril	10	45%	12	55%
Maio	6	32%	13	68%
Junho	11	42%	15	58%
Julho	9	53%	8	47%
Agosto	6	29%	15	71%
Setembro	7	35%	13	65%
Outubro	6	38%	10	63%
Novembro	1	33%	2	67%
Dezembro	8	80%	2	20%
<i>Total/Média</i>	100	46%	120	54%

Tabela 45 - Análise das recensões críticas de obras traduzidas com referência bibliográfica completa e com referência no corpo do texto ao papel do tradutor em 2007

<i>Mês</i>	<i>Ref. Bibliográfica</i>		<i>Ref. Corpo do Texto</i>	
Janeiro	10	100%	3	30%
Fevereiro	7	100%	1	14%
Março	13	100%	3	23%
Abril	12	100%	1	8%
Maio	13	100%	4	31%
Junho	14	93%	0	0%
Julho	8	100%	1	13%
Agosto	15	100%	1	7%
Setembro	13	100%	2	15%
Outubro	10	100%	1	10%
Novembro	2	100%	1	50%
Dezembro	2	100%	1	50%
<i>Total/Média</i>	119	99%	19	21%

Tabela 46 - Análise das recensões críticas de obras não traduzidas em língua portuguesa vs. as obras não traduzidas noutra língua em 2007

<i>Mês</i>	<i>Obras em português</i>		<i>Obras noutra língua</i>	
Janeiro	9	90%	1	10%
Fevereiro	12	100%	0	0%
Março	13	93%	1	7%
Abril	10	100%	0	0%
Maio	6	100%	0	0%
Junho	11	100%	0	0%
Julho	8	89%	0	0%
Agosto	4	67%	2	33%
Setembro	6	86%	1	14%
Outubro	6	100%	0	0%
Novembro	1	100%	0	0%
Dezembro	8	100%	0	0%
<i>Total/Média</i>	94	94%	5	5%

Tabela 47 - Análise das capas reproduzidas em recensões críticas de obras traduzidas em 2007

<i>Mês</i>	<i>Com ref. ao tradutor</i>		<i>Sem ref. ao tradutor</i>	
Janeiro	2	20%	8	80%
Fevereiro	0	0%	7	100%
Março	2	17%	10	83%
Abril	1	8%	11	92%
Maio	0	0%	13	100%
Junho	1	6%	15	94%
Julho	1	13%	7	88%
Agosto	2	13%	13	87%
Setembro	0	0%	13	100%
Outubro	0	0%	9	100%
Novembro	0	0%	2	100%
Dezembro	0	0%	2	100%
<i>Total/Média</i>	9	6%	110	94%

ANEXO B

Livros

A estrada de Cormac

O mais recente livro de Cormac McCarthy mantém, como os anteriores, a vida no ponto de mira da morte. A condenação e a redenção no virar de cada página

Sou um cormaquiano, fã incondicional do reclusivo escritor norte-americano Cormac McCarthy, que acaba de publicar em Portugal **A Estrada (The Road)**, o seu terrível e belo último romance. Descobri o autor há alguns anos com a sua «Trilogia da Fronteira», que inclui **All the Pretty Horses** (1992, **Belos Cavalos** na tradução portuguesa), **The Crossing** (1994) e **Cities of the Plain** (1998). Em finais do ano passado, somei razões à minha fidelidade com **No Country for Old Men** (o filme homónimo foi este ano apresentado no Festival de Cannes). Agora, com **A Estrada**, entreguei-me por completo à minha devoção por um autor que sempre me deixa no fio da navalha, no ponto de mira do revólver, que ele sempre me aponta sem que eu saiba, página a página, se morro ou se sobrevivo na página seguinte.

Não li todos os seus livros, nomeadamente o também aclamado **Meridiano de Sangue** (já traduzido em português) e a sua primeira obra publicada, **O Guarda do Pomar**, também editada entre nós. Não sei dizer se Cormac McCarthy tem uma «escrita masculina», no sentido de que perpassa na sua obra uma inevitável virilidade, decorrente das circunstâncias extremas que envolvem as suas personagens, como se todo e qualquer momento da narrativa, ou da vida, fosse uma questão, própria ou alheia, de vida ou de morte, uma permanente opção entre o bem e o mal, o pecado e a virtude. Não sei dizer se ele trata o Homem como quem analisa a Humanidade, mulher incluída, ou se, pelo contrário, a sua conversa, a sua escrita, é uma conversa de homem para homem. Sei que a minha entrega a este autor transcende a compreensão das coisas imediatas e me coloca num juízo final durante o qual tenho de prestar contas a mim próprio. Estarei eu, exemplar único e simultaneamente total da Humanidade, irremediavelmente condenado? Ou terei hipótese de redenção? McCarthy leva-nos pela incerteza, porque a condenação e a redenção são quase como irmãos gémeos, um sentindo o que o outro nem se apercebe.

Nos três livros que constituem a «Trilogia da Fronteira», McCarthy passa de um mundo conhecido para outro mundo conhecido, descreve, com aquela sua habitual dolorosa e meticulosa pormenorização infinitesimal, física, geográfica e sentimental, os diversos rituais e matizes da passagem do homem pela paisagem dos tempos que

correram desde o final da II Guerra Mundial até ao advento da «narco-existência» na fronteira dos Estados Unidos com o México.

John Grady Cole, herói contemplativo e contrafeito do primeiro, encontra-se no terceiro livro com Billy Parham, herói do segundo. Nos enredos em que McCarthy os coloca da adolescência à idade adulta e velha, são heróis por estarem vivos, por aprenderem à sua custa que raramente se foge ao destino de cada um. Se se pode tirar uma conclusão da «Trilogia» é a da perda das identidades anteriores, a da perda da inocência no que ela tem de valor a preservar.

O testemunho distanciado e conformado dessa passagem do tempo antigo para o moderno, no que ela inexoravelmente trouxe de alteração dos valores e princípios, surge anos mais tarde pela voz do velho e tarimbado xerife Bell, que vai meditando na vida e nas qualidades e defeitos da natureza humana à medida que corre, como um «western», a acção de **No Country for Old Men** (2005). Bell dá caça ao protagonista não para assistir à sua morte (a sua meditação começa precisamente pela execução de um condenado que ele prendeu: «*Enviei um rapaz para a câmara de gás em Huntsville...*») mas para o salvar de um outro caçador - um assassino profissional psicopático que não deixa créditos por corpos alheios. Llewlyn Moss, um relativamente jovem e tranquilo veterano da guerra do Vietname, parte à caça de antílopes e encontra um mal sucedido negócio de droga numa baixa do deserto fronteiriço - um jipe crivado de balas, homens mortos no chão, sacos de heroína e um outro saco com um bom punhado de dólares (milhões deles) mesmo à mão de semear... o que magistralmente floresce nas 309 páginas do livro.

O que se intuía na «Trilogia» - a violência íntima e externa dos mundos em passagem - explode aqui neste «thriller» de onde ninguém, ou quase ninguém, sai vivo, simbólica e literalmente. Não é necessário acrescentar mais nada aos diálogos. Mais do que é dito e escrito, conta a intencionalidade do que não é dito, a inevitabilidade do cumprimento dos destinos não forjados e da missão de cada um na Terra.

E a missão de Cormac McCarthy, a sua derradeira viagem iniciática, (que fará 74 anos no próximo dia 20 de Julho) neste seu último e espantoso livro é a de conduzir pai e filho, empurrando um carrinho de supermercado com alguns cobertores, escassos víveres e um ou outro brinquedo, por uma América devastada por um inominado acontecimento apocalíptico, provavelmente uma explosão nuclear planetária. O livro é dedicado a John Francis McCarthy, presumivelmente o seu filho mais novo, que deverá ter menos de 10 anos, e as analogias não poderão ser ignoradas, dando a **A Estrada** um comovedor cunho pessoal. Como é possível transformar um enredo tão simples (duas personagens em movimento de sobrevivência num cenário que lembra o primeiro filme da série «Mad Max») numa obra-prima é o segredo do autor. Mais uma vez, não vai em busca das respostas simples - a mãe do rapaz, num acto de lucidez face à impossibilidade de vida futura e

de enfrentar a dor e sofrimento que ela acarreta em caso de sobrevivência, suicida-se logo no início.

É um livro profético, um romance de horror gótico, se quisermos, que quase aproxima o autor da ficção científica, mas é também uma extraordinária história de amor entre pai e filho, narrada nos derradeiros limites da relação - o que fazer com as duas únicas balas ao seu dispor (mato-o e mato-me?). É de tal modo tensa e dramática a narrativa, é de tal modo violenta a circunstância em que decorre e é de tal modo meiga, cúmplice, lapidar e familiar a relação entre pai e filho que o leitor cai facilmente na tentação de espreitar as páginas seguintes, para se sentir, ou não, mais aliviado. O laborioso trabalho de tradução de Paulo Faria (a meticulosa e muito detalhada escrita de McCarthy constitui sempre um desafio para os tradutores) mantém quase à letra a densidade dramática da língua original.

Anima o filho a certeza (inventada pelo pai) de que transporta o fogo interior, o testemunho a transmitir de uma esperança de um mundo melhor; no mínimo, de um sítio para viver, que mesmo assim, na melhor das hipóteses, já nem pode contar com as memórias antediluvianas.

«O que é?

Nada.

Havemos de encontrar alguma coisa para comer. Encontramos sempre.

O rapaz não respondeu. O homem observava-o.

Não é isso, pois não?

(...)

Nós nunca seríamos capaz de comer uma pessoa, pois não?

Não, é claro que não.

(...)

Aconteça o que acontecer.

Sim. Aconteça o que acontecer.

Porque nós somos os bons.

Sim.

E transportamos o fogo.

E transportamos o fogo. Sim.

Está bem.

(...)

Ele começava a achar que a morte os alcançara finalmente e que o melhor era encontrar um lugar qualquer para se esconderem onde ninguém descobrisse os cadáveres. Havia alturas em que ficava a ver o rapaz a dormir e começava a soluçar descontroladamente, mas não era por causa da morte. Não sabia ao certo porque seria, mas achava que era por causa da beleza ou da bondade.» (págs. 88-89)

Não é possível sobreviver num mundo gélido, calcinado, escuro, molhado, onde só um homem com um destino a cumprir, custe o custar, incluindo a própria vida (o de salvar o filho mesmo que isso implique a hipótese colocada de o abater), consegue

ver além (embora não haja nada) da constante e permanente poalha de cinza. («*Ele sabia serem vãs as esperanças que depositava nesse porvir*», pág. 141). No entanto, Cormac McCarthy pai e personagem, autor que explora em permanência a capacidade da natureza humana de albergar o bem e o mal, quando for caso disso, encontra aqui, como sempre o conseguiu nos anteriores livros, o caminho certo para a sua estrada literária. Mantendo o leitor no fio da navalha ou, como eu gosto mais, com o revólver apontado ao leitor, obrigando-o a decidir-se.

A Estrada

Cormac McCarthy

Relógio D'Água, 2007, trad. de Paulo Faria, 192 págs., €14

Texto de Miguel Calado Lopes

ANEXO C

E traduzindo me escrevi

Sonetos sobre Shakespeare, de Vasco Graça Moura

OS SONETOS DE SHAKESPEARE

de Vasco Graça Moura

(Bertrand, 2002, 342 págs., €25)

João Almeida Flor



JORGE SIMÃO

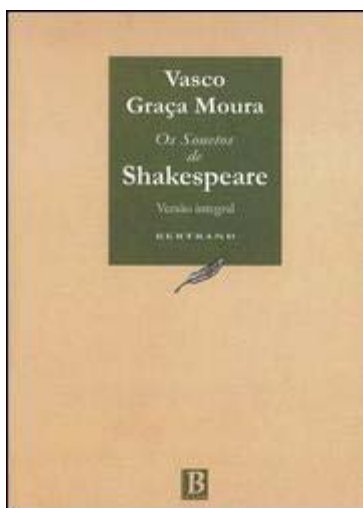
Uma tradução para se
anexar aos poemas de
VGM e entre eles figurar
por direito próprio

A recepção de Shakespeare entre nós tem vindo a assumir formas muito diversificadas, mas nem sempre visíveis pelo grande público. Assim, na bibliografia shakespeariana portuguesa contam-se obras ensaísticas, escritas por estudiosos universitários e críticos profissionais que colaboram em revistas da especialidade ou nas raras páginas literárias da imprensa periódica. Ao lado delas podemos também detectar abundantes exemplos de retoma temática, de reelaborações discursivas, de glosas e intertextualidades variadas, de reencarnação de personagens e de revisitação a espaços reais ou fantasiados que constituem outras tantas matérias shakespearianas, em processo de incorporação na própria literatura portuguesa.

Finalmente, não se devem esquecer as traduções de textos dramáticos consagrados (muitas vezes como suporte de encenações teatrais) que, todavia, nem sempre logram atrair as atenções dos editores e, por isso mesmo, estão condenados a existência precária e efémera. Por via de regra mal-amadas, as traduções literárias de Shakespeare vindas a lume entre nós são, como tantas outras, textos ambíguos e problemáticos, que constituem o compromisso e a ponte possíveis entre duas posições extremas. De um lado situa-se a cultura de origem, inglesa e quinhentista, e, do outro, a cultura de destino, portuguesa e contemporânea, ambas caracterizadas por contextos geográfico-linguísticos e histórico-sociológicos bem diferenciados. No seu conjunto, bastariam tais distanciamentos para determinar muitas das normas

que, logo à partida, os tradutores se vêem coagidos a aceitar, compatibilizando-as com a relativa liberdade criadora que a si próprios concedem. Por isso, sendo textos situados em trânsito intercultural, as traduções resultam justamente do modo como vai sendo possível conciliar ou superar as tensões e as contradições, criadas por diversos impulsos divergentes.

Entre nós, várias décadas de inércia têm habituado os leitores a discernir criticamente os eventuais méritos da tradução apenas de maneira retrospectiva, isto é, mediante o confronto do texto vertido com o original. Sem pretender invalidar esse procedimento, convirá ter presente que, para obter uma visão mais aprofundada, este não é o único caminho possível. Com efeito, as versões literárias podem ser igualmente perspectivadas em função das expectativas do público a que se destinam, da sua pertença efectiva à cultura receptora e ainda do seu valor documental, por testemunharem características poéticas de uma época ou de uma geração e por revelarem marcas específicas da escrita do autor que traduz. Nestes termos e tendo em conta a complexidade estrutural, o rigor da aculturação e a valia estética do trabalho desenvolvido por alguns nomes das letras contemporâneas, não será difícil entender que a tradução literária pode constituir também uma modalidade de expressão poética e, como tal, é susceptível de ser apreciada.



De resto, no caso de Vasco Graça Moura, a sua obra própria e as que traduz parecem obedecer a um mesmo imperativo de mediação estética. Sempre rigoroso quanto à génese e à cronologia das suas traduções, VGM confessa, em 1978, por exemplo, que numa noite de Fevereiro de 1974 lhe surgiram de repente, em português, os primeiros quatro versos do soneto 130 e que o resto foi tão rápido que no fim desse mês estavam traduzidos 35 sonetos de Shakespeare. Mais tarde, numa página diarística publicada em 1995 (**Circunstâncias Vividas**), VGM informa que a versão de 55 sonetos de Rilke se lhe desencadeou entre 29 de Outubro e 6 de Novembro de 1994, com tal premência que se viu obrigado a interromper a escrita de um romance. Sobre o regresso recente a Shakespeare, também não se dispensa VGM de frisar que

a versão integral dos Sonetos decorreu entre o convite da editora, em Fevereiro, e o dia 5 de Março de 2002, data com que remata o prefácio. Ora, tomadas na sua globalidade, estas informações remetem para uma teoria da inspiração (súbita e avassaladora) e da composição (complexa e elaborada) que se encontra tradicionalmente associada à génese da poesia original mas que, em VGM, também se comunica à obscura Musa da tradução literária.

Neste quadro, tornar-se-ia possível pensar criticamente o conjunto da obra literária própria de VGM, primeiro em termos gerais, por aquilo que ela própria selecciona, transcreve e reelabora do multissecular cânone ocidental. Depois, em termos particulares, pelo modo como ela tem estabelecido diálogos com Shakespeare cujos Sonetos o poeta-tradutor revisitou e reescreveu por várias vezes, no decurso dos últimos vinte e cinco anos.

Com efeito, se compararmos as suas versões publicadas em 1977, 1978, 1987 e 2002, verificamos que a ampliação sucessiva do corpo textual trabalhado (primeiro dezassete, depois cinquenta e, hoje, todos os cento e cinquenta e quatro sonetos) coexiste, porventura de modo paradoxal, com a redução sustentada no veículo poético da tradução. Na verdade, o verso, no texto de 1977 com doze sílabas, assume, na versão mais recente, a cadência do decassílabo português cujas ressonâncias quinhentistas se cruzam com reminiscências camonianas, numa interpretação de Shakespeare que origina uma tradução literariamente relevante. Ninguém duvidará dos riscos e dos reptos nascidos por adopção do decassílabo, mas importa aqui reconhecer que ele tem a vantagem de transferir o texto traduzido para o núcleo do cânone literário português onde, afinal, avulta a tradição sonetística cultivada por Camões, Bocage e Antero. Se tal efeito de centralização tiver sido obtido, então terá valido a pena reduzir o espaço de liberdade consentido à tradução poética, introduzindo no texto o princípio normativo radical que submete a expressão à inexorável disciplina da rasura e da elipse. E, todavia, vistas bem as coisas, não será o máximo constrangimento (se auto-imposto e interiorizado) de algum modo compatível com a máxima liberdade?

De resto, a selecção dos Sonetos (e não das peças) de Shakespeare por VGM também se afigura consentânea com opções e atitudes, assumidas na sua obra criativa e crítica. Na verdade, com o propósito de reconduzir a poesia à raiz da subjectividade, VGM contrapõe o lirismo, na primeira pessoa do discurso, aos impulsos modernistas que talharam poéticas baseadas no apagamento do sujeito enunciador, exemplarmente manifestadas em Pessoa e seus herdeiros. Um passo mais adiante, até mesmo a tradução literária - tradicionalmente teorizada como reescrita de obra alheia - se aproxima da expressão lírica, na medida em que denota a visibilidade do tradutor. Com efeito, ao autor VGM a tradução tem proporcionado um trabalho oficial, um laboratório onde ensaia sondagens e incursões nas obras alheias que configuram o timbre da sua voz. Este é um dos motivos pelos quais esta tradução deve anexar-se aos poemas de VGM e entre eles figurar por direito próprio.

Não se justificaria aqui enumerar as múltiplas resistências que o lirismo shakespeariano oferece ao tradutor mas valerá a pena deixar três apontamentos breves.

O primeiro para evidenciar que, em termos de construção interior e esquema estrófico e rimático, a tradução replica Shakespeare, porquanto constrói sonetos compostos de três quadras e um dístico, ao invés do que a tradição portuguesa consagrou. Esta opção torna possível manter quase intacta a sequência argumentativa e demonstrativa dos sonetos shakespearianos que expõem premissas, desenvolvem raciocínios e extraem conclusões. No entanto, por intensa que possa ser a integração de Shakespeare na cultura portuguesa levada a cabo por VGM, o respeito pela estrutura estrófica original acaba por introduzir no texto um elemento estranho ao sistema literário português.

O segundo apontamento diz respeito à riqueza e complexidade do vocabulário de Shakespeare. Na totalidade dos sonetos, não poderiam ser mais ricas e diversas a qualidade e quantidade dos sectores da vida quotidiana abrangidas e exploradas pelo poeta, o que aumenta extraordinariamente o repertório verbal que o tradutor se obriga a manejar. Além disso, tomada de per si, a temática de cada soneto desenvolve-se por recurso a um mesmo campo semântico, o que reforça a coesão interna do texto e mobiliza terminologias especializadas, com muito maior frequência do que seria de esperar na linguagem literária. Acresce ainda que os jogos de ambiguidade e de polissemia, activados por Shakespeare, não se transpõem para outra língua, sem perdas substanciais. Este é o caso emblemático do termo português *ardor* que, nos sonetos 57, 136 e 143, e a despeito das suas variações gráficas (maiúscula/minúscula) e das reverberações estabelecidas com *amor*, não dispõe da plasticidade de *will*, que, além de verbo auxiliar, é também nome comum com o significado de órgão (e excitação) sexual e até a forma abreviada do nome próprio William que (ironicamente?) era o de Shakespeare.

Por último, anotemos que, na esteira de tradições literárias antiquíssimas, os Sonetos encenam várias modalidades de triangulação afectiva, entre as quais se incluem pulsões homoeróticas. Não foram poucos os editores e tradutores que se permitiram mitigar ou desfigurar tais explicitações, fornecendo ao público poemas expurgados. Como não podia deixar de ser, VGM respeita a integridade do original e do translato, renunciando a quaisquer intervenções textuais injustificáveis.

Se uma frase puder sintetizar um juízo avaliativo sobre o significado do trabalho de VGM, diremos que estes Sonetos, camonianamente shakespearianos, inauguram de forma auspiciosa a recepção do poeta inglês na literatura portuguesa do século XXI.

ANEXO D

Oferta Nº: 587608415

Sector de Actividade da Entidade: FAB DE MOBILIÁRIO DE COZINHA

Profissão Pretendida

Profissão: TRADUTOR (M/F)

Número de Postos: 1

Local Trabalho

Freguesia(s): CERNACHE DO BONJARDIM;

Habilitações escolares

Habilitações Mínimas: 9º Ano

Idiomas

Idioma Oralidade Escrita Leitura

FRANCÊS Muito Bom Muito Bom Muito Bom

INGLÊS Muito Bom Muito Bom Muito Bom

Carta Condução

Tipo de Carta Condução: Ligeiros

Horário Trabalho

Horário: 8 HORAS DIARIAS

Descanso Semanal: A COMBINAR

Condições

Conhecimentos Profissionais: PRETENDE-SE PESSOA COM ELEVADOS

CONHECIMENTOS DE LINGUAS ESTRANGEIRAS, NOMEADAMENTE FRANCES E

INGLES

Conhecimentos Específicos: FRANCES E INGLES

Outros Dados

Tipo de Contrato Oferecido: Permanente

Trabalho a Tempo: Completo

Remuneração oferecida: 500 Euro

Fonte: Portal do Instituto de Emprego e Formação Profissional

Local Trabalho – Freguesia(s): TORRES VEDRAS (S. PEDRO E SANTIAGO);

Habilitações Mínimas: 9º Ano

Horário: DAS 09H ÀS 18H, DE 2ª A 6ª FEIRA

Descanso Semanal: SÁBADO E DOMINGO

Conhecimentos Profissionais: PRETENDEM UMA PESSOA PARA FAZER TRADUÇÕES DE ALEMÃO/PORTUGUÊS. DÁ PREFERÊNCIA A CANDIDATOS QUE TENHAM VIVIDO OU ESTUDADO NA ALEMANHA E QUE SAIBAM CORRECTAMENTE O ALEMÃO (FALADO E ESCRITO).

Tipo de Contrato Oferecido: Permanente

Trabalho a Tempo: Completo

Remuneração oferecida: 700 Euro

Outras Regalias: SALÁRIO A COMBINAR E DE ACORDO COM A EXPERIÊNCIA.

Para mais informações: Oferta Nº: 587466660

Fonte: Portal do Instituto de Emprego e Formação Profissional

Tradutor Grego – Sector Automóvel

Recrutamos tradutor língua grega – empresa sector automóvel – lisboa (urgente)

Descrição da oferta:

O nosso cliente é uma empresa do sector automóvel que procura Tradutor, com conhecimentos da Língua Grega, em Lisboa.

Descrição da função:

Tradução e interpretação de dados.

Requisitos:

- Escolaridade mínima 12º ano;
- Conhecimentos das línguas Grega e Inglesa (escrito/falado)- requisito obrigatório;
- Com ou sem experiência na função;
- Sentido de responsabilidade.

Oferecemos:

- Full-time ou part-time;
- Colocação directa na empresa cliente.

Para responderes ao anúncio, envia o teu CV para *** e *** indicando a refª FLEETGREG ou contacta-nos pelo 21 893 30 50.

Fonte: <http://www.centro-emprego.com/job.php?id=140311>

ANEXO E

CONTRATO DE TRADUÇÃO

XX, com o NIPC XX, com sede em XX, registada na Conservatória do Registo Comercial de Oeiras sob o número XX, representada por XX, sócio-gerente e XX, de ora em diante designada por EDITORA

e

XX, contribuinte fiscal nº XX , residente em XX, de ora em diante designado por TRADUTORA.

CLÁUSULA PRIMEIRA

(OBJECTO)

1. A TRADUTORA obriga-se a fazer a tradução, de ora em diante designada TRADUÇÃO, para língua portuguesa da obra **XX**, de ora em diante designada OBRA, autorizando desde já a EDITORA à reprodução, impressão e comercialização, em Portugal ou no estrangeiro, por qualquer meio, da TRADUÇÃO.

CLÁUSULA SEGUNDA (EXECUÇÃO DA TRADUÇÃO)

1. Na execução da tradução, a TRADUTORA obriga-se a:

- a) traduzir a OBRA, na íntegra e com correcção, assegurando o respeito pela obra original;
- b) traduzir a obra na sua totalidade incluindo título, capa, contracapa, badanas, lombadas, notas, agradecimentos, advertências, introdução, epílogo, prefácio e posfácio, com excepção da ficha técnica que não deverá ser traduzida, ou qualquer outra exclusão que a EDITORA expressamente indique como não sujeita a tradução;

- c) propor à EDITORA a substituição ou eliminação de palavras, frases ou períodos, cuja publicação julgue inconveniente na edição em língua portuguesa;
- d) sujeitar-se às modificações sugeridas pela EDITORA necessárias para assegurar o respeito pela OBRA;
- e) sujeitar-se à revisão e modificação da TRADUÇÃO por técnico escolhido pela EDITORA, sempre que a natureza e características da OBRA exijam conhecimentos específicos;
- f) conformar o texto da TRADUÇÃO a certa determinação gráfica, se assim a EDITORA o indicar.

2. Na execução do contrato, a EDITORA deve:

- 1. entregar na data da assinatura do presente contrato, um exemplar da OBRA na língua original à TRADUTORA a título de empréstimo, o qual deve ser devolvido à EDITORA no final do contrato;
- 2. comunicar à TRADUTORA quaisquer alterações que, por indicação do autor da OBRA ou seu representante, devam ser introduzidas na edição portuguesa da OBRA;
- 3. examinar, no prazo de *30 dias*, após a data da entrega da TRADUÇÃO se a mesma se encontra nas condições das alíneas a) a f) do número um desta cláusula.

CLÁUSULA TERCEIRA (PRAZO DE ENTREGA)

1. A TRADUÇÃO acabada e definitiva deve ser entregue à EDITORA até ao dia **XX**.

1.1 A TRADUÇÃO deve ser entregue em suporte digital e numa cópia em papel à EDITORA até à data prevista no número 1. da presente cláusula.

2. O prazo indicado no número anterior, poderá, mediante aviso prévio escrito da TRADUTORA à EDITORA de *10 dias* antes do termo indicado no número um desta cláusula, ser prorrogado em 15 dias, caso a EDITORA aceite tal prorrogação, sem qualquer penalização.

CLÁUSULA QUARTA

(NOTAS DE TRADUTOR E ESCRITOS ADICIONAIS)

1. A TRADUTORA poderá escrever as notas de tradução que julgar convenientes, sujeitas a aprovação da EDITORA.
2. A TRADUTORA e a EDITORA poderão acordar que a TRADUTORA, com ou sem remuneração, possa escrever um prefácio para a obra, o qual será publicada ou não, caso a EDITORA assim o entender.

CLÁUSULA QUINTA
(AUTORIZAÇÕES)

1. A TRADUTORA, por este contrato, autoriza ainda a EDITORA a:
 - a) ao número de edições impressas da obra traduzida que a EDITORA venha a fazer de acordo com o estabelecido com o autor da OBRA e durante o período deste contrato;
 - b) pré e pós publicação nos media para efeitos promocionais;
 - c) reprodução e impressão em edição ilustrada, “clube do livro”, “livro de bolso”, “livro de banca ou de quiosque”, edições especiais ou limitadas ou outro meio de reprodução gráfica da obra traduzida ;
 - d) reprodução em *CD Rom*, *audiobooks*, e, em geral a colocação da TRADUÇÃO à disposição do público, por fio ou sem fio, por forma a torná-lo acessível a qualquer pessoa a partir do local e no momento por ele escolhido;
 - e) reprodução directa ou indirecta, temporária ou permanente, por quaisquer meios e por qualquer forma, no todo ou em parte;
 - f) difusão pela televisão, radiofonia ou por qualquer outro processo de reprodução de sinais, sons ou imagens, por fio ou sem fios, nomeadamente por ondas hertzianas, fibras ópticas, cabo ou satélite, ainda que feito por outro organismo que não a EDITORA;
 - g) reprodução e a adaptação necessárias para representação teatral ou a exibição cinematográfica ou fixação videográfica;
 - h) utilização da TRADUÇÃO e, nomeadamente a reprodução, por qualquer modo ainda que não conhecido actualmente.
2. Se, em alguns dos casos mencionados nas alíneas no número 1 nesta cláusula, a

EDITORA tiver de transferir os direitos para terceiros, a TRADUTORA presta desde já o seu consentimento para a transferência desde que se destine a uma das utilizações previstas nas referidas alíneas do número um.

3. A TRADUTORA não terá direito a retribuição ou compensação suplementar caso venha ser feita alguma das utilizações mencionadas nos números um e dois desta cláusula.

CLÁUSULA SEXTA (RETRIBUIÇÃO)

A retribuição da TRADUTORA consiste numa quantia fixa a pagar pela totalidade da edição e de todas as autorizações concedidas nos termos da cláusula quinta, correspondente a **xx€** por página, contendo cada página mil e oitocentos caracteres no programa *word* do *Windows* da *Microsoft*, incluindo espaços. A EDITORA deve entregar, gratuitamente, à TRADUTORA 2 (dois) exemplares da obra.

CLÁUSULA SÉTIMA (PERFEIÇÃO DA TRADUÇÃO E PAGAMENTO)

1. A TRADUÇÃO apenas se considera acabada, decorridos 30 dias após a sua entrega à EDITORA, caso a mesma não tenha sugerido qualquer alteração.
2. Nessa data, a TRADUTORA emite a sua nota de honorários, com a retribuição acordada, onde fará incidir o IVA e a retenção de IRS, e enviá-la-á à EDITORA.
3. A EDITORA pagará à TRADUTORA tal valor **45** dias após o final do mês da recepção da nota de honorários.
4. A TRADUTORA emitirá o respectivo recibo nos 5 dias anteriores ao final do prazo mencionado no número três desta cláusula e enviá-lo-á à EDITORA.

CLÁUSULA OITAVA (CUMPRIMENTO DEFEITUOSO, INCUMPRIMENTO DO CONTRATO E RESOLUÇÃO)

1. Durante o prazo de *30 dias* referido na cláusula sétima, caso a TRADUÇÃO não esteja de acordo com algumas das condições referidas na cláusula segunda, número um, deste contrato, e desde que sejam questões de pormenor ou que impliquem pequenas alterações, a EDITORA pode, em alternativa:
 - a) enviar de novo a TRADUÇÃO para a TRADUTORA, para que esta, em 30 dias proceda às alterações necessárias, caso se trate de pequenas alterações;
 - b) sujeitar a TRADUÇÃO às alterações necessárias que o revisor de texto da EDITORA considere devidas, caso se trate de pequenas alterações sugeridas pelo revisor.
- 1.1. No caso previsto na alínea b) do número um desta cláusula, à TRADUTORA deve ser dado conhecimento de tal introdução de modificações pelo revisor da

EDITORA.

2. No mesmo prazo e caso a TRADUÇÃO esteja mal executada, implicando alteração substancial de texto ou contenha erros relevantes, a EDITORA pode por sua escolha, em alternativa e consoante a gravidade do defeito da tradução:

- a) resolver o contrato, sem qualquer retribuição à TRADUTORA;
- b) considerar a TRADUÇÃO incompleta, pagando à TRADUTORA a parte proporcional do trabalho feito que possa ser utilizada por outro tradutor, desde que a TRADUTORA consinta, por escrito, na utilização dessa parte da tradução.

3. O não cumprimento do prazo de entrega da TRADUÇÃO à EDITORA, previsto na cláusula terceira deste contrato, e desde que não se tenha acordado na prorrogação de prazo nos termos do número dois da cláusula terceira ou tal prazo de prorrogação seja ultrapassado, implica:

- a) durante o prazo de 15 dias posterior ao termo do prazo previsto na cláusula terceira, número um, ou do prazo previsto no número dois daquela cláusula terceira se assim tiver sido acordado entre as partes, o pagamento de uma pena pela TRADUTORA, no valor de 3% sobre o valor total da TRADUÇÃO, por cada dia de atraso na entrega, com o montante máximo de 45%, pena essa que será deduzida na retribuição acordada;
- b) após o decurso do prazo de 15 dias mencionado na alínea a) deste número três desta cláusula, a EDITORA tem direito a resolver o contrato, mediante simples declaração escrita de resolução enviada à TRADUTORA, sem qualquer pagamento de retribuição.

CLÁUSULA NONA (MENÇÕES OBRIGATÓRIAS)

1. A EDITORA obriga-se a indicar o nome da TRADUTORA em todos os exemplares da edição da OBRA traduzida ou qualquer outra utilização da TRADUÇÃO.
2. Se a TRADUTORA pretender adotar um pseudónimo deverá referi-lo, por escrito, à EDITORA até ao termo do prazo de entrega da TRADUÇÃO.

CLÁUSULA DÉCIMA (DURAÇÃO DO CONTRATO)

O presente contrato é celebrado por um prazo de 10 anos, a partir da data da assinatura, sendo automaticamente renovável, por prazos de um ano, se nenhuma das partes o denunciar através de carta registada com aviso de recepção enviada 60 dias antes da data do seu termo.

CLÁUSULA DÉCIMA PRIMEIRA (CLÁUSULA COMPROMISSÓRIA)

Quaisquer litígios emergentes de interpretação ou execução do presente contrato serão dirimidos por tribunal arbitral, organizado pelo Centro de Arbitragem Institucionalizada da Associação Portuguesa do Direito Intelectual.

CLÁUSULA DÉCIMA SEGUNDA
(ALTERAÇÕES POSTERIORES)

Qualquer alteração ao presente contrato só pode ser feita por acordo escrito entre as partes.

XX, XX de XX de XX

A EDITORA
TRADUTORA

A